

Avante!

Alegria em Braga



A contagem decrescente já começou. Amanhã, terminados os últimos retoques, o Parque de Exposições de Braga vai voltar a abrir as portas para satisfação dos milhares de visitantes de uma Festa que se tornou um ponto de referência na vida política e cultural da região. O comício de sábado, com Carlos Carvalhas, é o ponto alto do programa político.

Pág. 5



Este fim-de-semana todos os caminhos vão dar ao Parque de Exposições

FESTADO Avante! 2000

1 2 3 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL



O ideal da corrida

Torneios de promoção



Arte de transformar

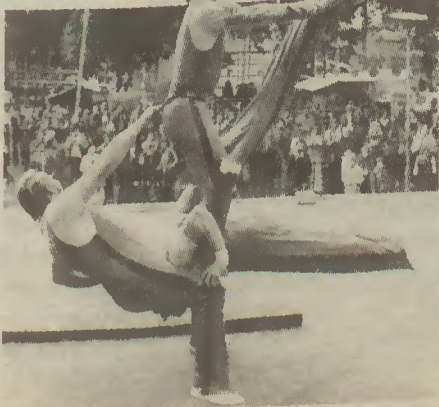
A festa!

FESTADO Avante! 2000

1 2 3 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

Convívio, amizade, solidariedade

O desporto é uma festa



Numa época em que uma feroz competição se impõe na sociedade, laureando vencedores e marginalizando vencidos, a Festa do «Avante!» contrapõe um vasto e competente programa desportivo assente nos princípios de solidariedade, confraternização e amizade.

Debate

O estado da Nação

A insatisfação crescente, o protesto e a luta de diversas camadas da população contra as políticas do Governo foram salientados por Carlos Carvalhas, no debate sobre o estado da Nação, como um «significativo indicador».

Págs. 8 e 9

Cuba

A crescer

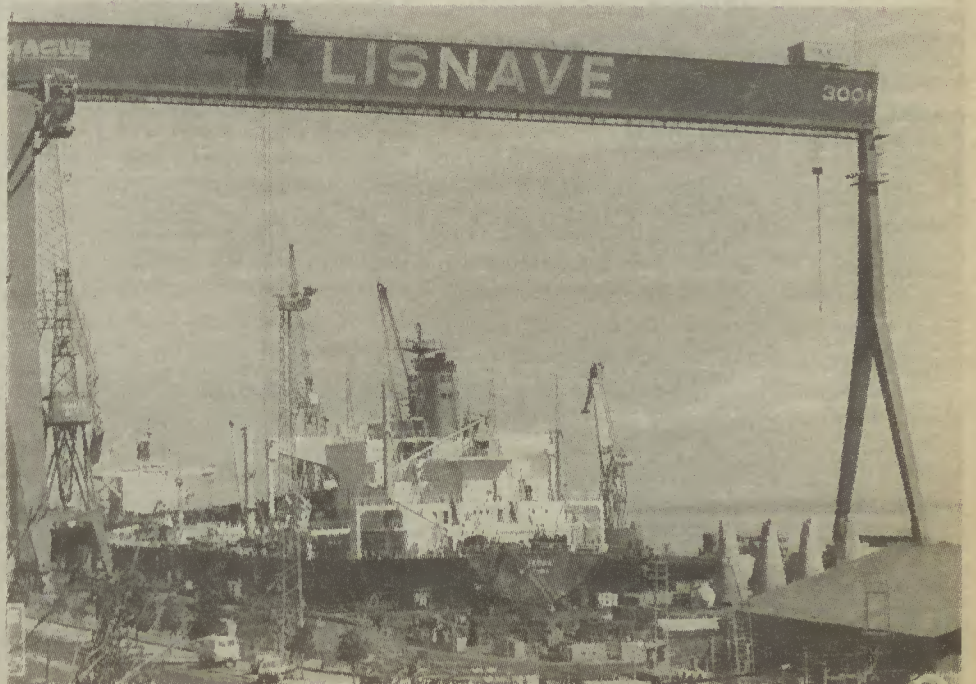
Em 1991, após a desagregação da URSS, Cuba ficou isolada. Em Washington festejaram prematuramente o fim do socialismo na Ilha. No ano 2000, a economia cubana apresenta a mais alta taxa de crescimento da América Latina.

Pág. 17

Lisnave a saque

O grupo Mello vendeu a Lisnave, deixando a empresa numa situação financeira bastante grave, com um passivo superior a 40 milhões de contos. O Governo foi o último a saber.

Págs. 4 e 8



Avante!

Proletários de todos os países
UNI-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Almirante Reis, 90,
7.ª-A, - 1169-161 Lisboa.
Capital social:
15 000 000\$00.
CRC matrícula: 47058.
NIF - 500 090 440

DIREÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93
E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Lúcia Calapez
Manuel Jorge Veloso
Margarida Folque

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria
Sérgio Morais

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE'S
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 924 04 47
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL
(Contínente e Regiões
Autónomas)

50 números: 8 100\$00
25 números: 4 200\$00

EUROPA
50 números: 21 850\$00

EXTRA-EUROPA
50 números: 30 600\$00

GUINÉ-BISSAU,
S. TOMÉ E PRÍNCIPE
e MACAU
50 números: 23 000\$00

*Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
a acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



7.ª Assembleia Concelhia do Barreiro

Resumo

28 Quarta-feira

A selecção portuguesa de futebol é eliminada nas meias-finais do campeonato europeu, por um penalti marcado aos 26 minutos do prolongamento ● Seixas Costa, secretário de Estado dos Assuntos Europeus, defende a criação de «Estados Gerais Europeus» ● Tem lugar em Lisboa a primeira Cimeira UE/Índia ● As Forças Armadas das ilhas Fiji anunciam que o país irá ter um governo militar nos próximos dois anos, parando as negociações com os golpistas que ainda têm como refém o ex-primeiro-ministro ● Ao fim de sete meses de confronto político, Elián, o pequeno naufrago cubano, é autorizado pelo Supremo Tribunal americano a regressar a Cuba.

29 Quinta-feira

O Tribunal Cível de Lisboa ameaça penhorar bens a Paulo Portas caso este não pague a indemnização devida a Braga Macedo ● É aprovada a proposta de quatorze parceiros da União Europeia para a eleição de três personalidades pelo Supremo Tribunal Europeu dos Direitos Humanos que vigiarão os direitos humanos na Áustria ● Helmut Kohl depõe pela primeira vez perante a comissão parlamentar de inquérito, acusando a própria comissão e a imprensa alemã de «quererem denegrir 16 anos de boa governação».

30 Sexta-feira

Realiza-se na Assembleia da República o debate sobre o estado da Nação, onde António Guterres apresenta um novo pacote fiscal que prevê uma nova tributação do IRS e flexibilização do sigilo bancário ● No mesmo debate o CDS/PP apresenta uma moção de censura contra o Governo ● Portugal completa a sua presidência da União Europeia, que caberá à França a partir de amanhã, dia 1 de Julho ● Tem início em Millau o julgamento de um grupo de agricultores acusados de destruir uma loja MacDonald's durante as manifestações contra a Organização Mundial do Comércio; julgamento que fica marcado por uma outra manifestação «antimundialização» de milhares de pessoas solidárias com os agricultores.

1 Sábado

Carlos Carvalhas participa na 7.ª Assembleia de Organização da Concelhia do Barreiro do PCP ● Oito jovens morrem num festival de música em Roskilde,

Dinamarca, esmagados pela audiência durante um concerto da banda norte-americana Pearl Jam ● A França inicia a presidência da União Europeia ● A Human Rights Watch denuncia a existência de centenas de milhares de crianças, na sua maioria de origem latino-americana, que sofrem de exploração de trabalho infantil nos Estados Unidos.

2 Domingo

A selecção francesa de futebol consagra-se campeã da Europa ao vencer a Itália por duas bolas a uma ● António Capucho, líder da bancada do PSD, afirma que a moção de censura contra o Governo apresentada pelo CDS/PP «está condenada ao fracasso» ● Um jornalista alemão é raptado na ilha filipina de Jolo, onde os rebeldes continuam a manter em sua posse 20 turistas de diversas nacionalidades ● Realizam-se eleições presidenciais no México.

3 Segunda-feira

O PS e o PCP chegam a acordo para a reforma do sistema de Segurança Social, que poderá levantar as pensões mínimas para os 40 mil escudos mensais até 2003 ● António Guterres encerra formalmente a presidência portuguesa da UE no Parlamento Europeu e coloca reservas ao sistema federal defendido pela França e Alemanha para a União ● O PAN (Partido da Acção Nacional) vence as eleições de domingo ● O Conselho Central da OLP, reunido em Gaza, aprova por unanimidade a proclamação do Estado palestino antes do fim do ano, ao mesmo tempo que Israel ameaça anexar o território.

4 Terça-feira

Octávio Teixeira anuncia que o PCP se vai abster na votação da moção de censura contra o Governo apresentada pelo PP, reafirmando contudo as críticas ao executivo pela sua política de direita ● O Tribunal de Contas acusa a Região Autónoma da Madeira de não ter equilíbrio financeiro, apresentando esta um buraco de 11,2 milhões de contos só no ano de 1998 ● Wolfgang Schuessel, chanceler austríaco, ameaça a União Europeia com um referendo em Outubro ou Novembro caso não haja levantamento das sanções ● É apreendido em Tânger, Marrocos, um camião TIR de matrícula portuguesa carregando três toneladas de haxixe.

Aconteceu

Mais queixas contra Pinochet

As queixas formais contra o ditador Augusto Pinochet não param de chegar aos tribunais chilenos. A 125.ª queixa foi esta semana formalmente apresentada em Santiago pela Associação

Latino-Americana para os Direitos Humanos, contendo uma lista de 37 estrangeiros «desaparecidos» durante a ditadura militar de Pinochet, suspeitando-se que, na sua maioria, tenham



sido executados logo após o golpe de Setembro de 1973. Dos 37

«desaparecidos» seis são equatorianos, 14 argentinos, seis bolivianos, um mexicano, um peruano, oito uruguaios e um venezuelano. Confirma-se assim que, apesar das enormes pressões dos círculos mais reaccionários chilenos, as denúncias contra Pinochet e os seus crimes continua com firmeza.

Desenvolvimento: na cauda da UE

Segundo o último relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Portugal ocupa o 28.º lugar na lista de todos os países do mundo em matéria de

desenvolvimento, mas é o mais atrasado da União Europeia (UE). A avaliação reporta-se a dados de 1998 e, nesta lista, o Canadá está em 1.º lugar, seguido pela Noruega, EUA, Austrália e Islândia. Alguns exemplos mostram, entretanto, que o nosso país é o mais atrasado entre os 15 que integram a União Europeia: em Portugal, a esperança de vida à nascença é de 75,5 anos, valor inferior ao da Grécia e aos dos restantes países da UE; o PIB per capita é um pouco superior ao da Grécia (14 701 dólares contra 13 943), mas inferior ao de todos os outros membros; em matéria de crime, Portugal também

«lidera» com o maior índice da União, o mesmo se passando em mortos e feridos em acidentes rodoviários, onde apenas a Bélgica nos ultrapassa. O cálculo de desenvolvimento humano é feito com base na esperança de vida à nascença, taxa de alfabetização de adultos, taxa de escolaridade bruta (combinando primário, secundário e superior), Produto Interno Bruto (PIB) per capita, etc. Apenas uma nota positiva: apesar de continuar em último na UE em matéria de desenvolvimento, Portugal registou alguns progressos nos últimos 20 anos.



Dezenas de russos mortos na Tchetchénia

Cinco atentados à bomba realizados por suicidas causaram dezenas de mortos esta semana entre as tropas da Federação Russa instaladas na república independentista da Tchetchénia. As autoridades russas falam de um total de 44 mortos, 120 feridos e um desaparecido entre as suas tropas, nos atentados perpetrados nas cidades tchetchenas de Argun, Gudermes, Urus-Martan e Noiber, enquanto os fundamentalistas islâmicos que estão por trás dos atentados fizeram saber que estes pretendem demonstrar que a sua guerrilha continua activa na sua luta contra Moscovo e pela independência da Tchetchénia, entrando nesta nova «fase de luta»: atentados bombistas perpetrados por suicidas que, em nome de Alá e ainda segundo a direcção da guerrilha fundamentalista chefiada por Aslan Maskhadov, se estão a oferecer «às centenas» para «darem a vida» por uma república islâmica na Tchetchénia. A resposta do governo russo foi imediata, cercando literalmente toda a república da Tchetchénia com nova vaga de tropas.



Golpistas das Fidji rejeitam governo

George Speight, o empresário que há cerca de dois meses liderou uma tentativa de golpe de Estado nas ilhas Fidji ocupando o Parlamento do país e fazendo reféns o primeiro-ministro, vários ministros e dezenas de deputados - que mantém prisioneiros até hoje -, rejeitou o governo que, esta semana, foi nomeado pelas autoridades militares que assumiram o controlo do país desde a tentativa de golpe. Speight ameaçou executar os reféns se o novo governo insistisse em

tomar posse. O novo governo civil de transição nomeado pelos militares foi decidido após Speight ter recusado o que já tinha aceite: a libertação dos 27 reféns a troco de negociações para a formação de um novo executivo de transição. Speight quer acabar com a República multiétnica das Fidji e com o ascendente da comunidade indiana no país, tendo o apoio de um grupo de civis armados e de alguns ex-membros das forças de segurança.



Palestinianos pela independência

O Conselho Central da OLP, em reunião plenária presidida por Yasser Arafat, afirma ter decidido proclamar a independência do Estado da Palestina em Setembro próximo, com capital em Jerusalém Oriental e integrando os territórios da Cisjordânia e Faixa de Gaza, «teoricamente» previstos nas intermináveis negociações com Israel tendo por eterno mediador os EUA. Presentemente, Israel continua a ocupar 60% da Cisjordânia e a controlar a Faixa de Gaza. Esta declaração de Yasser Arafat desencadeou o

protesto imediato do governo israelita, ameaçando que a declaração unilateral de independência por parte dos palestinianos nunca teria qualquer efeito prático sem o assentimento de Israel e desencadearia, como resposta, a ocupação do pouco território que, entretanto, foi «cedido» aos palestinianos. Como sempre, os EUA puseram-se ao lado dos seus protegidos israelitas e afirmaram-se contra tal declaração unilateral de independência, ao mesmo tempo que continuam a oferecer-se como «mediadores».

Distribuição e assinaturas

Conforme temos vindo a assinalar, a morada da Distribuição da Editorial «Avante!» mudou para - Av. Gago Coutinho, 121, 1700 Lisboa. O número de telefone passa a ser, para a distribuição e assinaturas, o seguinte:

218 429 836

Actual Os reembolsos do IRS

• Vítor Dias

Na altura em que estão a ser feitos os reembolsos do IRS, é hora de lembrar que eles respeitam aos rendimentos auferidos em 1999 e segundo taxas fixadas no Orçamento de Estado debatido em Nov./Dez. de 1998.

E no preciso momento em que a maior parte dos trabalhadores por conta de outrem está a receber reembolsos significativamente superiores aos de anos anteriores, é hora de lembrar quanta verdade e seriedade havia quando Octávio Teixeira, discursando na AR em 10.12.98, criticando a «oportunidade perdida de avançar mais ousadamente para uma reforma fiscal mais profunda», salientava entretanto que «no universo estrito do IRS», o «Orçamento fica marcado por importantes propostas avançadas pelo PCP».

É hora de lembrar que o PCP falou verdade quando garantiu então que, graças à contribuição das suas propostas, iam ficar isentos de IRS os rendimentos familiares de cerca de

25% dos contribuintes de IRS, de rendimentos até cerca de dois mil contos anuais, e que cerca de 95% das famílias veriam a sua carga fiscal desagravada.

É hora de lembrar que eram verdadeiras as múltiplas referências que, ao longo de 1999, o PCP fez em intervenções políticas, materiais de informação e tempos de antena de que, graças à sua intervenção, «cerca de 700 mil portugueses iam ficar isentos de IRS e cerca de 2 milhões iriam pagar um taxa inferior à do ano anterior».

É certo que então isso podia não ser tão nítido para os contribuintes porque, nos recibos do seu vencimento e como consequência das actualizações salariais, o valor concreto de IRS retido não era inferior ao do ano anterior mas sim, o que é menos perceptível, inferior ao que seria retido se estivessem em vigor as anteriores taxas.

Mas agora, quando está a ser feito o acerto final do IRS sobre os rendimentos de 1999, é que não pode

haver dúvidas nenhuma porque não se trata de palavras contra outras palavras mas de factos concretos traduzidos em notas de banco.

Quando está quase tudo organizado para que ninguém se lembre de que se passou há um mês quanto mais há 18 meses, é não só legítimo como indispensável reavivar esta memória sobre quem, no essencial, esteve na base das agradáveis notícias que muitos contribuintes estão agora a receber da administração fiscal.

E quando alguns se põem em bicos de pés e falam como se, antes de eles terem aparecido, não houvesse combate pela justiça fiscal e por uma profunda reforma fiscal, é não só legítimo como necessário lembrar que o PCP, com resultados desiguais conforme as conjunturas e a correlação de forças, leva anos e anos de qualificada intervenção nessa matéria, seja para conquistar avanços pontuais positivos seja para impulsionar ideias e propostas de fundo que vão fazendo o seu caminho na consciência social.

Simulações

• Jorge Cordeiro

Estes chamados debates sobre o estado da nação se outro mérito não terão pelo menos permitem concluir que se o estado da mesma não é grande coisa o estado do governo e da sua política é bem pior.

Francamente da parte do governo e da sua política não são de esperar grandes novidades. A mesma e continuada orientação de direita, assente nas opções ditadas pelos critérios de convergência nominal ao serviço da estratégia da União Europeia e dos interesses de classe que representa, suportada ora pelo PSD ora pelo PP, com os mesmos e esperados resultados, beneficiários e lesados.

Mas há que reconhecer nestes últimos debates um novo elemento de originalidade. Porventura inspirado pelo europeu de futebol que agora se concluiu e que levou o próprio primeiro-ministro num gesto de indelével patriotismo a trocar o fraque pelo cachecol da nossa selecção, Guterres e a sua equipa aparecem agora com uma nova tática. Agora perante cada novo problema ou opção, cada medida ou decisão é vê-los a chutar para a frente, a simular, a atirar para fora! Ainda que sempre e inalteravelmente como se vê, por acção ou omissão, em benefício da sua equipa de eleição.

Primeiro foram os aumentos dos combustíveis depois,

perante o protesto, as promessas de que não haveria aumentos de combustíveis até ao final do ano. Primeiro foi a imposição de tectos salariais comprovadamente sujeitos à voragem da inflação, depois a promessa de lá mais para a frente se ponderar as medidas de reposição do poder de compra. Primeiro foi a decisão de redução das taxas de bonificação do crédito à habitação a pesar sobre os já magros orçamentos familiares, agora e perante a exigência da sua reposição a promessa de que lá para Outubro se verá. Primeiro e já "em caixa" foram as benesses fiscais à actividade especulativa e aos rendimentos do capital, agora e uma vez mais a promessa de que lá para 2002 há-de chegar a vez de aliviar o fisco sobre os rendimentos do trabalho.

Não se vislumbram as razões de intranquilidade de alguns perante alegados sinais de uma súbita e arreliadora virose de esquerda na política do governo e do PS, particularmente depois de tantas e tão esforçadas provas de imunidade a tal desvario. Pelo que se algumas vacilações são possíveis detectar no decidido rumo da política do PS e do seu governo elas não são mais do que a expressão e o resultado da continuada e significativa acção da luta dos trabalhadores e da persistente intervenção política do PCP.

A esmola

• Anabela Fino

O grupo Mello acaba de vender por um dólar a sua participação maioritária na Lisnave (68,7 por cento) a dois gestores dos estaleiros (José Rodrigues e Nelson Rodrigues). Segundo notícias vindas a público, o Governo, que em 1997 assinou com o grupo Mello um acordo para a viabilização da empresa, foi o último a saber da venda, com que de resto diz não concordar.

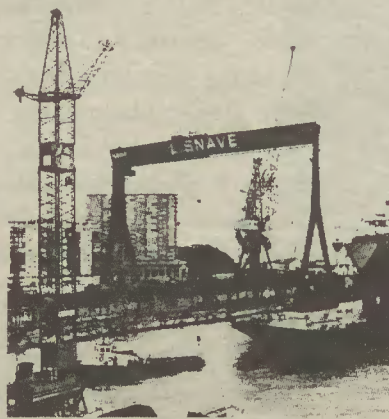
Do ponto de vista meramente legal o processo parece ser intocável: o acordo de 97 não impedia alterações na estrutura accionista; nada obriga os privados a divulgar as suas opções de compra e venda; e o valor das transacções é da responsabilidade das partes. E no entanto...

No entanto é impossível esquecer que a história recente da Lisnave e do grupo Mello remonta ao ano de 1976, data em que o processo de recuperação capitalista levou à nomeação, por intervenção directa do Governo PS de então, de José Manuel de Mello como presidente do Conselho de Adminis-

tração dos estaleiros. A Lisnave e os dinheiros públicos - ou seja, dos contribuintes - serviram a partir daí que nem uma luva à reconstituição do grupo Mello. O despudor foi ao ponto de, sempre pela mão prestimosa de governantes rendidos às «virtudes» do grande capital, se desanexar a área dos estaleiros que ficava na alçada da Câmara de Almada para assim viabilizar a famigerada «Manhatan de Cacilhas», o projecto megalómano destinado ao novo-riquismo nacional, a que a Câmara naturalmente se opunha.

Alimentando com desvelo o monstro que na sua voragem não hesita em devorar a própria mão que o alimenta, o Estado, através de sucessivos governos, foi-se reduzindo à insignificância, ao ponto de não inspirar sequer o mínimo de consideração, de aparência que fosse.

Numa altura em que, farto e bastante, o grupo Mello já não necessita da Lisnave; quando os muitos milhões de contos recebidos para a «rees-



truturação» foram aplicados a belo prazer em interesses próprios; quando a Quimigal foi metida no bolso num processo em que sobejam indícios de favores e compromissos inconfessáveis; quando os negócios na Banca e nos Seguros florescem em força; quando a expansão *on line* está na ordem do dia; quando enfim, graças à sanha privatizadora do PS, se perfila no horizonte o abocanhar de mais uns pedaços do pouco que resta do património público, o grupo Mello dá um dólar por uma empresa criada pelo suor de gerações de trabalhadores. Fraca esmola para tanta benesse.

Frases

“Falando de avaliação [da presidência portuguesa da UE], teria sido talvez mais interessante que Mário Soares fizesse a sua, isto é, qual foi o valor da sua prestação como eurodeputado. Como ele está certo de que a resposta será unanimemente negativa - a começar pelo próprio -, antecipou-se na atribuição de culpas a quem o levou até ao Parlamento Europeu.”

(Óscar Mascarenhas - «Diário de Notícias», 28.6.00)

“Mário Soares perdeu uma bela ocasião para não mostrar o pior de si: o ressabamento egocêntrico que se manifesta em epítetos sardónicos sobre quem pensa ser a causa dos seus males.”

(idem, ibidem)

“O Governo socialista do engenheiro Guterres tem desenvolvido, até hoje, uma aprimorada técnica do violino - o músico segura o instrumento com a esquerda, mas só toca com a direita.”

(Sérgio Figueiredo - «Diário Económico», 04.07.00)

“[Portas] avançou com a moção de censura, num dos seus truques de circo inofensivos mas que deixam a assistência de boca aberta, por forma a ocupar o palco mediático no debate do estado da Nação. É um verdadeiro artista.”

(José António Lima - «Expresso», 01.07.00)

“Não tarda, veremos Paulo Portas ao colo das velhinhas, se não aos ombros de alquebrados anciãos, reanimados pela descoberta de um novo salvador.”

(Mário Zambujal - «24 Horas», 04.07.00)

“Tal como a irmã Lúcia, Durão Barroso já não desperta curiosidade.”

(Francisco José Viegas - Jornal de Notícias, 29.6.00)

“Os grandes países não são os que jogam bem futebol, ou basquete, ou ténis, mas os mais cultos e educados, os que têm melhor nível de saúde e assistência.”

(Miguel Sousa Tavares - «A Bola», 01.07.00)

“Se a psicanálise fosse uma descoberta portuguesa, os pacientes não se deitariam no divã a discutir sexo e o complexo de Édipo: deitavam-se no relvado a dizer mal do árbitro.”

(Miguel Gaspar - «Diário de Notícias», 30.06.00)

“Para o católico não há querer. Há uma consciência cristã, moral e este querer tem de se pautar sempre pela moralidade católica.”

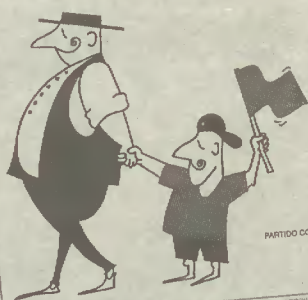
(Bispo D. Ximenes Belo - «Diário de Notícias», 29.6.00)

“O [futuro] governo [de Timor] terá de ver as normas morais que há e tem de ouvir a Igreja. Este governo hipotético terá de ter bases para falar.”

(idem, ibidem)

A festa
da Alegria
está de volta.

7, 8 e 9 Julho 2000
Parque de Exposições de Braga



Festa da Alegria - 7, 8 e 9 de Julho

Parque de Exposições de Braga



O horário da Festa

Sexta-feira (7)

19.00 horas - Abertura

01.00 horas - Encerramento

Sábado (8)

11.00 horas - Abertura

01.00 horas - Encerramento

Domingo (9)

11.00 horas - Abertura

19.00 horas - Encerramento

O comício de sábado com Carlos Carvalhas é o ponto alto do programa político

O Norte em festa

Começa na sexta-feira a Festa da Alegria! Nove anos passados sobre a sua última edição, e correspondendo aos anseios de milhares de comunistas e não comunistas, a Festa regressa como o espírito de convívio e fraternidade que sempre a marcou, assumindo-se de novo com grande espaço de liberdade, democracia, cultura e luta na região nortenha.

A Festa «faz falta à região», «não a podemos deixar morrer», eram alguns dos comentários que, ao longo de nove anos, frequentemente se ouviam, particularmente no distrito de Braga, quando se aproximava o mês de Julho. Este sentimento de saudade, tantas vezes manifestado, revelava as profundas raízes que a Festa lançara na região e colocava à organização do Partido a necessidade de voltar a realizá-la.

Aconteceu este ano. Para a alegria das organizações de todo o Partido, principalmente da região, mas também dos milhares de visitantes da Festa que, não sendo comunistas, ali se sentem como em «sua casa».

Assim, pelo preço de apenas 2.000\$00, toda a gente

(nomeadamente os milhares de portugueses que devido à carestia de vida não poderão este ano usufruir de merecidas férias mas eventualmente de um fim-de-semana) poderá visitar o Parque de Exposições de Braga, onde terá acesso a um vasto e variado programa musical, com alguns dos nomes mais marcantes da Música Popular Portuguesa e da Galiza, do Rock, do Jazz, do Fado, etc.

A Festa da Alegria é o momento político-cultural mais importante da região

Poderá, ainda, participar em debates e colóquios sobre alguns temas de grande actualidade política e cultural, assistir a peças teatrais, ouvir poesia e ver e apreciar um significativo conjunto de exposições que a rotina do dia-a-dia normalmente os impede de gozar. Mas não só. À sua disposição

na Festa haverá, ainda, uma grande Feira do Livro e do Disco, com a presença de alguns autores portugueses, com quem se será possível conversar e adquirir os seus autógrafos.

Comício é ponto alto

Ou seja, esta ano, a exemplo das anteriores edições, a Festa irá constituir o maior acontecimento político-cultural da região, concentrando um largo e diversificado conjunto de iniciativas político-culturais.

Numerosos stands de todas as organizações regionais do Continente e de algumas áreas de trabalho proporcionarão, ainda, aos visitantes, a possibilidade de saborear boa gastronomia, o petisco e o bom vinho, adquirir artesanato e participar em jogos populares ou noutros elementos de animação presentes no recinto da Festa.

No plano político, o ponto alto da Festa será, como sempre, o **Comício** com a participação do secretário-geral do PCP, **Carlos Carvalhas** que antecede, às **21.00 horas de sábado**, os grandes espectáculos da noite.

Na verdade, não se pode deixar de associar a Festa da Alegria 2000 a uma conjuntura política que, na Região, é caracterizada por uma crescente intervenção e afirmação política do PCP. Seja pela sua presença destacada na luta social e de massas contra a política antioperária e anti-popular conduzida pelo Governo PS, seja pela sua

intervenção nas instituições, designadamente na Assembleia da República onde a actividade do deputado comunistas eleito pelo distrito de Braga, Agostinho Lopes, é considerada insubstituível e sem comparação com a dos outros grupos eleitos.

Um programa variado

Os dois palcos erigidos no recinto da Festa, serão o suporte fundamental do conjunto de espectáculos e iniciativas que, ao longo de dois dias e meio, irão animar o Parque de Exposições. Confirmados estão já grandes nomes da música e do Teatro: o grupo «**Ornatos Violeta**» e o «**Espectáculo Afinidades - Sérgio Godinho + Clã**»; a voz da Galiza com **Úxia e Vitorino** com os cubanos «**O Septeto Habanero**»; «**Lura** (música de Cabo Verde)»; «**Quarteto de Jazz Artur Caldeira**»; «**Cantar José Afonso**»; «**Ivo + Jorge Barros**»; «**Trio Los Cinco** (música da América Latina)» e o Grupo de Teatro Moçambicano «**Índico**».

No programa cultural e político-cultural está assegurada a realização de importantes debates e colóquios sobre temas de grande interesse como:

- Os caminhos conjuntos e irmãos da cultura da Galiza e Portugal com participantes de ambos os lados destas culturas;

- Os **media**, a sociedade e a democracia;

- Os grandes movimentos sociais da actualidade. As grandes causas e a solidariedade internacional face às ameaças da globalização.

De destacar é, ainda, no sábado à noite, a continuação da «**conversa**» começada na Festa há dez anos entre o arquitecto **Siza Vieira** e o jornalista **Rúben de Carvalho**, desta vez sobre as mudanças do mundo e as perspectivas de transformação.

Quatro exposições estarão também patentes ao público: a Exposição fotográfica de Eduardo Gageiro «**As 25 Fotos de Abril**», «**Soeiro Pereira Gomes - Vida e Obra**», «**PCP: Lutar, Construir, Crescer**» e, ainda, «**Memórias da Festa. Imagens da Alegria**».

Políticas agrícolas e PAC
estão inadequadas à agricultura de Trás-os-Montes

Agricultura de Montanha em debate

Para debater o futuro da «Agricultura de Montanha e o Desenvolvimento Regional», a Direcção da Organização Regional de Trás-os-Montes e Alto Douro do PCP convidou agricultores, técnicos, dirigentes associativos, eleitos locais e outros interessados para um Encontro que se realizou no passado domingo, em Vila Pouca de Aguiar.

Participaram ainda no Encontro a deputada ao Parlamento Europeu Ilda Figueiredo, Agostinho Lopes, da Comissão Política e deputado à Assembleia da República, António Lopes, da Comissão Política, Henrique Sousa, do Secretariado, outros dirigentes regionais e nacionais do PCP, e Carlos Carvalhas, Secretário-geral do PCP.

O objectivo principal do Encontro/Debate era aprofundar e analisar a situação dos recursos agro-florestais da Região, encontrar propostas que defendam melhores condições para o reforço e

Sem actividade agrícola, sem agricultores, não há desenvolvimento regional

desenvolvimento da Agricultura Familiar e de Montanha, na perspectiva de potenciar propostas alternativas no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio.

Com a qualificada participação dos presentes, foram abordados múltiplos problemas relacionados com o tema em debate. As raças autóctones transmontanas, a inadequação das políticas agrícolas e da PAC à especificidade da agricultura de montanha, a errada distribuição dos fundos comunitários, os problemas do pastoreio e da exploração florestal, as graves questões da sanida-

de animal, a necessidade de se progredir no aproveitamento e gestão dos baldios, as questões do ambiente e o mundo rural, a problemática dos parques naturais tantas vezes em conflito com as populações que neles vivem, a «expulsão» dos agricultores da segurança social, a tese central de que sem actividade agrícola, sem agricultores, não há desenvolvimento regional.

Ouvir os agricultores

Na sua intervenção, Carlos Carvalhas criticou o facto de governo português não ter aproveitado a Presidência Portuguesa para responder a importantes e actuais problemas da agricultura nacional (criação de uma Organização Comum da Batata, aumento das quotas leiteiras) e, ainda, a insuficiente «modulação» que propôs das ajudas ao rendimento agrícola, o que se tra-

duzirá pela manutenção da injusta distribuição dessas ajudas, com prejuízo para os pequenos e médios agricultores. «A melhor distribuição dos fundos (modulação) feita agora pelo PS», disse Carvalhas, «é uma cortina de fumo para que fique tudo na mesma».

De facto, pelos dados que enunciou, se antes 160 agricultores recebiam 50 mil contos em média anualmente, enquanto 236 400 agricultores recebiam 50 contos, agora, «os mesmos 160 agricultores receberão 40.000 contos e os 236 400 poderão passar no máximo para 63 contos em média!».

O desenvolvimento de Trás-os-Montes «exige apoios específicos à agricultura familiar», sublinhou, a seguir, Carvalhas, lembrando que «a agricultura portuguesa é a mais pobre e das mais débeis da União Europeia e o agricultor português recebe 1/3 do que recebe um agricultor europeu».



7.ª Assembleia
do Barreiro

PCP não embarca em manobras

Com a presença de Carlos Carvalhas, realizou-se, no sábado passado, na Sociedade «Os Penicheiros, a 7.ª Assembleia da Organização Concelhia do Barreiro.

Os 400 delegados presentes debateram e aprovaram o projecto de Resolução Política já debatido em amplos plenários preparatórios da Assembleia e elegeram a nova Comissão Concelhia.

No encerramento dos trabalhos (de que, por falta de espaço, daremos notícia mais detalhada em próxima edição), Carlos Carvalhas analisou a situação política e sublinhou a importância da participação de todos os militantes na preparação do 16.º Congresso do Partido que se realiza em Dezembro.

Abordando a moção de censura apresentada pelo PP, Carlos Carvalhas considerou que ela «tem por fundamento a negociação com os Fundos de Pensões» e «é objectivamente, nestas condições, um tiro de pólvora seca que serve o PS e procura entalar o PSD».

Relativamente à questão, Carlos Carvalhas diz que a posição do PCP é «muito

clara»: «não contribuirá para as manobras do PP», seja «para os negócios das Seguradoras privadas à custa dos reformados», seja «para o branqueamento da política do PS e ou para a mistificação de que este partido está a virar à esquerda», seja para «as jogadas na competição de quem vai liderar a direita».

Não é a política global do PS com a qual o PP está de acordo, que está por detrás da moção de censura daquele partido, sublinhou o secretário-geral do PCP, «mas sim o grande negócio da privatização da Segurança Social que pode vir a ser inviabilizado». Aliás, «o PP está comprometido nas grandes orientações económicas e sociais do PS», tendo-se calado «em relação à reivindicação do aumento dos salários». E «se as suas propostas em relação à segurança social fizessem vencimento, colocariam em risco as pensões e reformas».

Pelo seu lado, o PCP «continuará a defender e a lutar pelo reforço da segurança social pública e o aumento significativo das pensões e reformas».

▼ CAMARADAS FALECIDOS

Bernardo do Carmo

Faleceu no dia 27 de Junho o camarada Bernardo do Carmo, de 84 anos de idade. Militante do Partido desde 1974, foi membro da Comissão de Freguesia de Santiago do Cacém, onde era muito estimado.

Manuel Sá Iglésias

Faleceu no passado dia 23 de Junho, com 73 anos de idade, o camarada Manuel Sá Iglésias (Nelito). O camarada estava organizado na freguesia de Espinho.

José Manuel Cunha

Faleceu recentemente o camarada José Manuel Cunha, organizado na freguesia da Póvoa de Santa Iria. Era conhecido na sua terra, a Póvoa, pelo seu entusiasmo e dedicação à actividade tauromáquica.



Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Mulheres do Porto

Juntas pela igualdade

O 11.º passeio das mulheres CDU do Porto juntou, no domingo passado, na praia fluvial de Campla, em Vouzela, mais de 1500 pessoas e contou com a presença de um destacado convidado «da terra», o secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas.

A população de Vouzela, que aderiu em número significativo a esta animada iniciativa, criando um clima de convívio num espaço extremamente aprazível, aproveitado para um piquenique e para a realização de jogos populares e outros divertimentos. A tarde reservaria ainda um momento de intervenção política, preenchido pela camarada Marisa Azevedo, da organização do passeio, e por Carlos Carvalhas.

As dificuldades que actualmente as mulheres enfrentam sobretudo no mundo laboral, foram alvo de forte denúncia por parte de Marisa Azevedo, que sublinhou a diferença salarial que ainda existe entre homens e mulheres e referiu problemas como a taxa de analfabetismo das mulheres portuguesas «que é praticamente dupla da dos homens em todas as idades». Marisa apontou ainda o dedo ao Governo do PS, criticando a hipocrisia entre a medida de instauração de quotas de participação feminina na Assembleia da República e a sua prática discriminatória.

A terminar, Marisa Azevedo lançou o desafio às



O passeio das mulheres CDU do Porto contou com a presença de Carlos Carvalhas

«mulheres de todas as idades, competentes e decididas a tudo para que, em conjunto, contribuam também para a inversão da situação actual».

Discriminações persistem

Por sua vez, Carlos Carvalhas denunciou a política de baixos salários, de acentuação das desigualdades e de concentração da riqueza do governo de António Guterres e do PS, responsáveis «pela persistência de discriminações e desigualdades em relação às mulheres».

A verdade é que a lei «estabelece a função social da maternidade» e «a igualdade de tratamento e oportunidades no trabalho», mas as trabalhadoras mães são dis-

criminadas no salário, nos prémios de produtividade e assiduidade e o salário mensal das mulheres é 27,3 contos abaixo da média. Aliás, as mulheres são 63% dos trabalhadores que recebem o salário mínimo nacional e 59,3% dos desempregados, representando 52,2% dos trabalhadores com contrato precário e 60% dos trabalhadores não qualificados.

Por outro lado, devido à degradação das relações laborais e do poder de compra, «persiste uma enorme carência em infra-estruturas de apoio familiar», pouco se fazendo para alterar a distribuição tradicional dos papéis na família, «profundamente injusta para a mulher».

Carlos Carvalhas lembrou, depois, algumas das propostas do PCP, designadamente

as que visam repor a idade de reforma das mulheres para os 62 anos, reconhecer efectivamente a função social da maternidade/paternidade, assegurar o planeamento familiar e a educação sexual e a penalização da utilização de imagens discriminatórias e ofensivas das mulheres.

Ou seja, o PCP defende «uma política de esquerda que compatibilize os interesses das mulheres e a igualdade de direitos» e, para que «não fique tudo na mesma», assume o desafio de, com as mulheres, continuar o combate às opções de direita do Governo PS, tomando a iniciativa de apresentar propostas que aprofundem os direitos das mulheres e lutando para que se aplique a «Tolerância Zero às discriminações e às desigualdades».

LISBOA Gerência da CP quer «bodes expiatórios»

A carta que o Conselho de Gerência da CP enviou aos revisores, a propósito dos acontecimentos que ocorreram na linha de Cascais, «insulta a inteligência dos cidadãos e ofende os ferroviários», a quem quer atribuir o papel de «bode expiatorório», denuncia a célula dos Ferroviários da ORL do PCP.

Ao considerar que aqueles acontecimentos foram apenas um «acto de vandalismo» a que a comunicação social deu «cobertura sensacionalista» e ao culpar o revisor que teria deixado «agravar o problema até ao final, demitindo-se das suas funções», a gerência da CP quer, afinal, afastar responsabilidades, esquecendo os alertas dos trabalhadores sobre outras acções de menor escala que têm vindo a ocorrer, particularmente à hora em que grande parte das estações estão encerradas devido à redução de pessoal, e, ainda, o facto de, recentemente, um revisor ter ido parar ao hospital vítima de agressão.

VISEU PCP repudia criação de Polícia Municipal

A Comissão Concelhia de Viseu do PCP repudia a criação de um corpo de Polícia Municipal, com 35 agentes, cuja candidatura já foi apresentada ao Ministério da Administração Interna, por considerar que é ao Estado que cabe responder pela segurança dos cidadãos. Na opinião do PCP, para resolver os problemas de segurança, o que se impõe é clarificar as áreas de jurisdição da PSP e da GNR, resultante do alargamento da área urbana, dotar estas forças dos necessários meios materiais e humanos e assegurar a sua perfeita coordenação.

Entretanto, relativamente ao projecto aprovado por unanimidade no Executivo da Câmara, o PCP quer saber o método seguido para a apresentação da candidatura e ver clarificadas algumas questões, particularmente as que dizem respeito às competências daquela força, à eventual utilização de armas de fogo e ao encargos que a mesma acarretaria para o município.

OVAR Reabertura da maternidade discutida na AR

A Assembleia da República discutiu, na sexta-feira, dois projectos de resolução recomendando ao Governo a reabertura da maternidade do Hospital Distrital de Ovar, que o PCP votou favoravelmente. Entretanto, a Comissão Concelhia de Ovar do PCP, lembrando ter sido a primeira força política a denunciar as «obscuras intenções» que estiveram na origem do encerramento da Maternidade, em Janeiro de 1998, alerta para o facto de esta medida se inserir na política do PSD e do PS visando a progressiva privatização do Serviço Nacional de Saúde e a sua transformação num serviço de cuidados mínimos à população mais pobre. Assim, o PCP apela à população para que se mantenha atenta e mobilizada para novas formas de luta que eventualmente tenham de ser tomadas, particularmente numa altura em que «pairam no ar novas ameaças de encerramento de outras valências do Hospital», como parece ser o caso do Serviço de Urgência.



Rumo ao 16.º Congresso

O Partido avança rumo ao 16.º Congresso com uma forte participação dos comunistas. O arranque foi marcado pela definição dos objectivos na resposta à situação nacional e internacional, aos problemas da época em que vivemos, na afirmação dos valores, projecto e identidade do PCP, para o reforço da sua organização, intervenção e influência, grandes objectivos definidos pelo Comité Central e afirmados de forma inequívoca pelo colectivo partidário na primeira fase de preparação do Congresso.



Francisco Lopes
Membro
da Comissão
Política

//O Partido arrancou com o 16.º Congresso mas não encerrou para Congresso//

Milhares de membros do Partido participaram em centenas de reuniões colocando as suas opiniões e isto ao mesmo tempo que o Partido se empenhou com importantes resultados na dinamização da luta de massas, na realização de iniciativas centradas nos interesses dos trabalhadores, do povo e do país e no reforço da organização partidária. O Partido arrancou com o 16.º Congresso, mas não encerrou para Congresso, desenvolveu uma actividade notável que influenciou de forma significativa a situação nacional. Nenhum outro partido era capaz de o fazer. Tal dinâmica é consequência das características do PCP, da militância ímpar de milhares de comunistas por todo o país e é reveladora da forma diferente, superior e imensamente mais democrática do estilo do PCP, na sua vida interna, na preparação dos seus congressos.

Mas há quem não se conforme com esta realidade. Não se conformam, acima de tudo, certos sectores da comunicação social, que não param de vaticinar o declínio do PCP, não se dando conta que essa cassete que usam há décadas, confundindo os seus desejos com a realidade, é desmentida pelo

facto de que o PCP existe, intervém, tem um papel insubstituível na vida nacional e afinal os obriga sempre, e sobretudo em período de Congressos, a enfrentar a realidade do fracasso dos seus vaticínios. Mas se alguns entendem que já nada haveria a fazer para travar a morte inevitável, outros,

mostrando uma comovente preocupação com o futuro do PCP, vão dando conselhos para que este alcance o êxito infalível. Invariavelmente as suas receitas para o êxito do PCP vão direitinho à eliminação daquilo que no essencial identifica, diferencia e caracteriza o Partido, aquilo que são razões da sua força e esteios para o reforço da sua influência. Fica claro que os seus conselhos, a serem seguidos, significariam a liquidação do PCP como partido comunista.

Estatutos estão actuais

É pois natural que não se conformem com o facto de o PCP, por decisão dos seus militantes, preparar o 16.º Congresso para o seu fortalecimento como partido comunista.

Eles pressionam, intrigam, caluniam, manipulam e procuram dividir, mas sejam quais forem os problemas e as dificuldades que se venham a colocar, a atenção, mobilização e participação do colectivo partidário, de todos e de cada membro do Partido, fará do 16.º Con-

gresso um grande êxito, um marco da afirmação e reforço do Partido Comunista Português.

O Comité Central, na sua última reunião, em sintonia com a afirmação do colectivo partidário, tomou decisões de grande relevo. Entendeu que o Programa e os Estatutos do Partido estão actuais e respondem às necessidades do Partido pelo que decidiu não propor a sua alteração. Tomou decisões sobre a direcção central, tendo concluído pela vantagem de um Comité Central que traduza a natureza e identidade do Partido e de organismos por si eleitos - Secretariado, Comissão Política e Comissão Central de Controlo - que respondam de uma forma dinâmica e articulada. Fixou as ideias centrais para a elaboração das teses, tendo em conta a opinião manifestada pelos militantes na primeira fase na base da nota de trabalho aprovada em Fevereiro. Aprovou o regulamento da terceira fase de debate no Partido das teses propostas pelo Comité Central e da eleição dos delegados. Decisões importantes que colocam tarefas imediatas de elaboração mas, acima de tudo, alertam os membros do partido para a importância da sua participação activa no debate a fazer em todo o Partido com início em Outubro, numa acção associada à dinamização da luta, da intervenção política e ao reforço da organização partidária.

Vamos para o futuro, conscientes dos riscos, das dificuldades, das exigências de resposta e intervenção, mas sem derivas, abandonos ou claudicações.

Vamos para o futuro, aprofundando a luta ao serviço dos trabalhadores, do povo e do país, por uma verdadeira alternativa de esquerda à política de direita das últimas décadas.

Vamos para o futuro, reafirmando a natureza, identidade e projecto do PCP, prosseguindo a intervenção no rumo de sempre, da luta contra o capitalismo, da construção de uma sociedade livre da exploração e da opressão, da sociedade socialista, exaltante objectivo e empreendimento que se coloca como grande causa da humanidade para o século XXI.

Vamos para o futuro, afinal, no único caminho capaz de assegurar o reforço do PCP e da sua influência.

Em Trás-os-Montes Governo/PS tenta o suicídio?!...

• José Brinquete

O rotundo fracasso do Fórum da Iniciativa Económica de Trás-os-Montes e Alto Douro não é só da responsabilidade do Governo, outras organizações contribuíram igualmente para esse falhanço. Onde, a Associação de Municípios de Trás-os-Montes e Alto Douro - AMTAD não está isenta, assim como outras organizações da dita sociedade civil, que não passam de meras «correas de transmissão» dos interesses do Governo rosa para a região. Se é verdade que o Partido Socialista é o responsável pelo fracasso político da iniciativa, também não é menos verdade que este triste desfecho lhe poderá interessar. A partir de agora o Partido Socialista poderá invocar o fracasso do Fórum



como o fracasso das organizações económicas, sociais e culturais de Trás-os-Montes, precisamente para legitimar e agravar o centralismo cada vez mais notório do seu Governo. O ministro adjunto Armando Vara, o secretário de Estado Dr. Victor Ramalho e o Eng.º Ricardo de Magalhães até podem enganar muita gente, mas não enganarão certamente aqueles que vão estando atentos às suas constantes golpachas políticas na região.

Será que os mentores do fracasso do Fórum mediram responsabilmente as consequências das malfeteiras que introduziram, ao abortarem uma iniciativa que eles próprios lançaram? Como se sabe, o Fórum só foi possível porque a CCRN e o Ministério do Planeamento estiveram de acordo e aprovaram a iniciativa. Prova do que afirmamos está no apoio a fundo perdido, no valor de 60 mil contos, atribuídos à iniciativa pelo Prodouro. Assim sendo, da parte dos responsáveis políticos do Fórum exigia-se o mínimo de escrupulos. Não foi correcto nem justo deixar criar tantas expectativas junto da opinião pública da região e envolver na elaboração de *dossiers* temáticos inúmeras personalidades do meio universitário e politécnico que, de boa-fé, contribuíram com sugestões e propostas.

Fracasso premeditado

Os responsáveis políticos do Fórum premeditaram o fracasso da iniciativa e

deram orientações precisas aos seus comissários políticos, habituais em tudo o que são almoços e jantares de ministros e secretários de Estado, para não comparecerem aos plenários finais. Aliás tinham consciência plena, de ingénuos não têm nada, que o Fórum vinha fora de prazo. Dito de outra forma, se pretendiam com seriedade analisar os estrangulamentos da região e discutir as necessárias linhas de desenvolvimento futuras, que tivessem efeitos práticos no III Q.C.A., deviam tê-lo realizado em tempo útil, isto é, antes do III Q.C.A. estar aprovado e entrar em vigor.

Nesta fase não adianta analisar e reflectir sobre que desenvolvimento para a região, sem que haja disponibilidade para exigir da parte do poder uma nova política alternativa. E não serão só os dirigentes políticos do Governo/PS que o poderão fazer, antes pelo contrário. A Associação de Municípios de Trás-os-Montes e Alto Douro, dirigida politicamente pelo PS, comprometeu-se, em Junho/99, numa reunião efectuada em Vila Real, em realizar o III Congresso de TMAD, no mês de Outubro de 1999. A AMTAD, tudo leva a crer por orientações directas e expressas do PS, não cumpriu a decisão nem deu qualquer explicação sobre o facto. Os dirigentes da AMTAD sabiam que o êxito do III

congresso sobre TMAD, em Outubro/99, teria fortes repercussões na elaboração do III Q.C.A., por isso o boicotaram e inviabilizaram. O fracasso do Fórum só interessava ao Governo, por duas razões: primeiro, porque, se o Fórum tivesse êxito, punha em causa as políticas de abandono do interior do país; em segundo lugar, porque, apostado na estratégia de dividir para reinar, o governo sempre poderá dizer que as forças vivas da região se encontram divididas, logo deve continuar a política de direita e o centralismo.

O Governo, com as suas habituais jogadas, carecidas de transparência, poderá tentar o suicídio?!...

Aviso e sugestão

Ao que parece, e em representação do Governo, os secretários de Estado Dr. Victor Ramalho e Eng.º Ricardo de Magalhães, na qualidade de legítimos herdeiros das conclusões do Fórum, preparam-se para lançar um III Congresso de TMAD. Seria bom que se deixassem de palhaçadas e de demagogia. Caso queiram abandonar as passeatas governamentais e fazer alguma coisa pela região, sugerimos que, em conjunto com outros ilustres membros do Governo, daqui oriundos, criem um gabinete intergovernamental para, em parceria com as autarquias e as organizações económicas, sociais, culturais, implementarem as medidas necessárias ao desenvolvimento de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Carlos Carvalhas no debate sobre o estado da Nação Uma insatisfação crescente

A insatisfação crescente, o protesto e a luta de diversas camadas da população contra as políticas do Governo foram salientadas, na intervenção de Carlos Carvalhas no debate sobre o estado da Nação, como um «significativo indicador». Uma intervenção em que se falou «das pessoas, dos seus problemas concretos, das suas aspirações, das razões do seu descontentamento».

«Este parece ser, de facto, o Verão do nosso descontentamento», afirmou Carvalhas na sua comunicação. Ou será que «o Governo não ouve os protestos dos trabalhadores, dos estudantes, dos professores, dos magistrados,

Este parece ser, de facto, o Verão do nosso descontentamento

dos militares, dos bombeiros, dos guardas florestais, dos reformados...», questionou, lembrando ainda o tempo perdido «sem que se tenha feito a principal reforma estrutural, a reforma fiscal», fundamental para outras reformas como a do ensino, segurança social, ou para a eficácia do Serviço Nacional de Saúde.

O estado da economia

«O estado da Nação é também o estado da economia que na versão *Oásis* do Governo parece que tudo vai bem», comentou Carvalhas.

«Mas não é essa a realidade. Pelo contrário, a evolução económica recente é preocupante. Entre 1997 e 1999, o défice comercial agravou-se de 9,5 para 12,5% do PIB (isto é, de 1800 para 2600 milhões de contos). E no primeiro trimestre do ano corrente a situação deteriorou-se ainda mais, com um agravamento do défice de 50% em valor (mais de 140 milhões de contos que em igual período de 1999). E se o défice comercial aumenta, ao mesmo tempo que se reduz a balança de serviços, é evidente que crescentes parcelas da riqueza criada no país não são pagas ao estrangeiro, não

revertendo, por isso, para o aumento do nível de vida e do bem-estar dos portugueses. E aí temos a chamada convergência real com os restantes países da União Europeia a entrar em clara derrapagem. E os riscos de crise económica a aumentarem.

Em vez de arripiar caminho o Governo continua a promover políticas que contribuem para agravar a situação. Como a política suicida de desnacionalização efectiva de importantes empresas e sectores de actividade como por exemplo, está a suceder com a GALP, a EDP e o sector energético. Com a política em relação a Lisnave e ao sector naval depois da entrega de dezenas de milhões de contos ao grupo Mello. Com o anúncio para Março de 2001 do encerramento do alto forno da Siderurgia Nacional eliminando em Portugal a possibilidade de transformar minério em aço. Com a política irresponsável de redução da taxa bonificada para a compra de casa própria, reponha a taxa de 6,5%!

Ou com a política salarial assente numa falsa perspectiva da evolução da taxa de

inflação, conduzindo ao abrandamento da procura interna e ao agravamento da situação económica do País. E, ainda, com a incapacidade com que o governo tem vindo a encarar toda a problemática dos combustíveis e do gás e o completo descalabro em que entrou a execução orçamental. A agudização dos desequilíbrios regionais, a não concretização no domínio do ambiente do Plano nacional da Água e do Ambiente, o voluntarismo em relação a certas medidas como é o caso da co-incineração e a grave crise de importantes sectores produtivos, como a agricultura, o agravamento da dependência, do endividamento, dos défices externos e do domínio da economia pelo capital estrangeiro e pelo capital financeiro, mostra que com esta política é também o país que não irá a penaltis.»

À espera da educação sexual

Após abordar os muitos problemas que se vivem em áreas como a saúde e a educação, o secretário-geral do PCP lembrou que «somos dos países que continua a ter uma das mais altas taxas de gravidezes indesejadas e de gravidezes na adolescência», referindo, em seguida, a necessidade de uma implementação séria da educação sexual nas escolas.

«A lei n.º 120/99, aprovada há cerca de um ano a partir de um projecto do PCP, parece ir ser finalmente regulamentada. Mas o Governo prepara-se para, na regulamentação que se propõe aplicar de lado dois princípios fundamentais nesta matéria.

O de que a educação sexual deve estar efectivamente inscrita nos currículos de diversas disciplinas.

O de que o Governo assegure a formação dos professores nesta área, tal como está previsto na lei.

Uma nova categoria de imigrantes

O que o Governo propõe para revisão da Lei de Estrangeiros são, no essencial, falsas soluções, «são sobretudo uma tentativa de responder aos interesses de algumas empresas e sectores de actividade económica, como construção civil e obras públicas, garantindo-lhes mão-de-obra temporária e a baixo custo, descartável quando não fizer falta», denunciou, na Assembleia da República, o deputado comunista António Filipe.

É este o significado da «nova categoria de imigrantes» que o Governo de facto se propõe criar com as autorizações de permanência temporárias.

Contraopondo-lhe a necessidade de uma política de imigração e uma Lei de Estrangeiros diferente e mais democrática, o PCP defende a necessidade de uma Lei que assegure o respeito pelos direitos de todos os trabalhadores, sem discriminações, uma Lei que «aceite corajosamente estabelecer um enqua-

dramento legal permanente que possibilite a regularização dos que, vivendo e trabalhando em Portugal, sofrem todos os dramas da ilegalidade».

Nesta perspectiva, o PCP apresentou no debate dois projectos de lei, sobre a regularização de cidadãos estrangeiros indocumentados e de revisão global da Lei de Estrangeiros. No primeiro dos projectos, o PCP propõe que os cidadãos estrangeiros que se encontram a residir ilegalmente em Portugal obtenham essa legalização sempre que disponham de condições económicas mínimas ou tenham cá residido permanentemente nos dois anos anteriores à apresentação do requerimento.

Relativamente à Lei de Estrangeiros, o PCP defende — como referiu António Filipe — uma «legislação de estrangeiros menos restritiva, menos discriminatória e mais respeitadora dos direitos dos trabalhadores imigrantes e das suas famílias».

A contra-regulamentação

• Bernardino Soares

Há praticamente um ano, a Assembleia da República

aprovou uma lei que reforçou o direito à saúde reprodutiva. Não tendo embora mantido todas as propostas do projecto de lei do PCP que lhe deu origem, a lei traduziu-se num importantíssimo avanço legislativo e político na concretização de diversos direitos com destaque para a educação sexual e o acesso a meios contraceptivos.

E os avanços consagrados são decisivos se pensarmos que no nosso país, e segundo um inquérito sociológico realizado em 97 aos jovens portugueses, mais de metade destes inicia a sua vida sexual antes dos 20 anos e um quarto antes dos 17 anos. Continuamos a ter uma das mais altas taxas de gravidezes indesejadas e de gravidezes na adolescência da União Europeia. E mesmo a redução existente de gravidezes na adolescência poucos reflexos teve nas idades mais baixas (14, 15, 16 anos).

O mesmo inquérito revela-nos que 40% das jovens entre os 15 e os 17 anos, que já iniciaram a sua vida sexual, admitem recorrer ao aborto. E que a discriminação social está

promessas do Governo de rápida regulamentação e aplicação. Passou-se um ano e só agora está a ser discutido um projecto de regulamentação. Foi preciso até que dezenas de milhares de estudantes exigissem na rua a regulamentação desta lei para que pudéssemos enfim ouvir o ministro da Educação a garantir que a regulamentação estava pronta. Deixemos por agora as restantes questões previstas na lei, como a existência de máquinas de preservativos nas escolas do ensino secundário e superior, para nos concentrarmos na questão da educação sexual.

O consenso a que se chegou na elaboração da lei, segundo proposta do PCP e de acordo com os estudos e investigações científicas nesta área da educação, foi o de que a questão da educação sexual não poderia ser compartimentada numa disciplina única mas sim tratada de forma interdisciplinar. A abordagem destas matérias deve portanto fazer-se em todos as áreas em que tal se proporcione, devendo ser incluída nos currículos das respectivas disciplinas.

Educação sexual — uma lei por aplicar

A forma como o Governo se propõe fazer a regulamentação não garante a completa aplicação destes princípios. É que está iniciada a abordagem da educação sexual apenas na área de projecto e, portanto, fora das matérias curriculares, e nas disciplinas cujos programas já incluem a temática. A confirmar-se esta solução, ficaria de fora a abordagem global e verdadeiramente interdisciplinar que se pretende, nomeadamente na área das humanidades.

E ficaria reduzida a educação sexual à abordagem fisiológica nas disciplinas dessa área, ou então dependente de iniciativas próprias das escolas ou dos seus professores no âmbito da área projecto. Outra matéria de fundamental importância é a da formação dos professores nesta área. É certo que, mercê do esforço dos próprios docentes e do empenhamento da Associação para o Planeamento da Família, tem vindo a ser feita alguma formação nesta área. Mas a verdade é que a aplicação da lei exige um investimento maior pelo qual o Ministério da Educação se tem que responsabilizar. Contudo a regulamentação proposta remete as responsabilidades do Ministério e dos seus serviços para o mero apoio à realização de acções de formação nesta área, o que está longe de ser suficiente.



Para que de facto se venha a ter educação sexual, é preciso que a regulamentação governamental assegure pelo menos estas condições fundamentais. Por um lado, a efectiva abordagem da educação sexual na maior diversidade possível de disciplinas e de saberes. Por outro lado, a garantia de formação dos professores pelo Estado. A não ser assim, trata-se de uma verdadeira *contra-regulamentação*.

Longe dos consensos

A juventude continua a ser vítima de uma política conservadora que lhe nega a educação sexual e lhe limita o acesso aos meios contraceptivos. Longe vão os consensos hipócritas, aquando da discussão da despenalização da IVC, em que todos eram pela educação sexual. Atingido o objectivo de manter a criminalização das mulheres que se vêem obrigadas a recorrer à interrupção da gravidez, rapidamente se esfumou tal ardor educativo. A lei foi contudo aprovada com os votos do PCP do PS e dos Verdes. Serviram de pouco, no entanto, as



Carlos Carvalhas na Assembleia da República

O Governo não pode continuar a alinhar no consenso hipócrita dos que dizem nas palavras querer a educação sexual nas escolas sem que isso se traduza em medidas concretas e eficazes.

Nós não podemos esquecer também que em Portugal o panorama da Sida é preocupante.

Nesta matéria é fundamental que se reforce a prevenção. É entre os 15 e os 25 anos que mais se contrai a doença. É por isso evidente a necessidade de um grande reforço de informação, bem como a generalização do preservativo.

Em relação à Sida é ainda necessário continuar a combater o preconceito e a discriminação e facilitar o acesso aos tratamentos e a aplicar medidas de redução de riscos.»

Política de Defesa cada vez menos nacional

Uma outra área «marcada de forma indelevelmente negativa na acção do Governo», da política de defesa nacional, foi abordada na intervenção de Carlos Carvalhas.

Uma política que «de nacional tem cada vez menos».

Lisnave vendida por um dólar

Sexta-feira passada o Grupo José de Mello vendeu a sua posição na Lisnave aos gestores José Rodrigues e Nelson Rodrigues por um dólar. Uma «atitude maquiavélica», denunciada na Assembleia da República pelo deputado comunista Vicente Merendas.

Na sua intervenção, o deputado lembrou que «o processo de recuperação capitalista iniciado em 1976 vem culminar na Lisnave, com a nomeação do Sr. José Manuel de Mello como presidente do Conselho da Administração, por responsabilidade directa do Governo PS de então».

A partir daí a política desenvolvida levou à constituição de «um grupo de empresas cujo centro polarizador era a Lisnave, constituído por empresas resultantes da autonomização de funções vitais da Lisnave e por empresas compradas numa lógica de intervenção vertical».

Em síntese, a Lisnave foi utilizada «como suporte para a reconstrução do Grupo Mello». «Com alguma ironia — comenta Vicente Merendas — podíamos dizer que o Grupo Mello

considerou que chegou a hora de compensar todos os favores que lhe foram concedidos, entregando a Lisnave ao Estado pelo simbólico valor de um dólar».

Neste momento, urge encontrar uma solução para a empresa e, antes do mais «retirar a lição que, de facto, os trabalhadores tinham razão quando afirmavam que o Grupo Mello unicamente pretendia a Lisnave para a pôr ao seu serviço, na reconstituição do seu império».

Actualmente são mais de 4000 trabalhadores na Lisnave, e empresas associadas. São mais de 5000 postos indirectos «nenhum deles tenciona trocar a Lisnave por um dólar», lembrou o deputado comunista.

Todos eles «continuam dispostos a trabalhar, a lutar para que a Lisnave continue a ser um grande empresa ao serviço do país e da economia nacional».

Impõe-se, assim, que o Governo intervenha «na defesa da Lisnave e de todos quantos nela trabalham».

• Joaquim Miranda

O concerto franco-alemão

São extremamente preocupantes e graves as declarações do Presidente francês Jacques Chirac recentemente proferidas no Bundestag alemão. E assim é por várias razões. Fundamentalmente, pelo seu conteúdo, marcadamente orientado por uma perspectiva federalista - a que não faltam as referências a uma «Constituição Europeia» - e pelos fortes apelos que faz à criação de um directório político alicerçado num «Grupo Pioneiro» (a que outros têm chamado «núcleo duro», «vanguarda» ou «locomotiva»).

interesses dos países de menor dimensão, particularmente os economicamente mais débeis, como Portugal.

O seguidismo do Governo

Estas declarações e o que delas se infere reclamariam, por isso mesmo, uma posição firme e intransigente do Governo português - claramente ultrapassado na derradeira fase da Presidência Portuguesa - nomeadamente no contexto da Conferência Intergovernamental em marcha. Até porque já começaram a ter consequências objectivas: não foi seguramente por acaso que o Conselho da



Também pelo contexto em que foram proferidas, de clara retoma e manifesto reforço do eixo franco-alemão. E ainda pelo momento em que tiveram lugar, em vésperas da presidência francesa da União Europeia (UE). Tais declarações, em clara consonância substancial com as que também recentemente foram proferidas pelo ministro dos Negócios Estrangeiros Alemão, J. Fischer, indiciam um claro impulso à concertação de posições entre a Alemanha e a França quanto ao futuro da UE e fazem temer a consagração de uma «construção europeia» a várias velocidades, determinada e conduzida pelas grandes potências e seus interesses particulares e altamente lesiva dos

Feira inscreveu na agenda da CIG e passou a referir-se a uma «cooperação reforçada», no singular. E se já havia razão para profundas reservas quanto às até agora chamadas «cooperações reforçadas», tendo em conta a sua profunda e indisfarçável conotação com a criação dum «núcleo duro», essas reservas saem agora reforçadas e dão lugar à mais profunda apreensão. Apesar de tudo isto o Governo, que já antes aplaudiu as declarações do ministro Fischer, mantém-se agora impávido perante os perigos que para o país representaria a consagração de tais orientações e assume o usual posicionamento seguidista, a todos os títulos lamentável. Que cada um tire as suas conclusões!

Do estatuto de migrante ao de cidadão da União Europeia há um longo caminho a percorrer

Fórum dos Migrantes da União Europeia

A necessidade de regularizar e defender os direitos dos migrantes no espaço comunitário e a legalização dos clandestinos foi tema de debate em Lisboa.

Das promessas à realidade

Ao contrário do estabelecido no Tratado de Maastricht,

prego, incluindo o sector público, em manifesta infracção ao consagrado no direito europeu. Por outro lado, as suas associações beneficiam

O Fórum dos Migrantes da União Europeia, com o apoio do Grupo de Esquerda Unitária Europeia no Parlamento Europeu, promoveu na passada sexta-feira, em Lisboa, uma Conferência sobre os problemas que se colocam às comunidades imigrantes comunitárias e não comunitárias na UE.

Sob o lema «Do estatuto de migrante ao estatuto de cidadão da União Europeia», o debate contou com numerosos contributos de representantes das comunidades emigradas na Europa, incluindo a Coordenadora das Colectividades Portuguesas em França, representantes portugueses na Suíça, Holanda e Suécia, a par de outros representantes de comunidades emigradas oriundas da Itália, Grécia e Espanha, bem como organizações de imigrantes extracomunitários. Nos trabalhos participaram ainda diversas personalidades nacionais e estrangeiras.

No decorrer dos debates - organizados em duas mesas redondas subordinadas aos temas «Cidadania da União: limites e entraves» e «Rumo a um estatuto único de residente europeu: que estratégias para as organizações de migrantes?» - ficou patente que há uma grande diferença entre o que está consagrado nos tratados da UE e a prática. As discrepâncias são particularmente notórias em



Comunidades da imigração querem harmonizar direitos na União Europeia

matéria de cidadania europeia e livre circulação de pessoas, com muitos dos Quinze a impor restrições mesmo aos cidadãos de outros países da União.

O eurodeputado Joaquim Miranda, que interveio na sua qualidade de presidente da Comissão para o Desenvolvimento e a Cooperação do PE, sublinhou o facto de a actual Lei de Estrangeiros de Portugal ficar atrás, em matéria de direitos, das legislações congéneres em vigor em Itália ou Espanha, e alertou que as novas propostas do Governo vão no sentido de a tornar ainda mais restritiva.

e não obstante as revisões efectuadas pelo Tratado de Amesterdão, a verdade é que os migrantes comunitários estão longe de serem considerados «cidadãos europeus». Apesar do seu estatuto jurídico privilegiado, são tão vulneráveis como os migrantes não comunitários, pois quando vivem num Estado diferente do da sua nacionalidade acabam por não ser considerados nem verdadeiros

cidadãos nem verdadeiros migrantes. Na prática, são frequentemente discriminados em relação aos cidadãos nacionais, em particular no domínio do em-

cada vez menos de ajuda e de subvenções porque, teoricamente, já não representam «populações fragilizadas».

Tendo em conta a proximidade da Conferência Intergovernamental de Nice, no final de 2000; a vontade das instituições europeias e dos Quinze de elaborarem a Carta Europeia dos Direitos Fundamentais; e a actualidade da luta contra as discriminações, a Conferência de Lisboa assumiu particular oportunidade ao propiciar um debate alargado entre as comunidades oriundas da imigração (europeia ou não) e as minorias étnicas, a fim de reconsiderar os direitos e os deveres dessas populações na UE, e de conquistar apoios para as suas reivindicações.

Os migrantes são frequentemente discriminados em relação aos cidadãos nacionais

Produtores exigem aumento da quota leiteira

Centenas de pequenos agricultores e produtores de leite do distrito de Braga manifestaram-se segunda-feira no Terreiro do Paço, em Lisboa, pela aplicação imediata do aumento da quota leiteira prevista para 2005 e pela diminuição das taxas da segurança social que lhes são exigidas.

A iniciativa, promovida pela Associação de Defesa dos Agricultores do Distrito de Braga (ADADB), com o apoio da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), visou dar a conhecer um conjunto de preocupações e reivindicações do sector naquela região. Uma delegação dos agricultores foi recebida pelo secretário de Estado dos Mercados Agrícolas e da Qualidade Alimentar, Luís Vieira, que, apesar de dizer compreender os problemas e exigên-



Quotas leiteiras azedam os ânimos dos agricultores do Minho

cias do sector, apenas prometeu «continuar o diálogo».

Particularmente sentida é a questão da quota leiteira, que de acordo com as normas comunitárias não poderá ser ultrapassada, sob pena de aplicação de sanções. Num ano em que se prevê um aumento da produção, os

agricultores receiam pelo futuro, tanto mais que, segundo afirmam, os preços do leite e dos vitelos se mantêm ao nível (quando não abaixo) de há dez ou 15 anos, enquanto os custos de produção não param de subir.

Agostinho Lopes, da Comissão Política do PCP, associou-

-se à manifestação. O grupo parlamentar do PCP propõe-se aproveitar a presença do ministro da Agricultura, Capoula Santos, hoje na Assembleia da República, para mais uma vez pressionar o Governo a implementar soluções em defesa dos agricultores e da agricultura do País.

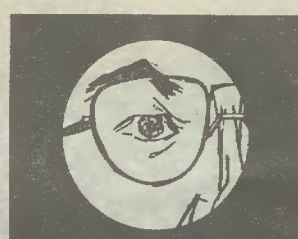
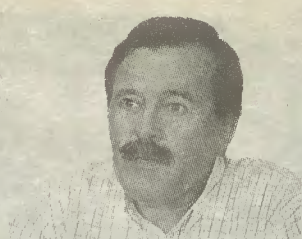


O ideal da corrida

Eugénio Costa fala da Corrida da Festa e dos valores que lhe estão subjacentes. Pág.12

Torneios de promoção

Rafael Gomes conta como vai a fase de promoção e revela aspectos do programa. Pág. 13



Arte de transformar

O júri já seleccionou os projectos artísticos que irão ser concretizados na Festa. Pág. 14

da festa!

FESTADO *Avante!* 2000

1 2 3 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

O desporto é uma festa

Convívio, amizade, solidariedade



Numa época em que uma feroz competição se impõe na sociedade, laureando vencedores e marginalizando vencidos, a Festa do «Avante!» contrapõe um vasto e competente programa desportivo assente nos princípios de solidariedade, confraternização e amizade.



• Carlos Nabais
texto
• Jorge Caria
fotos

O ideal da Corrida

O PCP é o único partido político em Portugal que organiza eventos desportivos e a Corrida é, no amplo programa desportivo da Festa do «Avante!», a iniciativa que mais sobressai, juntando todos os anos na partida mais de um milhar de atletas de todas as idades.

Com uma visão própria da prática desportiva, é pois natural que as realizações dos comunistas nesta área se distingam no panorama nacional das provas desportivas. Com clareza, os objectivos da Corrida encontram-se expressos no regulamento da prova, que

coloca a tónica no «convívio», «confraternização», «amizade» e «solidariedade». Aberta à participação voluntária e gratuita de participantes de ambos os sexos, representantes de clubes federados ou não, ou

atletas individuais, a Corrida propõe-se promover os valores do desporto como fenómeno de integração, quaisquer que sejam as origens sociais, convicções políticas ou religiosas dos participantes, e contribuir para a melhoria das suas condições de vida. A

prática desportiva é vista aqui como «um elemento essencial para a formação física das crianças e dos jovens» e «para a manutenção da saúde e do equilíbrio psicológico».

Inscrições de 24 de Julho a 23 de Agosto

As inscrições para a 13.ª Corrida da Festa abrem no próximo dia 24 deste mês e terminam a 23 de Agosto. Os interessados devem dirigir os seus pedidos para: Corrida da Festa do «Avante!», na Quinta da Atalaia, Av. Baía do Seixal, 2845-415 Amora Seixal. Horário de funcionamento: da 9.30 horas às 17 horas. Telefones: 21 222 40 00 Fax 21 221 41 31. Email: festavante@mail.telepac.pt

A explosão popular

O desporto de massas explodiu em Portugal após o 25 de Abril de 1974. Antes da revolução, o regime fascista oprimia qualquer manifestação popular, fosse ela de carácter político, cultural ou mesmo desportivo. Provas como a Corrida do Diário Popular ou os Jogos Juvenis do Barreiro foram excepções à regra e exemplos de resistência ao Estado Novo que proibia o uso da via pública para ajuntamentos de mais de três pessoas.

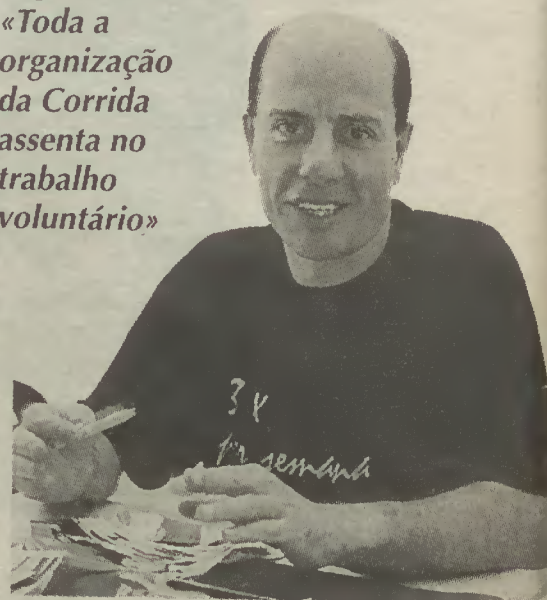
O processo revolucionário, que transformou profundamente todos os sectores da vida nacional, teve efeitos particularmente visíveis na prática desportiva, que passou a ser incentivada e apoiada pelo Estado. Papel relevante nas mudanças operadas coube à então Direcção Geral de Desportos, à qual ficaram para sempre ligados nomes como de Melo de Carvalho, de António Vilela, ou de Helder Pontes. Para além de dinamizar a prática desportiva de massas, em ligação com o Movimento das Forças Armadas e com as Comissões de Moradores, pela primeira vez o poder político criou uma legislação de apoio à alta competição da qual iriam beneficiar o campeoníssimo Carlos Lopes e muito outros atletas que ficaram na memória dos portugueses.

Inevitavelmente, o desporto passou a fazer parte integrante do vasto e inovador programa cultural da Festa do «Avante!». Logo na 2.ª edição, em 1977, realizaram-se torneios de xadrez, encontros de futebol e provas de atletismo. No ano seguinte, o público da Festa assistiu a um vasto programa desportivo que trouxe a Portugal atletas de alta competição de vários países socialistas. No Vale do Jamor, tinha lugar a «Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria», em que participaram centenas de atletas. Nas edições seguintes o desporto manteve um lugar de grande destaque, quer com modalidades de exibição quer com iniciativas voltadas para a participação dos visitantes.

A 1.ª Corrida da Festa

Embora continuando a privilegiar o aspecto lúdico do desporto, em 1988, a organização decidiu reformular a prova de corrida, de modo a conferir-lhe alguma competitividade. Eugénio Costa foi um dos camaradas que trabalhou para que isso fosse possível. No fundo, recorda, «pretendia-se reunir numa só prova atletas das várias camadas etárias, desde juniores até aos escalões de veteranos, e criar as condições para que fosse possível divulgar em tempo útil a ordem de chegada dos atletas». Tudo isto exigia uma organização mais cuidada e o recurso a meios técnicos modernos, como por exemplo a utilização de computadores. A prova realizada em Loures foi um sucesso imediato, bem demonstrado nos 1024 atletas que cortaram a meta, e o seu prestígio foi crescendo de ano para ano: «Tornou-se numa prova de referência tal como as meias-maratonas de Lisboa e da

Eugénio Costa: «Toda a organização da Corrida assenta no trabalho voluntário»



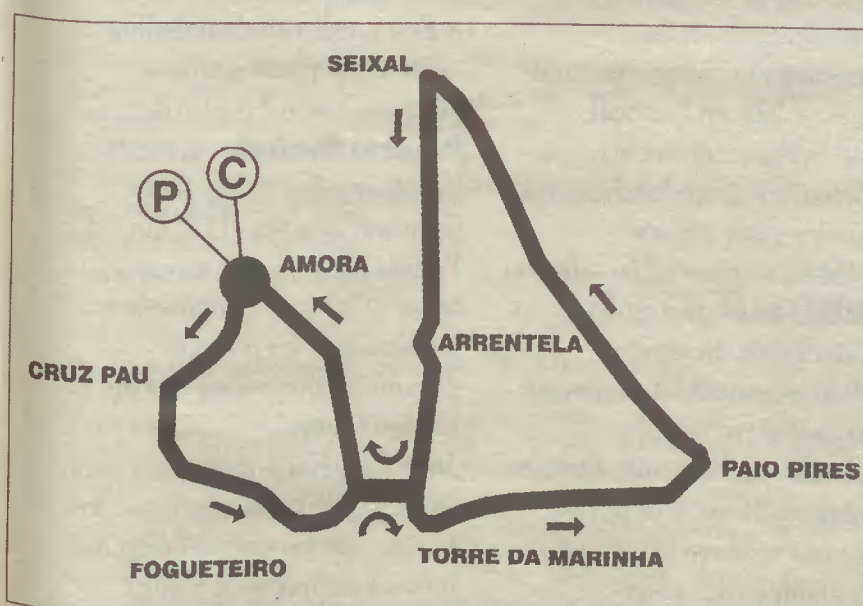
Nazaré, ou os 20 Quilómetros de Almeirim», afirma Eugénio Costa notando que não se trata apenas de uma opinião sua, mas traduz «reações de organizadores de outras corridas de estrada, confirmadas por numerosos depoimentos de atletas de renome que desde o início se associaram e apoiaram a Corrida da Festa». De facto, no historial da Corrida ressaltam as repetidas participações de atletas consagrados como José



A «Corrida e Marcha da Saúde e Alegria» realizada no Vale do Jamor em 1978 foi precursora da «Corrida da Festa do Avante!»

O percurso de 14 quilómetros é idêntico ao do ano passado, com partida, no domingo, dia 3 de Setembro, junto ao campo da Amora e chegada junto à praia dentro do recinto da Festa.

Até ao 1100.º classificado são oferecidas t-shirts e todos os participantes que terminarem a prova têm direito a uma entrada gratuita na festa.



Dias, Luís Horta, Armando Aldegalaga, Albertina Dias, Rosa Oliveira. Outros, como Carlos Lopes, Rosa Mota ou Carla Sacramento associaram o seu nome à Corrida quer pelo apoio público quer por terem dado o tiro de partida e ou marcado presença na cerimónia de entrega dos prémios.

Um ambiente único

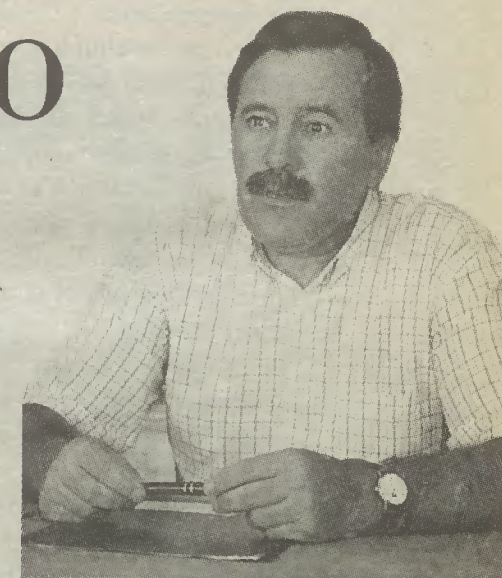
O segredo, segundo Eugénio Costa, reside no rigor da organização e no espírito da prova: «Valorizamos a amizade e o convívio. Quem participa sabe que isso é o mais importante, o que permite criar um ambiente único de entreajuda e camaradagem, onde se misturam atletas de alta competição com atletas amadores.» Contrariando os valores mercantilistas que também invadiram o desporto, a organização tem sabido preservar os princípios originais: «Não pagamos prémios monetários. Os vencedores absolutos femininos e masculinos ganham uma viagem de quatro dias à Madeira; às 15 primeiras equipas serão atribuídos troféus ou taças; o mesmo se passando

com os quatro primeiros atletas de cada escalão.»

Com inscrições gratuitas - que «visam permitir o mais amplo acesso das pessoas» - a organização tem de encontrar outras soluções para fazer face a um conjunto assinalável de despesas. «Normalmente uma prova destas tem custos na ordem dos quatro ou cinco mil contos. Mas é claro que não dispomos, nem de perto nem de longe, de tais montantes.» Desta forma, a Corrida depende inteiramente do trabalho voluntário de muitas dezenas de camaradas, sendo ainda essencial o apoio de numerosas freguesias, câmaras municipais e outras entidades. Eugénio Costa destaca a especial colaboração do Grupo Desportivo do Cavado, bem como de vários dirigentes de colectividades dos concelhos de Seixal, Almada e Lisboa. Os esforços da Câmara Municipal do Seixal, dos Bombeiros Voluntários e da Junta de Freguesia de Amora são também fundamentais para a concretização da prova. Os patrocinios de empresas resumem-se aos abastecimentos, fornecendo por exemplo garrafas de água, o que constitui um meio de publicidade para as marcas.

Convívio puro

Durante os meses de Julho e Agosto, a Festa promove várias iniciativas desportivas que juntam muitas centenas de praticantes em vários pontos do País. Na Atalaia, este ano o programa está recheado de novidades.



Duas semanas depois da Festa do «Avante!», terão início em Sidney, na Austrália, os Jogos Olímpicos. Acontecimento maior em termos desportivos, os Jogos são portadores de um profundo simbolismo que continua a ser uma referência incontestável para os amantes da paz e dos ideais de justiça e progresso da humanidade.

O espírito olímpico vai ter um lugar de destaque na Festa deste ano, como nos revelou Rafael Gomes, da Comissão Nacional da Festa. Para além de uma exposição que passa em revista através de cartazes o historial, por vezes conturbado, dos Jogos, os responsáveis pelo desporto pretendem ainda promover um debate sobre o Olimpismo, para o qual contam com a presença de personalidades ligadas ao desporto nacional.

Mas se este é um aspecto saliente no programa desportivo, muitas outras iniciativas sobressaem, quer antes quer durante a Festa. Na fase de promoção e divulgação, surge já no próximo domingo, dia 9, o concurso de pesca na Baía do Seixal, e, no dia 16, na Barragem de Idanha. Iniciativa semelhante está prevista para Lisboa, onde ao longo deste mês também se realizam torneios de andebol e futebol. As ruas da capital serão ainda animadas com torneios de xadrez e ténis de mesa, promovidos pela DORL do PCP. No distrito de Setúbal, para além de torneios de futebol, irão decorrer malha, sueca e snooker. Em Beja, 20 equipas participam num torneio de futebol de cinco,

modalidade que também conta com iniciativas nos distritos de Guarda e Castelo Branco. Em Agosto, a Festa, com o apoio do Clube Barroquense, promove o passeio de cicloturismo, prova que no ano passado juntou mais de 300 praticantes, que percorreram vários concelhos da margem sul.

Três dias de modalidades

Nos dias da Festa, os visitantes encontrarão no espaço do Desporto não só um lugar na bancada, como também a oportunidade de praticarem diversas modalidades. Xadrez, damas, voleibol, basquetebol, tiro, ténis de mesa, slide, escalada são algumas das propostas do programa. Para participar basta uma simples inscrição no local. Como curiosidade refira-se que a organização vai levar à Festa o campeão e o vice-campeão nacionais de Xadrez de Sub-10.

É isso mesmo, dois campeões que têm apenas dez anos de idade e que estão dispostos a defrontar visitantes de todas as idades numa simultânea deste jogo milenar. Quem se atrever que aceite o desafio. É que nesta modalidade os campeões não se medem aos palmos. Os desportos de exibição são a outra componente do programa. O sarau de ginástica continuará a ser um dos momentos mais espectaculares, tanto mais que este ano irá incluir uma demonstração de capoeira, a tradicional luta dos afro-brasileiros. Espectáculo é o que os Alunos de Apolo prometem com os seus pares de dança desportiva, modalidade que este ano vai estar presente nos Jogos Olímpicos, quiçá também com uma equipa portuguesa. Estes são apenas alguns dos destaques que escolhemos. A 1, 2 e 3 de Setembro, na Atalaia, haverá muito mais para ver e fazer.

Rafael Gomes: «o desporto na Festa continuará a apelar à participação dos visitantes»

Arte de Transformar Projectos seleccionados enriquecem a Festa

O júri da iniciativa «Arte de Transformar» reuniu-se na passada segunda-feira para decidir sobre os projectos que irão ser realizados na Festa do «Avante!».

O júri era constituído por Diniz Guarda, editor, director da revista de artes «Número», Manuel Gusmão, professor universitário, e Filipe Diniz, arquitecto, e teve o apoio de Augusto Flor, Francisco Nogueira e Pedro Penilo, da Comissão Organizadora da iniciativa.

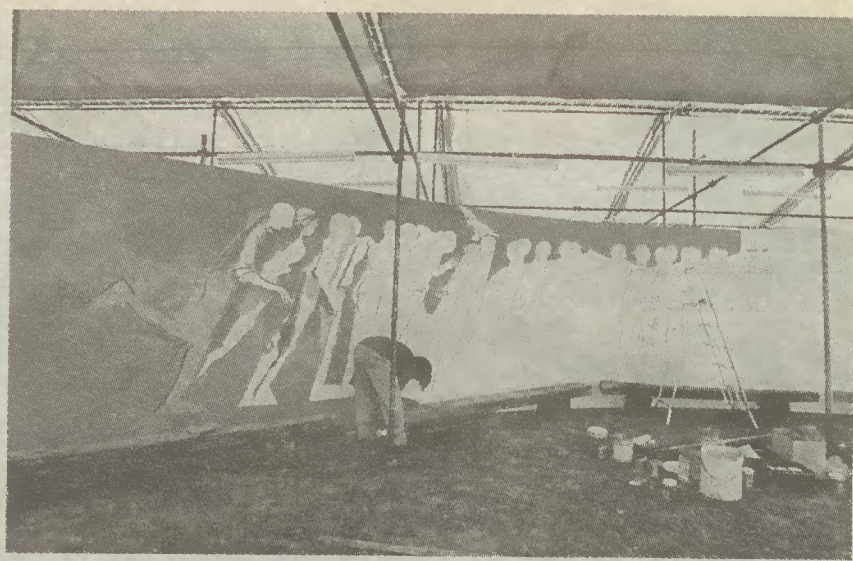
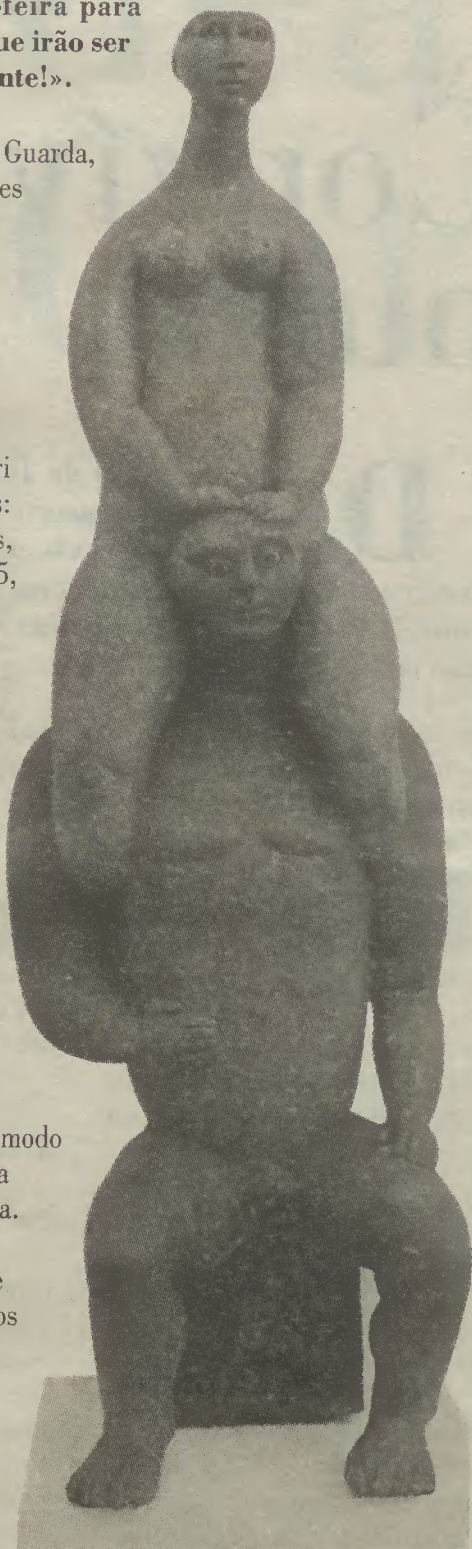
Dos projectos concorrentes o júri decidiu seleccionar os seguintes:

- na área das Artes Audiovisuais, um projecto, n.º de código 96695, de Patrícia Maria Martins de Almeida;

- na área das Artes Tridimensionais, dois projectos, n.º de código 48430, de Susana Gabriela Marques Nogueira, e n.º de código 96695, de Patrícia Maria Martins de Almeida;

- na área das Artes Bidimensionais, um projecto, n.º de código 12121, de Jorge Figueira.

Os autores dos projectos seleccionados vão agora ser contactados pela organização de modo a definir os aspectos concretos da sua realização no quadro da Festa. Há todas as condições para que desta iniciativa inovadora resulte uma nova perspectiva para um dos traços essenciais da Festa do «Avante!»: a associação dos caminhos de transformação que são próprios da arte com a festa daqueles que lutam para transformar a vida.



A solidariedade na pintura

Tal como nas edições anteriores, a Festa do «Avante!» dirigiu convites a vários artistas plásticos para realizarem intervenções no maior acontecimento político-cultural que se realiza em Portugal.

Deste modo, tendo como o ambiente o Espaço Internacional e paredes exteriores de pavilhões, a organização solicitou trabalhos em acrílico sobre pano ou platex com dimensões aproximadas de 2,50 metros por 1,90 metros (ao baixo).

Os temas sugeridos são: a paz; a solidariedade entre os povos; contra o racismo e xenofobia; pela abolição das armas nucleares; os camponeses e as suas lutas pela terra; Timor; solidariedade com Cuba.

Dos artistas contactados já

aceitaram participar **Daniel Hompesch** (Porto); **Susana Matos** (Lisboa) e **Luís Rodrigues** (Óbidos).

A Festa pediu ainda trabalhos específicos a outros artistas plásticos, como é o caso de **Roberto Machado**, que está a trabalhar sobre um projecto dedicado ao tema «PCP, um Partido para o nosso tempo», sobre as lutas, a actualidade e modernidade do projecto comunista, que estará exposta no Espaço Central.

José Bizarro prepara uma obra sobre «O PCP e os combates do futuro» que procura reflectir os ideais humanistas, a justiça social, a liberdade, a democracia, o socialismo e o comunismo.

O mesmo artista será o autor de um painel sobre Teatro.



Adquire a EP Ajuda a Festa!

...e aproveita o desconto de 800 escudos

Adquirida agora, a EP custa apenas 2300 escudos. Nos dias da Festa, o preço será de 3100 escudos.

FESTA Avante! 2000
SEXTA-FEIRA

FESTA Avante! 2000
SÁBADO

FESTA Avante! 2000
DOMINGO

1 2 3

TÍTULO DE SOLIDARIEDADE

FESTADO Avante! 2000
1 2 3 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SERIAL

Fim do reinado do PRI Direita mexicana ganha presidenciais

Vicente Fox, candidato da direita, ganhou as eleições presidenciais no México, pondo fim a 71 anos de governação do Partido Revolucionário Institucional.

O próximo presidente do México será Vicente Fox, do Partido de Acção Nacional (PAN), de direita, que concorreu às eleições de domingo como candidato da «Aliança pela Mudança», formada entre o PAN e o Partido Verde. O discurso populista de Fox, ex-presidente da Coca-Cola no país, encontrou eco na vontade de mudança dos mexicanos.

Além do novo presidente, os mexicanos também elegeram 128 senadores e 500 deputados, e os governadores dos estados de Guanajuato e Morelos e da Cidade do México.

Segundo os dados do Instituto Federal Eleitoral (IFE), foram às urnas 64 por cento dos cerca de 59 milhões de eleitores inscritos.

A vitória de Fox (42,72%) deixou pelo caminho as candidaturas de Francisco Labastida (35,77%), um economista de 57 anos desde sempre ligado ao Partido Revolucionário Institucional (PRI), de Cuauhtémoc Cárdenas (16,52%), veterano político de 66 anos candidato pelo Partido da Revolução Democrática (PRD), e os candidatos minoritários Gilberto Rincón Gallardo (1,65%) e Manuel Camacho (0,56%).

A coligação «Aliança para a Mudança» foi ainda a força mais votada na eleição de deputados (38,42%) e de senadores (38,34%), embora sem obter a maioria absoluta. O PRI recolheu 36,54% de votos para deputados e 36,32% para senadores, enquanto o PRD alcançou 18,6% e 18,75% dos votos respectivamente em cada uma das Câmaras.

O fim do mito

De acordo com os dados do IFE, a «Aliança para a Mudança» ficará com 235 lugares na Câmara de depu-

tados, o PRI com 200 e a «Aliança pelo México» (formada pelo PRD, o Partido do

Sem maioria absoluta, o PAN vai ter de negociar com a oposição

Trabalho e outros pequenos partidos) com 65. De registar que o movimento liderado por Cárdenas ganhou na capital federal e voltou a conquistar a presidência da Cidade do México, o segundo cargo político mais importante do país.

O PRI, tradicionalmente considerado, em especial nas classes mais desfavorecidas, como um símbolo nacional que ao longo de sete décadas garantiu a paz social e a estabilidade no país, não conseguiu desta vez contrariar a

Cronologia

O papel do PRI na sociedade mexicana começou a ser posto em causa nos últimos seis anos, a partir do momento em que o processo eleitoral deixou de ser controlado pelo governo. A breve cronologia que se segue ilustra os aspectos mais relevantes do princípio do fim de quase três quartos de século de domínio do Partido Revolucionário Institucional.

1994 - Revolta zapatista no Estado de Chiapas. Em Março, o candidato do PRI, Luis Donaldo Colosio, é assassinado durante a campanha eleitoral. O seu coordenador de campanha, Ernesto Zedillo, é nomeado candidato e vence as eleições. Uma das primeiras medidas do governo Zedillo é a desvalorização do peso, o que causa uma profunda recessão e grave crise bancária.

1995 - O PAN vence as eleições de governador nos estados de Baixa Califórnia, Guanajuato e Jalisco.

1996 - O Instituto Federal Eleitoral (IFE), dependente do governo desde a sua criação, passa a ter autonomia graças a uma reforma eleitoral.

1997 - Pela primeira vez, as eleições legislativas, em 6 de Julho, são organizadas por um órgão independente. O PRI perde a maioria absoluta na Câmara dos Deputados e a primeira eleição para a chefia de Governo na Cidade do México.

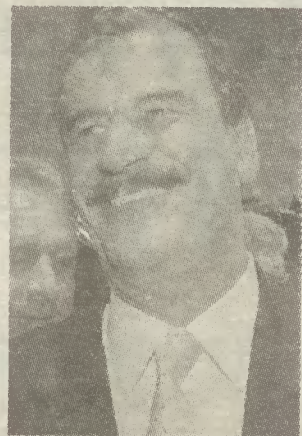
Dos sete governos Estaduais em jogo, incluindo a capital, o PRI perde quatro. De 649 prefeituras, a oposição ganha 276.

1999 - Zedillo abandona a instituição do «dedazo» (que permite ao presidente cessante escolher o candidato à presidência), deixando essa opção ao PRI.

2000 - Dos 31 Estados do país, o PAN governa seis, enquanto o PRD governa cinco, incluindo a Cidade do México.

convicção generalizada de que o governo do actual presidente Ernesto Zedillo é «corrupto» ou «muito corrupto» (opinião expressa em Abril por cerca de 50 por cento dos mexicanos). Zedillo cessa o seu mandato no próximo dia 3 de Agosto.

As críticas contra o gover-



Vicente Fox

no, para além da corrupção endémica no país, visam sobretudo a política interna. A necessidade de desenvolvimento económico, a educação e a resolução do conflito armado de Chiapas - que Zedillo não conseguiu, interrompendo o diálogo com a guerrilha do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) em 1996 e optando

pela crescente militarização da zona - são alguns dos aspectos mais sentidos pela população. O mesmo se passa em relação ao combate à droga, cujo tráfico aumentou significativamente nos últimos anos, e à necessidade de pôr cobro à crescente emigração clandestina para os EUA.

Desemprego na NET

Mais de 5,4 mil «profissionais on-line» perderam os empregos desde Dezembro do ano passado, revelou esta semana a CNN citando um estudo divulgado pela empresa norte-americana Challenger, Gray & Christman.

Segundo o estudo, a eliminação dos postos de trabalho verificou-se em 59 empresas, dois terços das quais desapareceram por não terem conseguido afirmar-se no comércio electrónico como esperavam. Trata-se, na opinião dos especialistas, de um sinal do «início do período de refluxo das empresas de comércio electrónico», que se segue à euforia expansionista até agora reinante nesta área.

De acordo com os analistas, a liquidação de empregos «on-line» vai continuar nos próximos meses, seguindo a sua evolução «natural», com base no princípio de que «as companhias que não produzem são eliminadas».

Na opinião dos mais optimistas, como Seema Williams, analista da Forrester Research, este refluxo não representa, necessariamente, más notícias para os profissionais que perderam o empregos, dado que a procura dos seus serviços continuará elevada, tendo em conta que «as empresas tradicionais - conhecidas por cimento e tijolo - estão a mudar parte de suas operações para a Web».

O regresso de Elián

• Miguel Urbano Rodrigues

O regresso de Elián, o menino sequestrado, foi festejado em Cuba

com uma emoção e uma alegria que a Ilha não conhecia desde a vitória de Playa Girón, há quatro décadas, quando o povo em armas derrotou o exército mercenário enviado pelos EUA. Esta foi também uma vitória colectiva, alcançada após mais de 200 dias de luta e sofrimento.

O governo dos EUA acumulou erros desde o início, ao permitir a entrega de Elián à mafia de Miami, legitimando o sequestro e violando as próprias leis norte-americanas.

Cuba travou dois combates simultâneos, um político, outro humanista. Venceu ambos. Fidel concebeu uma estratégia cuja execução, perfeita lhe permitiu atingir múltiplos objectivos Na frente norte-americana, ou seja, no campo do adversário, a mafia de Miami

sai completamente desprestigiada do dramático episódio em que utilizou como mercadoria uma criança de seis anos. Aos olhos do americano médio essa gente aparecia como a própria imagem da «Cuba democrática anticastro». Agora, finalmente, o povo dos EUA

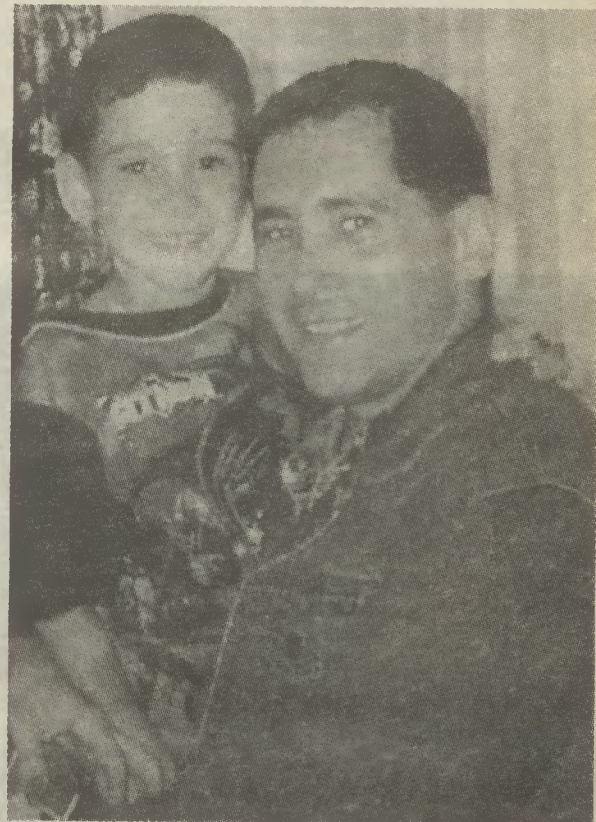
teve a oportunidade de ver a «oposição cubana» de Miami tal como ela é, desumana, amoral, marcada pelo ódio e pela gula do dinheiro. Os parentes sequestradores fizeram do menino um negócio. Até lhe venderam os cabelos, postos à venda através da Internet, como *souvenir*, ao preço de 50 dólares cada um...

Estes sete meses de luta mostraram ao americano comum, sempre desinformado (porque o bombardeamento da informação manipulada é alienante) uma Cuba que ele desconhecia, totalmente diferente da imagem que o sistema de poder lhe impõe. Pela primeira vez dezenas de milhões de pessoas perceberam que lhes mentiam. O pai de Elián, as suas avós, os colegas do garoto chegados de uma pequena cidade, a professora, o povo que nas ruas da Ilha exigia o regresso da criança eram, afinal, a antítese dos monstros desumanizados de que a propaganda falava... Com surpresa, as famílias americanas, da Califórnia ao Maine, de Seattle a Washington, descobriram que a virtude, estranhamente, estava na gente simples que chegava da terra de Castro para recuperar Elián e que a hipocrisia, a ganância e a maldade eram protagonizados pelos «democratas» de Miami. Os efeitos do choque Elián transcendem o desfecho do caso. A câmara baixa do Congresso dos EUA acaba de aprovar uma lei que permite a venda de medicamentos e alimentos a Cuba. Se passar no Senado esse diploma (que inclui restrições) será o primeiro rombo no bloqueio mais longo e irracional da história.

Cuba chorou de alegria

Internamente, a luta pelo regresso de Elián uniu mais os cubanos. O clamor «Liberen a Elián» foi permanente nestes sete meses. Washington não esperava que o povo respondesse ao apelo tão maciçamente e com tamanha emoção. Nunca em Cuba uma causa humanista reuniu tanta gente e tão repetidamente durante tanto tempo. Na última semana foram 400 mil na cidade de Holguín; no sábado passado, 200 mil em Manzanillo. Em Havana, milhões passaram pela tribuna aberta em frente do Escritório de Interesses dos EUA.

O governo norte-americano (e a sua Justiça) sabe que sem consenso, sem participação espontânea, não seria possível uma mobilização popular como aquela a que se assistiu em Cuba desde Novembro. E tirou conclusões, embora tardias, dos efeitos internos, para ele muito negativos, do prolongamento do sequestro.



É significativo que uma centena de moradores do bairro onde Elián viveu em Washington as últimas semanas se concentrou à porta da casa para despedir com uma quente ovação a comitiva cubana quando ela saiu para o aeroporto.

Clinton compreendeu desde o início de que lado estavam a razão e a ética. Mas o presidente americano é um pusilânime. Contemporizou excessivamente e deixou arrastar o caso, cedendo a pressões da extrema-direita e da mafia de Miami, sustentadas nos bastidores pelo Departamento de Estado. Foi mau para ele e para os dois candidatos à Casa Branca (ambos com péssimas posições no episódio) que o sequestro se prolongasse tanto. A opinião pública mundial, sensibilizada com o drama do pequeno Elián, teve assim uma oportunidade excepcional de verificar como na prática demonstram os EUA o seu respeito pelos direitos humanos. Cuba continua a festejar a volta do menino, erigido por um incidente trágico em símbolo da fidelidade do povo aos valores humanistas da Revolução. Vou completar 75 anos. Nunca vira tanto adulto chorando de alegria, com as lágrimas a escorrerem sobre rostos sorridentes, como na tarde daquele inesquecível 28 de Junho, quando Elián, ao colo do pai, desceu do avião e pisou a terra de Cuba.

TAP *mistérios* no desconhecido

● Manoel de Lencastre

Tornou-se-nos necessário alterar a data de uma viagem para Londres. Telefonámos para a TAP. A central telefónica da companhia respondeu, prontamente, «TAP-Air Portugal». Dissemos o que pretendíamos. «Um momento» e transferiram-nos a chamada para o departamento respectivo, o de Reservas. O telefone chamou nesse departamento pelo menos durante meia hora de um triste e monótono tempo de espera. Ninguém respondeu.

Isto foi de manhã. Tentámos durante a tarde. Tudo para sofrermos mais períodos de meia hora sem que nos atendessem. Dois dias depois, já ao fim da tarde, a telefonista de serviço esclareceu: «Tente à noite, talvez depois das oito.» O nosso contacto com a TAP

conheceu, assim, uma atmosfera de autêntico mistério.

Já não recordamos como nos foi possível alterar o bilhete de viagem para Heathrow (Londres), mas apresentámo-nos no Aeroporto, na nova data marcada, dispostos a viajar para o nosso destino. Cumpridas todas as formalidades habituais, um autocarro levou-nos em direcção ao avião. Era um voo às 11 horas da manhã que já não se realiza, julgamos que por imposição da Swissair. Mas quando o autocarro se aproximou do avião admitimos logo haver ali um erro. Nesse autocarro deslocavam-se, também, alguns africanos e ao deparar-se-nos o aparelho que voaria para Londres mais nos convencíamos de estar no autocarro errado. O avião era uma velha aeronave pertencente a uma companhia espanhola de voos «char-

ter», de pintura recente, a fuselagem, em secções, já a desprender-se. Dissemos para o condutor do autocarro logo que parou junto ao aparelho: «Deve haver aqui um engano. Eu vou para Londres.» – Resposta: «Precisamente. Este é o avião da TAP que vai para Londres.» Do interior do avião saíram duas hospedeiras de bordo que nos confirmaram: «Sim,

sim, é verdade, este é o nosso voo TAP453 para Londres.» Imediatamente recusámos embarcar. Exigimos que nos devolvessem a bagagem. Reparámos num grupo de jovens estudantes portugueses que, alegadamente, se alinhavam para entrar a bordo. Pensámos que era um crime empurrar aqueles jovens, tão cheios de entusiasmo pela sua viagem à capital da Grã-Bretanha, para um avião tão velho, tão precariamente apresentado, tão impróprio. A retirada da nossa bagagem do interior do aparelho causou algum transtorno e a TAP, reconhecendo que nos assistia o direito de recusar a voar naquele aparelho alugado, ofereceu-se para colocar-nos num hotel. Recusámos e aceitámos seguir para Londres num outro voo já ao fim do dia.

Arrogância da Swissair

Quando regressámos a Lisboa, o escritório da TAP em Heathrow informou-nos de que o «check-in» era feito nos balcões da Swissair. Depois, ao

penetrarmos na sala de embarque fomos abordados por dois senhores muito altos e sem aspecto de portugueses. «O seu passaporte», intimaram. Perguntámos: «Quem são os senhores?» Obtivemos a resposta que menos desejávamos: «Somos da Swissair.» Imediatamente recusámos mostrar o passaporte e declaramos não lhes reconhecer autoridade para nos exigir identificações. «Só à polícia» foi a nossa resposta. E acrescentámos: «Quem são os senhores, afinal? A quem pertence a TAP? Aos portugueses ou a estrangeiros?» Despertámos o interesse de outros compatriotas e ouvimos expressões de concordância. Os suíços mandaram chamar a polícia a cujos agentes, evidentemente, mostrámos o nosso passaporte. Por outro lado, já tínhamos sido informados de que o banco de reservas da TAP passara para o controlo da Swissair. Compreendemos que a TAP, a companhia aérea nacional, estava colonizada e tinha sido feita preparar para deixar de desempenhar um significativo papel na vida portuguesa. Os «businessmen» que a têm dirigido nos últimos anos fizeram dela uma autêntica ruína.

O antigo escritório de vendas na Lower Regent Street fechou. As vendas, agora, realizam-se num segundo andar do obscuro edifício-sede na zona de Victoria. Os serviços de «check-in» andaram de lado em lado – entregaram-se à Air France e, agora, ao domínio da Swissair. Os horários foram alterados de acordo com os interesses da Swissair e esta fez encaminhar para uma empresa fantasma, a Qualiflyer, todos os serviços e todo o pessoal TAP que pretende eliminar. O controlo das reservas pela companhia suíça corresponde a um crime que deixou a TAP a sangrar.



A ilusão do mercado global

Naturalmente, não se desconhecia a conjuntura. Por exemplo, a própria British Airways, após anos de acumulação de lucros tendo como contrapartida o despedimento de milhares dos seus funcionários, começou a gerar prejuízos.

A luta para competir no mercado global é de tal maneira feroz que levou a grande companhia a sugerir à KLM (holandesa) uma aliança ou, até, a própria fusão para dar lugar a uma «super-carregadora», a terceira em todo o mundo, garantindo, simultaneamente, o controlo dos dois mais importantes aeroportos do espaço europeu – Heathrow e Schipol.

Esta união daria lugar à criação de uma companhia gigantesca disposta de 528 aviões, voando para 257 destinos em mais de 80 países e controlando 40% dos «slots» de aterragem nos dois aero-

portos acima referidos. Naturalmente, face ao gigantismo do novo empreendimento, os primeiros a sofrer seriam os empregados de ambas as companhias (actualmente, 98 300) que, rapidamente, se veriam confrontados com uma política de racionalização sanguinária. As receitas conjuntas, que agora se cifram em mais de 13 000 milhões de libras esterlinas subiriam, sem dúvida, na proporção da queda dos compromissos financeiros com o pessoal. Este combinado, na opinião dos técnicos da British Airways, teria de racionalizar, também, os destinos e as frequências das respectivas operações. Diminuiria o número de vôos nas rotas europeias e alargaria a sua intervenção nos serviços atlânticos.

A necessidade de competir poderá conduzir ao último dia da British Airways (fundada em 1919) e da KLM (1920).

Mas, na opinião dos globalistas e maníacos do «big business» daria ao conjunto uma estatura similar à das principais companhias americanas. Não percorrer este sinuoso caminho seria, ainda segundo os escravos do mercado, perder terreno e perecer. Percorrê-lo, em nossa opinião, será penetrar as portas do inferno e morrer lá.

Salvem a TAP

Os homens da TAP terão pensado a sua estratégia de acordo com similares linhas de pensamento. Mas a TAP, uma pequena companhia, só teria a ganhar se se afastasse da luta para entrar no inferno e procurasse concentrar os seus recursos explorando-os melhor e adoptando uma estratégia comercial apropriada à sua natureza de companhia nacional. No seu inte-

rior, formaram-se ao longo dos anos muitas centenas de bons técnicos de aviação comercial, gente que sabe onde começar e até onde ir para fazer reviver e triunfar uma empresa de que o país deveria orgulhar-se e não permitir que se perdesse. Por que não realizar-se uma campanha junto de todos os que ligaram aos da TAP os seus destinos para encontrar a estratégia que faz falta? Por que não renunciar ao fatalismo das chamadas leis do mercado? Por que não cortar os laços que a Swissair está a apertar cada vez mais para sufocar e destruir a nossa companhia internacional mais representativa?

Todo o pessoal da TAP, actualmente desmoralizado e já com poucas esperanças, estaria preparado para acompanhar e dar vida a uma nova política e a uma nova estratégia comercial na TAP.

Os «businessmen» dirigentes da TAP nos últimos anos chegaram à conclusão de que a companhia é demasiado pequena para poder sobreviver no oceano onde vivem tubarões de grandeza internacional. Outros «businessmen», metidos nos sucessivos governos PSD-PS, têm advogado princípios idênticos. Mas não vimos a Ibéria e o governo espanhol resistirem à UE? Se o governo português não fosse escravo dos meios que governam as actividades comerciais, internacionalmente, teria negociado estatutos de excepção para a TAP, tê-la-ia salvo das garras da Swissair. Tornou-se mais fácil sugerir, porém, que no sistema de concorrência livre internacional, a TAP não podia sobreviver sem uma aliança com um dos maiores transportadores – neste caso a Swissair.

Os resultados finais desta ruínosa e submissiva, antipatriótica orientação estão, agora, perfeitamente à vista. Em nossa opinião, apesar das leis de que o globalismo se fez rodar em toda a parte, os responsáveis pelo declínio e morte possível da TAP deveriam ser culpabilizados pelos seus actos contra os interesses nacionais e entregues aos tribunais para prestarem contas dos seus actos perante a justiça do povo português.

Cuba

• Miguel Urbano Rodrigues

Economia e cultura

- uma interacção harmoniosa

Em 1991, após a desagregação da URSS, Cuba ficou isolada. Em Washington festejaram prematuramente o fim do socialismo na Ilha. No ano 2000, a economia cubana apresenta a mais alta taxa de crescimento da América Latina.

Desde 1995, superados os grandes desafios do período especial, a economia cubana tem crescido a uma média anual de 4,4 por cento. As estatísticas revelam que a produtividade aumenta a um ritmo de 3,2 por cento ao ano; o desemprego baixou de 8 por cento para 6 por cento; a relação entre o consumo de combustível e a produção melhora; o custo da tonelada de açúcar à saída das centrais é cada vez menor e a última safra foi a melhor desde o início do período especial; a produção de hortaliças regista o maior crescimento da América Latina; as exportações de níquel, tabaco, crustáceos e peixe, e produtos far-

macêuticos aumentam de ano para ano. A taxa de poluição ambiental é a mais baixa do Continente.

Estas vitórias, inimagináveis há uma década, foram obtidas no contexto de uma política de cerco imperial caracterizada por um reforço do bloqueio norte-americano. O dramático caso do sequestro de Elián veio demonstrar que a nova geração assume os ideais das que tornaram possível a Revolução e souberam defendê-la. Essa evidência é reconhecida inclusive pela grande imprensa norte-americana que mostra surpresa pela disponibilidade da juventude para lutar pelo socialismo.

Como foi possível?

Essa pergunta é constantemente formulada; os próprios adversários do regime cubano repetem-na, perplexos.

Carlos Lage, o secretário executivo do Conselho de Ministros - na prática o primeiro-ministro é o responsável pela estratégia da recuperação económica - procedeu há dias a uma avaliação dos resultados alcançados num balanço que

iluminou facetas pouco conhecidas do *éxito cubano*.

Lage falou sobretudo acerca de novos métodos de gestão habitualmente designados pela expressão «aperfeiçoamento empresarial», métodos que ao ampliarem a autonomia das empresas e a sua responsabilidade, sempre numa perspectiva socialista, introduziram uma reforma revolucionária no funcionamento da economia.

Na sua opinião, «o aperfeiçoamento empresarial é a mais profunda, extensa e transcendente mudança económica que já ocorreu na economia cubana. Trata-se de um novo sistema de gestão que transforma a organização e a direcção da economia naquilo que é a empresa estatal, o núcleo principal».

A economia em função do homem

Não é possível num artigo como este explicar o funcionamento complexo de mecanismos descentralizadores que em vez de enfraquecerem o papel do colectivo de trabalhadores fazem da sua participação empenhada o factor básico do êxito.

Por isso mesmo o debate em torno do aperfeiçoamento empresarial assume um significado ideológico especial no momento em que os defensores do neoliberalismo globalizado insistem em proclamar a incapacidade do socialismo, a nível da teoria e sobretudo da prática, para responder aos grandes desafios colocados pela revolução técnico-científica e o novo paradigma que lhe condiciona o rumo.

No caso específico do aperfeiçoamento empresarial, os factos demonstram que foi precisamente o socialismo, como lembrou Lage, que permitiu resistir e avançar, e que «foram os mecanismos económicos do socialismo os que deram e continuam a dar impulso à recuperação económica».

Porque o socialismo não deve ser visto - sublinhou - apenas pelo prisma da eficiência. Ele é também «justiça e solidariedade». A economia deve ser pensada em função do homem e nunca o homem em função do mercado. Daí que «o aperfeiçoamento empresarial como processo que procura a eficiência da empresa, está subordinado à política e à direcção do nosso Partido como qualquer tarefa económica no socialismo».

Lage extraiu a grande lição do êxito do aperfeiçoamento empresarial (já aplicado em 1419 empresas com 810 mil trabalhadores) condensando-a numa síntese: «mesmo sem a existência do campo socialista, um país socialista pode inserir-se na economia mundial e a empresa



socialista pode ser tanto ou mais eficiente do que qualquer empresa capitalista».

Na Ilha cercada, as exigências são cada vez maiores: «O papel do colectivo de trabalhadores e de cada trabalhador consciente e activo como participante no processo, e a atitude do quadro de direcção são decisivos.»

Lage não escamoteou as verdades difíceis: «No socialismo - lembrou - um dirigente sem modéstia, sem austeridade e sem respeito pelo povo, não pode ser dirigente em nenhum nível nem tarefa alguma. A profunda convicção na justiça das ideias comunistas que defendemos é a condição indispensável que deve reunir todo o dirigente».

Cultura e liberdade

Quase simultaneamente os intelectuais cubanos, reunidos no plenário do Conselho Nacional da União dos Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC), debatem numa atmosfera dificilmente imaginável na Europa problemas que são de toda a humanidade.

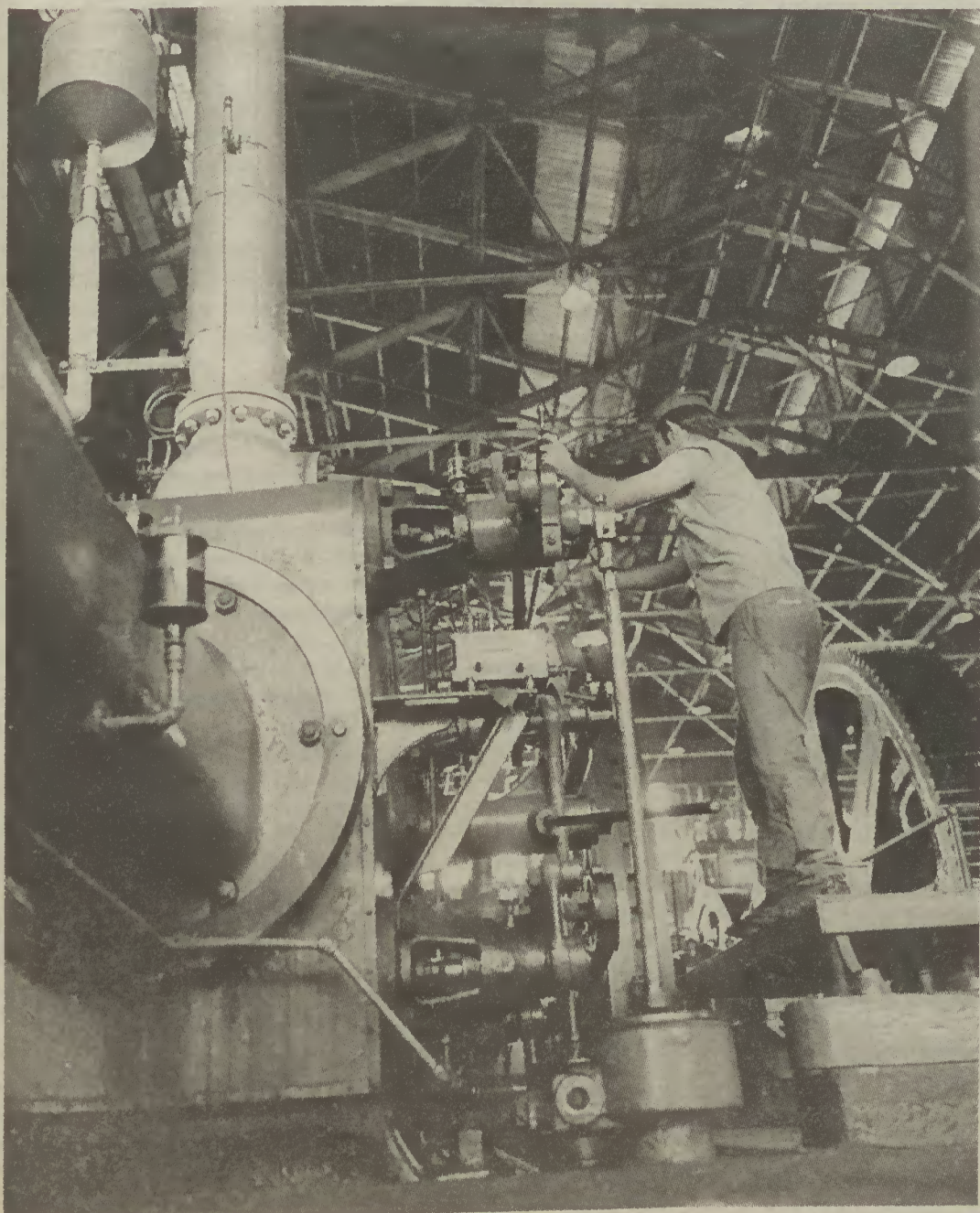
Fidel deu o tom ao recordar que o fenómeno de agressão à inteligência e à cultura que estamos vivendo não tem paralelo: «O homem primitivo tinha mais liberdade de pensar; hoje é a selva. Na sociedade de consumo dizem ao homem tudo; com a mesma técnica transmitem-lhe as ideias e suprimem-lhe toda a capacidade de pensar, liquidam-na.»

O dirigente tem uma consciência permanente dos gigantes problemas que a Revolução, para sobreviver, enfrenta em todas as frentes. Mas sente um orgulho profundo ao constatar que o povo cubano escapa ao fenómeno mundial a que aludiu. Os cubanos pensam.

Numa brilhante intervenção sobre a massificação da cultura tal como é entendida na Cuba socialista, Abel Prieto, o ministro da Cultura, disse coisas que me fizeram meditar sobre a causa primeira dos resultados do aperfeiçoamento empresarial.

Em Cuba brota espontâneo, com a transparência da água que corre nos rios de montanha, o debate em torno do triângulo mágico Cultura-Liberdade-Trabalho.

Sem Cultura não há liberdade possível. Outra evidência, cada vez mais esquecida na Europa desumanizada pelo neoliberalismo, é a relativa à complementaridade que na mundividência socialista existe entre o trabalho, a cultura e a liberdade. Creio que o tema é merecedor da atenção dos intelectuais progressistas portugueses.

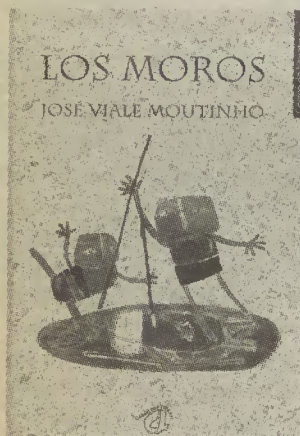


Livros



A Cidade no Bolso

De Mário Cláudio, um escritor com importante obra sobretudo no âmbito da ficção, especialmente no do romance, um livro agora de textos sobre uma cidade - o Porto. A **Campo das Letras** lança este volume, integrado na sua colecção **Descobrir o Porto**, ilustrado com fotografias de **Rui Luís Romão**, e **Mário Cláudio** organizou estes seus textos, escritos entre 1985 e 1997. Não é a primeira vez que o escritor o faz - e recupera alguns que sobre a cidade já publicara há alguns anos. «Em torno» da cidade o faz, como ele próprio confessa. Esta antologia, diz a prefaciadora Laura Castro, contém «uma lição curiosa». Que será «a da transferência de identidade entre o Porto e outras cidades. Em cada lugar», escreve, «reconhece-se o Porto e no Porto reconhecem-se todos os lugares.» O leitor que do Porto não seja natural há-de compreender este «centrismo» do autor, portuense de gema, e ler com gosto estas reflexões e viagens entre as gentes e os lugares de uma cidade incomum.



Los Moros

Continuemos no Porto e na mesma editora que, na sua colecção **Campo da Literatura**, publica este **Retábulo para uma Novela**, como o autor literariamente classifica o livro que recenseamos. **José Viale Moutinho**, jornalista e escritor que nasceu no Funchal e achou raízes na Invicta e no Norte do continente, escreve esta ficção que trata de uma larga viagem no tempo e no espaço ibérico (de que o autor, ao longo dos seus trabalhos, nos vem dando provas de uma afeição particular). O Porto é aqui apenas pretexto, pois. E o título **Los Moros** não servirá para designar, como poderia supor o menos avisado, quem habita abaixo da linha do Douro. Do Porto parte uma coluna de milicianos, apostada em resgatar uma aldeia, Los Moros, capturada pelos espanhóis. E daí viajamos da Idade Média aos tempos da Guerra Civil, por terras de cá e de lá...

Crónicas da Idade Média

• Ruben de Carvalho

Quatro pontos sobre a RTP

Em entrevista à VISÃO da semana passada, o ministro Jaime Gama desenvolve uma série de ideias sobre a televisão em Portugal que merece atenção:

«Gostaria de viver num país - afirma - onde as televisões fossem privadas, mas em que houvesse um operador público, apenas um, de qualidade, com bons filmes a horas decentes, com informação de qualidade, com bons debates e com um papel relevante na área internacional. Portanto, sou inteiramente favorável à privatização da RTP 1, ficando o Estado com a RTP 2, mas bastante melhor do que é actualmente, para uma finalidade puramente cultural e informativa de qualidade. Quanto ao resto, televisões privadas é aquilo de que a população gosta - cada vez mais quantidade e menos qualidade, mas gente feliz.»

As linhas transcritas justificam assim alguns comentários.

Primeiro - Em debate realizado há cerca de um mês para o DNA, fui interrogado sobre a minha opinião quanto a essa «coisa» que o ministro Vara inventou reunindo RTP, RDP e etc. À semelhança da esmagadora maioria das pessoas do meio que emitem opinião sobre a esdrúxula solução, manifestei-me frontalmente contra, mas sugeri que nos debruçássemos um pouco sobre onde poderiam estar os objectivos e a razão de ser de uma medida que, à primeira vista, delas parece inteiramente carecer.

Insisti e insisto que a fusão realizada tem como essencial objectivo abrir caminho a uma solução que até ao presente só muito timidamente tinha sido ventilada: a privatização da RTP 1.

De há muito que os mais diversos interesses pressionam no sentido de privatizar sectores da televisão pública, paulatinamente se

ções mais afiadas surgiam circunspectas quanto à necessidade de a RTP 1 se manter na posse do Estado e no exercício do serviço público.

As circunstâncias, manifestamente, alteraram-se. O dislate administrativo do ministro Vara não resolve coisa nenhuma e apenas prepara mais um cenário no qual a inevitavelmente perturbante presença brutalmente deficitária da RTP 1 na mimosa holding dará pasto à gritaria para a sua venda, no quadro da evidente reestruturação dos grupos privados de Comunicação Social.

Com a displicência que sempre o caracterizou, Jaime Gama vem agora proceder ao desnudamento do rei...

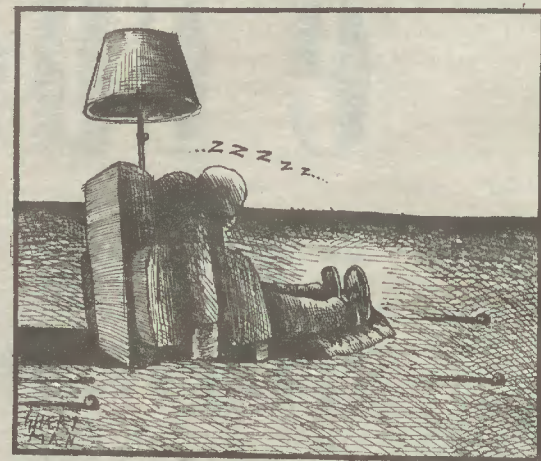
Segundo - Como o ministro Jaime Gama evolui habitualmente nos salões alcañados da diplomacia e toma assento nos móveis de estilo das negociações internacionais, não é obrigado a ser tão prudente na linguagem quanto os seus colegas Jorge Coelho, Sócrates ou Capoulas quando visitam os exaltados protestos de Souselas, as inundadas galerias do metro ou as suadas indignações agrícolas. Pensem o que pensarem, tropeçam amiúde com o povo e com igual frequência são alertados para que aquelas personagens constituem simultaneamente - o eleitorado.

Sucedem assim que, ao desdobrarem-se em apelos à superior compreensão e clarividência da população face às penosas imposições da governação, pedindo simultaneamente que nelas se encontre razão para votar no eng. Guterres, aqueles ministros não podem, no tom seráfico do dr. Gama, afirmar publicamente que, afinal, a população anseia por

quantidade e não qualidade, é constituída por pessoas pouco clarividentes e nada compreensivas, que querem é ser felizes com o Big Show SIC e os «Donos da Bola». Felicidade essa destinada a ser lucrativa e privadamente suprida, deixando ao serviço público imagens consumíveis em salões alcañados por telespectadores instalados em móveis de estilo. Dado o desejado «papel relevante na área internacional», até poderia suceder que às Necessidades coubesse novo papel na definição de tal serviço...

Não é caso para dizer que às vezes a verdade sai da boca das crianças, mas em geral os ministros dos Negócios Estrangeiros dispõem de igual candura e impunidade a nível interno...

Terceiro - Habitualmente não é fácil concordar com Eduardo Prado Coelho, mas é forçoso reconhecer que o resumo que, em



nota de rodapé, escreveu há dias sobre o episódio Carlos Cruz/RTP/SIC retrata com felicidade um dos mais caricatos e reveladores episódios da atribulada vida da 5 de Outubro. Que no dia em que Carlos Cruz informa a administração da RTP de que se muda de armas e bagagens para a SIC a dita administração lhe diga: «Olhe que pena, e nós que tínhamos decidido ontem convidá-lo para director da estação!», é um gag digno de Herman José ou dos Monthly Pyton!

Como é óbvio, o ignóbil caricato da circunstância não tem rigorosamente nada que ver com serviço público, televisão do Estado ou semelhante: deve-se exclusivamente à qualidade da gestão e de quem a faz - e este é que é o problema essencial da RTP.

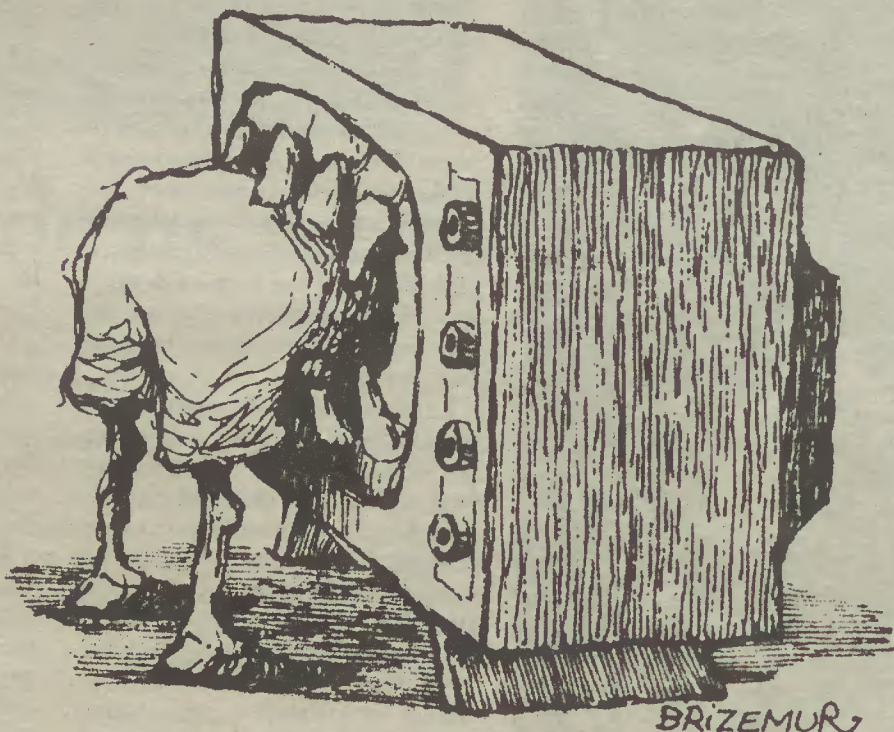
Embora com o governo PS os túneis do Metropolitano tenham tendência a pôr em causa os edifícios do Terreiro do Paço, as cegonhas usem pôr o País às escuras e o ministro Fernando Gomes seja o que é e seja ministro, não é fatal que o Estado tenha de nomear incompetentes para o exercício das funções que lhe estão cometidas. Não consta que o Hospital de Santa Maria, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil ou o Estado Maior da Marinha sejam regidos com os elevados padrões de incapacidade que há anos se exercitam na televisão oficial.

Diga-se que, de resto, até é de admitir que o problema não resida exclusivamente (talvez nem mesmo principalmente) nas pessoas individualmente consideradas, mas num pantanoso problema onde faltam vontade política e coragem e sobram inconfessados jogos de interesses económicos e de mesquinhas partidárias.

Quarto - Assegurar serviço público de televisão mediante o mais pequeno dos canais nacionais, sem carácter generalista e decididamente voltado para uma faixa reduzida de público, é uma solução que não existe em nenhum país da Europa. Existe apenas nos Estados Unidos e pela excelente razão de que a evolução da TV naquele país foi completamente diversa (para não falar que as próprias estruturas estatais também o são) da ocorrida deste lado do Atlântico.

Nos EUA a televisão começou por ser um investimento privado, à semelhança dos telefones, dos caminhos-de-ferro, da rádio ou até de forças de segurança, enquanto nos países europeus partiram do Estado os investimentos determinantes na montagem de equipamentos que, com toda a razoabilidade, se entendeu enquadrarem-se nas responsabilidades públicas e colectivas da sua acção.

Ao contrário do que Jaime Gama (e quem mais?) pensa, «uma finalidade puramente cultural e informativa de qualidade» não é questão que interesse apenas minorias. É, pelo contrário, questão relevante para a maioria, importante de mais para ser deixada a essa nebulosa e deveras conveniente desculpa das «leis do mercado».



tomando medidas que a vão estrangulando economicamente: foi a disparatada (mas nada inocente, claro) eliminação da taxa, depois a desastrosa alienação da rede de emissores, o estrangulamento da acção desenvolvida na RTP 2 por Fernando Lopes, etc. Começou depois a falar-se da privatização da 2, solução badalada até para corresponder às exigências da Igreja católica quando da abertura do sector aos privados e que deu origem ao tão pícaro quanto vergonhoso folheto da TVI.

Mas, sublinhe-se, a pressão exercia-se sobre o segundo canal, mesmo as ambi-

Artes plásticas

• Manuel Augusto Araújo

O fim da arte

Destacados membros da Corporate Arts Advisers, associação que reúne os conselheiros artísticos das empresas e fundações dos Estados Unidos da América que, no seu conjunto, constituem o maior comprador de arte mundial, tem produzido, ao longo do tempo, declarações de interesse para que se perceba o que se passa no mercado das artes e de caminho se decifrem algumas teorias estéticas.

«Compramos obras de arte para que os nossos clientes entendam os preços que pedimos para os nossos escritórios» (World Trade Center). «A compra de obras de arte faz parte intrínseca do nosso programa de relações públicas, da campanha para melhorar a nossa imagem de marca junto da opinião pública» (Exxon); e para finalizar a total franqueza contida afirmação do presidente dessa associação: «Compramos tudo menos pintura e escultura que tenham a ver com religião, morte, sexo, política.»

Ora esta clareza tem a enorme virtude de esclarecer o que a vulgar mediatização das artes plásticas, nos seus variegados formatos, envelopa em complexas velaturas teórico-literárias que acabam, mais tarde ou mais cedo, por revelar a sua raiz profunda, a que está fortemente ancorada na fidelidade ideológica ao modelo socioeconómico dominante optando, na melhor das hipóteses, pela 3.ª via.

Poder-se-á pensar que bater nesta tecla da ideologia é uma caretece, despudor de quem não se irá submeter a nenhum teste biotecnológico para não se descobrir a evidência de o seu genoma ter vários genes de dinossáurios, de quem continua a insistir que uma ilha só o é por se definir em relação a um continente, e que nenhuma actividade humana está desligada do contexto socioeconómico em que é produzida.

Um facto é que por cá, e no campo dos que proclamam, com maior ou menor ênfase, a morte das ideologias, se está a perder qualquer sentido de medida. Dê-se um exemplo: chama-se Museu do Design a um espaço que, no CCB, alberga uma colecção particular com alguns, em franca minoria, objectos significativos de design. A cobertura mediática de que dispôs e dispõe, sem que se questione a designação, está directamente relacionada com o constante elogio e referência, nos meios de comunicação social, à participação da iniciativa privada noutras instituições públicas a quem se dá um relevo que não é proporcional ao seu suposto empenhamento económico (vejam-se as contas das diversas instituições partilhadas;

mas esta é outra história dentro da mesma história), provavelmente porque esse empenhamento só se concretizará quando considerarem que estão cumpridos os desígnios tão bem explanados nos EUA. Outras culturas...

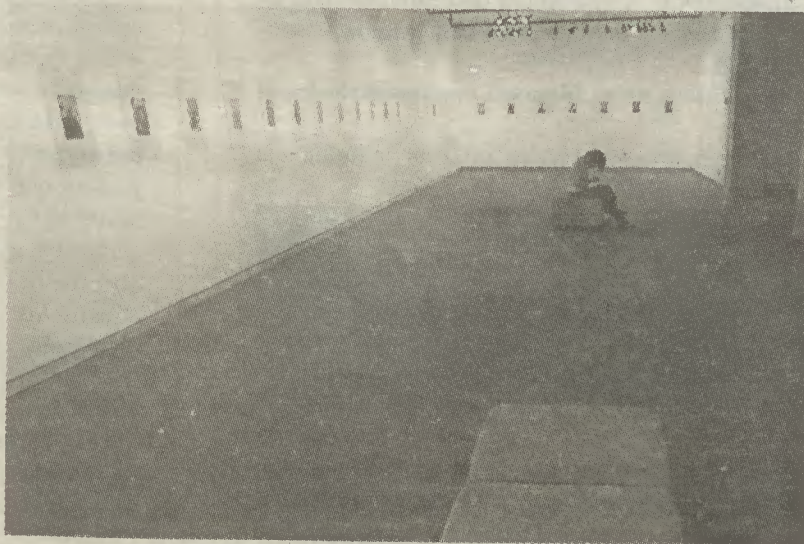
Labirinto

Mas este estado de coisas produz uma nova realidade que é o da produção das artes plásticas estar cada vez mais enleada nas redes de uma comercialização rápida que as oferece a um consumo cada vez mais acelerado e acrítico, o que impõe uma competição agreste, condicionadora da liberdade de criação padronizada pela efemeridade das modas.

O traço dominante é o das artes plásticas estarem a produzir respostas sem colocarem questões. Como não há questões, essas respostas não significam nada.

Dito de outro modo assistimos ao suicídio repetido do ideal criador sintetizado por Nietzsche que era o de procurar na pedra a estátua da estátua para o ressuscitarmos na crença de que a pedra é a arte suprema.

É o labirinto da falsa profundidade como lhe chamou Eduardo Lourenço. Labirinto alimentado por um mercado voraz e tentacular, onde confluem inúmeros interesses que aplicam com precisão as suas ferramentas: os produtos a desenvolver, as linhas de distribuição, o domínio dos canais de informação, a análise da procura, o comando da oferta, os espaços de comércio, o controlo das instituições que certificam a qualidade.



Para o artista é indicado um percurso, o de se normalizar produzindo para um mercado pré-existente e segundo as orientações implícitas ou explícitas dos agentes desse mercado. Nada de religião, política, sexo e morte. Nada de nada no mais absoluto e obscuro silêncio.

O ponto extremo atinge-se quando se constituem sociedades de investimento em obras de arte. Adquirir um objecto de arte é e sempre foi um investimento, por mais extrema que seja a paixão desencadeada. O que se quer instituir com estas sociedades é a banalização desse investimento, igualizando-o a qualquer outro investimento. Compra-se sem se saber e até sem se conhecer o quê com a única expectativa de obter lucro.

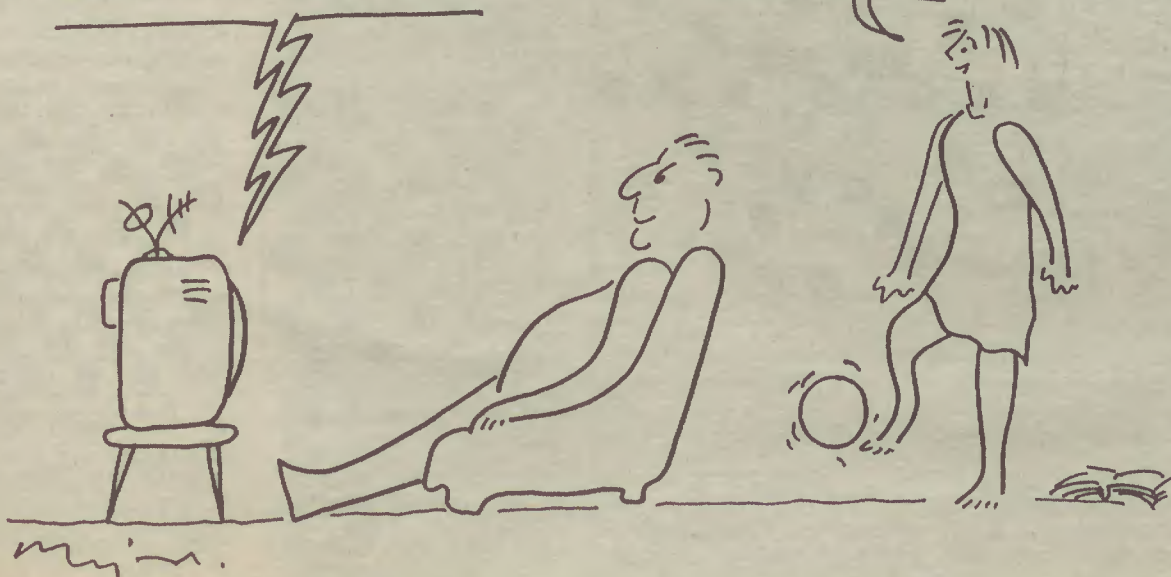
Isto sim é a morte da arte, não a anunciado por Hegel, com uma releitura de Adorno e retomada por alguns pós-modernistas como Vattimo, mas afogada por um excesso de produção de lixo consumista.

Cartoon

• Monginho

GUTERRES NO ESTADO DA NAÇÃO EM RESPOSTA AO PCP: «... E EU NÃO ESTOU NADA PREOCUPADO COM A FAMÍLIA MELO»

POIS... "ESQUECEU-SE" DE DIZER SE SE ESTA PREOCUPADO COM AS MILHARES DE FAMÍLIAS A QUEM A FAMÍLIA MELO PREOCUPA DIARIAMENTE!



Pontos Naturais

• Mário Castrim

Muito pessoal

Álibi?

Tenho o sentido sempre no Partido. Em cada instante que sou sinto que nunca dou o bastante. Poema, vejo em ti quando a crítica soa, uma espécie de álibi inerte.

(Perdoa, perdoa amigo. Não quis ofender-te.)

Debilidades

Sou um pequeno-burguês que no Partido viu a redenção (ressureição talvez)

Porém, um privilégio se acontece, ainda nem sempre me parece um sacrilégio.

Ainda às vezes também sou vaidoso e feliz (certo, logo o ridículo vem pôr os pontos nos is).

Tanto entender a lei ainda me falta! Chegarei a ter alta?

Sou um pequeno-burguês que vive a sua história de «era uma vez».

Oiço, longe, o Glória...

Actualidade

Isto hoje, aliás, parece um testamento. Rapaz! Abre as velas ao vento que as tens, e tê-las obriga a merecê-las. Outra forma não há de ter sucesso.

A propósito: tu já discutiste o Congresso?

Força, pá

E quanto àqueles ares de dares ou não dares ao Partido o bastante de ti tira daí o sentido. Um passo que dê adiante para um pequeno burguês e a seu modo já não está mau de todo quando já pude ver em almas de outra gema (ou eu pensava ser) lavrar o desencanto.

Vá! Saia mais um poema para a mesa do canto.

Internet

• Jorge Figueiredo

Terra, mar, ar e ciberespaço

No vasto mundo do ciberespaço também há luta de classes. A tecnologia, por si própria, não é intrinsecamente de esquerda ou de direita. Mas as utilizações que dela se fazem têm motivações muito concretas e obedecem, muitas vezes, a fins políticos determinados. Um par de exemplos reais ajuda a compreender o tipo de coisas que estão em jogo.

O governo americano afirma publicamente que pretende estabelecer um padrão internacional para proteger a vida privada dos que navegam na Internet. Mas é o próprio Estado norte-americano que patrocina um sítio web - o Freevibe <http://www.freevibe.com/index.shtml#> - onde os utilizadores são vigiados. Trata-se de um sítio do governo americano destinado a jovens com problemas de drogas ou à procura de informações sobre estupefacientes. O sítio utiliza a tecnologia dos *cookies* para acompanhar as deslocações dos seus visitantes pelas suas páginas, e provavelmente por outros lugares do ciberespaço. Os ditos *cookies* são administrados pela empresa DoubleClick, actualmen-

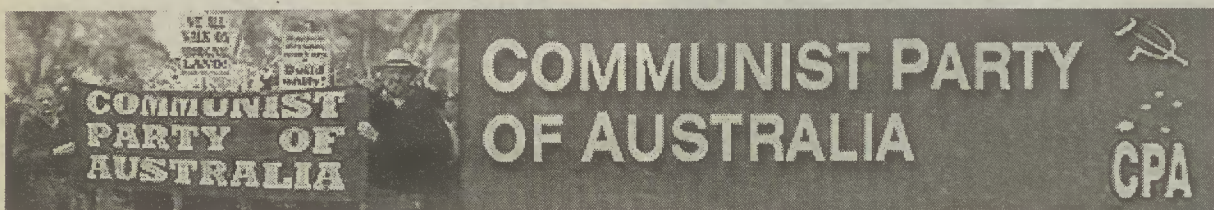
volume tão colossal de dados baseia-se no chamado «Dicionário», uma enorme listagem de palavras que os órgãos de espionagem americanos consideram ter interesse. Assim, todo o fluxo de informações (faxes, telexes, emails, conversas telefónicas, etc.) entre países e dentro de um mesmo país é

peneirado automaticamente à procura das ditas palavras (pode-se baralhar o sistema utilizando-as em cata-dupa). Só depois disso há intervenção humana, com analistas que vão transformar os dados recebidos em informação, classificando-os e organizando-os. Esta é depois encaminhada aos «clientes». As informações obtidas podem servir, também, para finalidades comerciais (ficou conhecido o caso recente de um concurso público perdido pela Airbus porque o concorrente americano soube previamente o preço que iria ser proposto).

Já foram divulgados muitos documentos acerca do Echelon. Alguns deles estão no sítio: <http://www.ncoic.com/echelon.htm>; outros na revista Covert Action: <http://mediafilter.org/faq>; e também há uma campanha de desobediência ao Echelon, iniciada pelo Partido Comunista da Austrália, em:

<http://www.users.bigpond.com/agitprop/echelon.htm>.

Antigamente as estórias infantis costumavam



ter sob inquérito por utilização abusiva de informações pessoais. Alguém poderá dizer que os fins justificam os meios no caso do combate à droga. Mas será mesmo assim? Para onde vai a liberdade de movimento dos cidadãos se se passa a policiar as suas idas e vindas no ciberespaço?

Dir-se-á que o exemplo citado é inócuo, até inóceno, que os drogados têm mesmo de ser fiscalizados, que os *cookies* são habituais na Internet e não são coisa de assustar. Mas, então, vejamos um outro exemplo, este muitíssimo mais grave. Trata-se do Projecto Echelon, montado na década de 50 por agências de espionagem do governo americano, com a convicção activa dos governos da Grã-Bretanha, Austrália, Nova Zelândia e Canadá. A missão do Echelon é fiscalizar os conteúdos de todas as telecomunicações mundiais, seja por fio de arame, por rádio, por micro-ondas, por ligação troposférica, por cabo submarino, por satélite e, agora, também os «pacotes» encaminhados através do protocolo TCP/IP (leia-se Internet). É um *big brother* gigante, em escala mundial e ao serviço do império.

Espionagem e devassa

A técnica usada pelo Echelon para examinar um

terminar com alguma lição de moral. Assim, pode-se perguntar retoricamente qual a moralidade disto tudo. A resposta é que provavelmente não haverá nenhuma. Vivemos num mundo de espionagem e devassa generalizada, onde os que têm mais meios (e medo) espiolham tudo. Salta à vista a hipocrisia e a dupla moral daqueles que condenam os *hackers*, diabolizando-os. As mesmas potências que construíram uma rede global de policiamento e fiscalização da vida dos cidadãos de todo o mundo têm o desplante de ameaçar e encarcerar jovens que fazem o mesmo numa escala individual e microscópica.

Historicamente os campos de batalha tradicionais eram a terra, o mar e o ar. Assim se organizou tradicionalmente a divisão do trabalho entre as forças armadas. Agora, tudo indica que surgiu um novo campo, mais etéreo, fluido e impalpável: o do ciberespaço. Isto tem alguma lógica pois, como se sabe, a génese da Internet foi a «guerra fria» (a rede Arpanet do Departamento da Defesa dos EUA). Posteriormente a Internet tornou-se mais civil e ganhou autonomia, mas a sua própria origem demonstra as potencialidades de controlo desta tecnologia. Assim, para as forças progressistas de todo o mundo também neste campo será preciso travar batalhas.

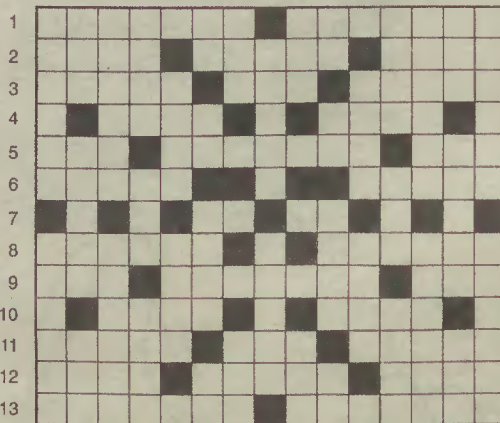
Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 - Nome vulgar de um género de macaco da América tropical com os dentes caninos salientes e recurvados, também conhecido por boca-negra; isca que se dá aos falcões e aves congéneres para os domesticar. 2 - Equipa; lugar onde se secam os cereais (pl.); carga. 3 - Imagem pintada da Virgem, dos santos e anjos ou de cenas bíblicas, usada principalmente nas igrejas orientais católicas e ortodoxas; compareciam; roem. 4 - Lugar onde se arremata o peixe à chegada dos barcos de pesca; toquia. 5 - A primeira mulher; vagabundos; a família. 6 - A voz de comando para soltar a amarra do navio ou qualquer objecto que se tem preso; desbasta. 7 - Ouro (s.q.); antigo soberano persa. 8 - O m.q. pousar; grande extensão de caminho. 9 - Anel; tecido de estopa e lã, usado pelas camponesas alentejanas; grande quantidade. 10 - Mulher nobre; cingem com nó. 11 - Asara; produto tinturial da Índia; embrulha (fig.). 12 - Oferecida; nome de letra (pl.); acrescentas. 13 - Perfumara; restara.

VERTICAIS: 1 - A primeira pedra colocada sobre o capitel ou cimalha e que começa a formar a volta do arco; dinheiro que se arrisca, de cada vez, ao jogo. 2 - Apelido de heróina francesa; mérito; a parte inferior do pão. 3 - Sacrificar matando; misturado com iodo. 4 - Irmão; fluido aeriforme; lavram. 5 - Vulcão activo de Itália; a parte imaterial do ser humano. 6 - Acusada; aquele; na generalidade, peça musical em que a melodia sobressai com dominância e interesse; Érbio (s.q.). 7 - Três romanos; planos laterais do avião. 8 - Murmurar de alguém (reg.); arma de arremesso em forma de haste aguçada numa das pontas, que se despede por meio de um arco (pl.). 9 - O tio americano; tamborzinho árabe (pl.). 10 - Carta de jogar; basta; medonha; isolado. 11 - Flor da roseira; barco de recreio. 12 - Hora canónica (pl.); colocar; estimar muito. 13 - Mete em talas; esquadra. 14 - Que te pertence; charrua; estudar. 15 - Aperfeiçoar; devasta.

Res. 10 - As; 11; 12 - Noas; 13 - Esmere; 14 - Tuar; 15 - Esmere; 16 - Esmere; 17 - Esmere; 18 - Esmere; 19 - Esmere; 20 - Esmere; 21 - Esmere; 22 - Esmere; 23 - Esmere; 24 - Esmere; 25 - Esmere; 26 - Esmere; 27 - Esmere; 28 - Esmere; 29 - Esmere; 30 - Esmere; 31 - Esmere; 32 - Esmere; 33 - Esmere; 34 - Esmere; 35 - Esmere; 36 - Esmere; 37 - Esmere; 38 - Esmere; 39 - Esmere; 40 - Esmere; 41 - Esmere; 42 - Esmere; 43 - Esmere; 44 - Esmere; 45 - Esmere; 46 - Esmere; 47 - Esmere; 48 - Esmere; 49 - Esmere; 50 - Esmere; 51 - Esmere; 52 - Esmere; 53 - Esmere; 54 - Esmere; 55 - Esmere; 56 - Esmere; 57 - Esmere; 58 - Esmere; 59 - Esmere; 60 - Esmere; 61 - Esmere; 62 - Esmere; 63 - Esmere; 64 - Esmere; 65 - Esmere; 66 - Esmere; 67 - Esmere; 68 - Esmere; 69 - Esmere; 70 - Esmere; 71 - Esmere; 72 - Esmere; 73 - Esmere; 74 - Esmere; 75 - Esmere; 76 - Esmere; 77 - Esmere; 78 - Esmere; 79 - Esmere; 80 - Esmere; 81 - Esmere; 82 - Esmere; 83 - Esmere; 84 - Esmere; 85 - Esmere; 86 - Esmere; 87 - Esmere; 88 - Esmere; 89 - Esmere; 90 - Esmere; 91 - Esmere; 92 - Esmere; 93 - Esmere; 94 - Esmere; 95 - Esmere; 96 - Esmere; 97 - Esmere; 98 - Esmere; 99 - Esmere; 100 - Esmere; 101 - Esmere; 102 - Esmere; 103 - Esmere; 104 - Esmere; 105 - Esmere; 106 - Esmere; 107 - Esmere; 108 - Esmere; 109 - Esmere; 110 - Esmere; 111 - Esmere; 112 - Esmere; 113 - Esmere; 114 - Esmere; 115 - Esmere; 116 - Esmere; 117 - Esmere; 118 - Esmere; 119 - Esmere; 120 - Esmere; 121 - Esmere; 122 - Esmere; 123 - Esmere; 124 - Esmere; 125 - Esmere; 126 - Esmere; 127 - Esmere; 128 - Esmere; 129 - Esmere; 130 - Esmere; 131 - Esmere; 132 - Esmere; 133 - Esmere; 134 - Esmere; 135 - Esmere; 136 - Esmere; 137 - Esmere; 138 - Esmere; 139 - Esmere; 140 - Esmere; 141 - Esmere; 142 - Esmere; 143 - Esmere; 144 - Esmere; 145 - Esmere; 146 - Esmere; 147 - Esmere; 148 - Esmere; 149 - Esmere; 150 - Esmere; 151 - Esmere; 152 - Esmere; 153 - Esmere; 154 - Esmere; 155 - Esmere; 156 - Esmere; 157 - Esmere; 158 - Esmere; 159 - Esmere; 160 - Esmere; 161 - Esmere; 162 - Esmere; 163 - Esmere; 164 - Esmere; 165 - Esmere; 166 - Esmere; 167 - Esmere; 168 - Esmere; 169 - Esmere; 170 - Esmere; 171 - Esmere; 172 - Esmere; 173 - Esmere; 174 - Esmere; 175 - Esmere; 176 - Esmere; 177 - Esmere; 178 - Esmere; 179 - Esmere; 180 - Esmere; 181 - Esmere; 182 - Esmere; 183 - Esmere; 184 - Esmere; 185 - Esmere; 186 - Esmere; 187 - Esmere; 188 - Esmere; 189 - Esmere; 190 - Esmere; 191 - Esmere; 192 - Esmere; 193 - Esmere; 194 - Esmere; 195 - Esmere; 196 - Esmere; 197 - Esmere; 198 - Esmere; 199 - Esmere; 200 - Esmere; 201 - Esmere; 202 - Esmere; 203 - Esmere; 204 - Esmere; 205 - Esmere; 206 - Esmere; 207 - Esmere; 208 - Esmere; 209 - Esmere; 210 - Esmere; 211 - Esmere; 212 - Esmere; 213 - Esmere; 214 - Esmere; 215 - Esmere; 216 - Esmere; 217 - Esmere; 218 - Esmere; 219 - Esmere; 220 - Esmere; 221 - Esmere; 222 - Esmere; 223 - Esmere; 224 - Esmere; 225 - Esmere; 226 - Esmere; 227 - Esmere; 228 - Esmere; 229 - Esmere; 230 - Esmere; 231 - Esmere; 232 - Esmere; 233 - Esmere; 234 - Esmere; 235 - Esmere; 236 - Esmere; 237 - Esmere; 238 - Esmere; 239 - Esmere; 240 - Esmere; 241 - Esmere; 242 - Esmere; 243 - Esmere; 244 - Esmere; 245 - Esmere; 246 - Esmere; 247 - Esmere; 248 - Esmere; 249 - Esmere; 250 - Esmere; 251 - Esmere; 252 - Esmere; 253 - Esmere; 254 - Esmere; 255 - Esmere; 256 - Esmere; 257 - Esmere; 258 - Esmere; 259 - Esmere; 260 - Esmere; 261 - Esmere; 262 - Esmere; 263 - Esmere; 264 - Esmere; 265 - Esmere; 266 - Esmere; 267 - Esmere; 268 - Esmere; 269 - Esmere; 270 - Esmere; 271 - Esmere; 272 - Esmere; 273 - Esmere; 274 - Esmere; 275 - Esmere; 276 - Esmere; 277 - Esmere; 278 - Esmere; 279 - Esmere; 280 - Esmere; 281 - Esmere; 282 - Esmere; 283 - Esmere; 284 - Esmere; 285 - Esmere; 286 - Esmere; 287 - Esmere; 288 - Esmere; 289 - Esmere; 290 - Esmere; 291 - Esmere; 292 - Esmere; 293 - Esmere; 294 - Esmere; 295 - Esmere; 296 - Esmere; 297 - Esmere; 298 - Esmere; 299 - Esmere; 300 - Esmere; 301 - Esmere; 302 - Esmere; 303 - Esmere; 304 - Esmere; 305 - Esmere; 306 - Esmere; 307 - Esmere; 308 - Esmere; 309 - Esmere; 310 - Esmere; 311 - Esmere; 312 - Esmere; 313 - Esmere; 314 - Esmere; 315 - Esmere; 316 - Esmere; 317 - Esmere; 318 - Esmere; 319 - Esmere; 320 - Esmere; 321 - Esmere; 322 - Esmere; 323 - Esmere; 324 - Esmere; 325 - Esmere; 326 - Esmere; 327 - Esmere; 328 - Esmere; 329 - Esmere; 330 - Esmere; 331 - Esmere; 332 - Esmere; 333 - Esmere; 334 - Esmere; 335 - Esmere; 336 - Esmere; 337 - Esmere; 338 - Esmere; 339 - Esmere; 340 - Esmere; 341 - Esmere; 342 - Esmere; 343 - Esmere; 344 - Esmere; 345 - Esmere; 346 - Esmere; 347 - Esmere; 348 - Esmere; 349 - Esmere; 350 - Esmere; 351 - Esmere; 352 - Esmere; 353 - Esmere; 354 - Esmere; 355 - Esmere; 356 - Esmere; 357 - Esmere; 358 - Esmere; 359 - Esmere; 360 - Esmere; 361 - Esmere; 362 - Esmere; 363 - Esmere; 364 - Esmere; 365 - Esmere; 366 - Esmere; 367 - Esmere; 368 - Esmere; 369 - Esmere; 370 - Esmere; 371 - Esmere; 372 - Esmere; 373 - Esmere; 374 - Esmere; 375 - Esmere; 376 - Esmere; 377 - Esmere; 378 - Esmere; 379 - Esmere; 380 - Esmere; 381 - Esmere; 382 - Esmere; 383 - Esmere; 384 - Esmere; 385 - Esmere; 386 - Esmere; 387 - Esmere; 388 - Esmere; 389 - Esmere; 390 - Esmere; 391 - Esmere; 392 - Esmere; 393 - Esmere; 394 - Esmere; 395 - Esmere; 396 - Esmere; 397 - Esmere; 398 - Esmere; 399 - Esmere; 400 - Esmere; 401 - Esmere; 402 - Esmere; 403 - Esmere; 404 - Esmere; 405 - Esmere; 406 - Esmere; 407 - Esmere; 408 - Esmere; 409 - Esmere; 410 - Esmere; 411 - Esmere; 412 - Esmere; 413 - Esmere; 414 - Esmere; 415 - Esmere; 416 - Esmere; 417 - Esmere; 418 - Esmere; 419 - Esmere; 420 - Esmere; 421 - Esmere; 422 - Esmere; 423 - Esmere; 424 - Esmere; 425 - Esmere; 426 - Esmere; 427 - Esmere; 428 - Esmere; 429 - Esmere; 430 - Esmere; 431 - Esmere; 432 - Esmere; 433 - Esmere; 434 - Esmere; 435 - Esmere; 436 - Esmere; 437 - Esmere; 438 - Esmere; 439 - Esmere; 440 - Esmere; 441 - Esmere; 442 - Esmere; 443 - Esmere; 444 - Esmere; 445 - Esmere; 446 - Esmere; 447 - Esmere; 448 - Esmere; 449 - Esmere; 450 - Esmere; 451 - Esmere; 452 - Esmere; 453 - Esmere; 454 - Esmere; 455 - Esmere; 456 - Esmere; 457 - Esmere; 458 - Esmere; 459 - Esmere; 460 - Esmere; 461 - Esmere; 462 - Esmere; 463 - Esmere; 464 - Esmere; 465 - Esmere; 466 - Esmere; 467 - Esmere; 468 - Esmere; 469 - Esmere; 470 - Esmere; 471 - Esmere; 472 - Esmere; 473 - Esmere; 474 - Esmere; 475 - Esmere; 476 - Esmere; 477 - Esmere; 478 - Esmere; 479 - Esmere; 480 - Esmere; 481 - Esmere; 482 - Esmere; 483 - Esmere; 484 - Esmere; 485 - Esmere; 486 - Esmere; 487 - Esmere; 488 - Esmere; 489 - Esmere; 490 - Esmere; 491 - Esmere; 492 - Esmere; 493 - Esmere; 494 - Esmere; 495 - Esmere; 496 - Esmere; 497 - Esmere; 498 - Esmere; 499 - Esmere; 500 - Esmere; 501 - Esmere; 502 - Esmere; 503 - Esmere; 504 - Esmere; 505 - Esmere; 506 - Esmere; 507 - Esmere; 508 - Esmere; 509 - Esmere; 510 - Esmere; 511 - Esmere; 512 - Esmere; 513 - Esmere; 514 - Esmere; 515 - Esmere; 516 - Esmere; 517 - Esmere; 518 - Esmere; 519 - Esmere; 520 - Esmere; 521 - Esmere; 522 - Esmere; 523 - Esmere; 524 - Esmere; 525 - Esmere; 526 - Esmere; 527 - Esmere; 528 - Esmere; 529 - Esmere; 530 - Esmere; 531 - Esmere; 532 - Esmere; 533 - Esmere; 534 - Esmere; 535 - Esmere; 536 - Esmere; 537 - Esmere; 538 - Esmere; 539 - Esmere; 540 - Esmere; 541 - Esmere; 542 - Esmere; 543 - Esmere; 544 - Esmere; 545 - Esmere; 546 - Esmere; 547 - Esmere; 548 - Esmere; 549 - Esmere; 550 - Esmere; 551 - Esmere; 552 - Esmere; 553 - Esmere; 554 - Esmere; 555 - Esmere; 556 - Esmere; 557 - Esmere; 558 - Esmere; 559 - Esmere; 560 - Esmere; 561 - Esmere; 562 - Esmere; 563 - Esmere; 564 - Esmere; 565 - Esmere; 566 - Esmere; 567 - Esmere; 568 - Esmere; 569 - Esmere; 570 - Esmere; 571 - Esmere; 572 - Esmere; 573 - Esmere; 574 - Esmere; 575 - Esmere; 576 - Esmere; 577 - Esmere; 578 - Esmere; 579 - Esmere; 580 - Esmere; 581 - Esmere; 582 - Esmere; 583 - Esmere; 584 - Esmere; 585 - Esmere; 586 - Esmere; 587 - Esmere; 588 - Esmere; 589 - Esmere; 590 - Esmere; 591 - Esmere; 592 - Esmere; 593 - Esmere; 594 - Esmere; 595 - Esmere; 596 - Esmere; 597 - Esmere; 598 - Esmere; 599 - Esmere; 600 - Esmere; 601 - Esmere; 602 - Esmere; 603 - Esmere; 604 - Esmere; 605 - Esmere; 606 - Esmere; 607 - Esmere; 608 - Esmere; 609 - Esmere; 610 - Esmere; 611 - Esmere; 612 - Esmere; 613 - Esmere; 614 - Esmere; 615 - Esmere; 616 - Esmere; 617 - Esmere; 618 - Esmere; 619 - Esmere; 620 - Esmere; 621 - Esmere; 622 - Esmere; 623 - Esmere; 624 - Esmere; 625 - Esmere; 626 - Esmere; 627 - Esmere; 628 - Esmere; 629 - Esmere; 630 - Esmere; 631 - Esmere; 632 - Esmere; 633 - Esmere; 634 - Esmere; 635 - Esmere; 636 - Esmere; 637 - Esmere; 638 - Esmere; 639 - Esmere; 640 - Esmere; 641 - Esmere; 642 - Esmere; 643 - Esmere; 644 - Esmere; 645 - Esmere; 646 - Esmere; 647 - Esmere; 648 - Esmere; 649 - Esmere; 650 - Esmere; 651 - Esmere; 652 - Esmere; 653 - Esmere; 654 - Esmere; 655 - Esmere; 656 - Esmere; 657 - Esmere; 658 - Esmere; 659 - Esmere; 660 - Esmere; 661 - Esmere; 662 - Esmere; 663 - Esmere; 664 - Esmere; 665 - Esmere; 666 - Esmere; 667 - Esmere; 668 - Esmere; 669 - Esmere; 670 - Esmere; 671 - Esmere; 672 - Esmere; 673 - Esmere; 674 - Esmere; 675 - Esmere; 676 - Esmere; 677 - Esmere; 678 - Esmere; 679 - Esmere; 680 - Esmere; 681 - Esmere; 682 - Esmere; 683 - Esmere; 684 - Esmere; 685 - Esmere; 686 - Esmere; 687 - Esmere; 688 - Esmere; 689 - Esmere; 690 - Esmere; 691 - Esmere; 692 - Esmere; 693 - Esmere; 694 - Esmere; 695 - Esmere; 696 - Esmere; 697 - Esmere; 698 - Esmere; 699 - Esmere; 700 - Esmere; 701 - Esmere; 702 - Esmere; 703 - Esmere; 704 - Esmere; 705 - Esmere; 706 - Esmere; 707 - Esmere; 708 - Esmere; 709 - Esmere; 710 - Esmere; 711 - Esmere; 712 - Esmere; 713 - Esmere; 714 - Esmere; 715 - Esmere; 716 - Esmere; 717 - Esmere; 718 - Esmere; 719 - Esmere; 720 - Esmere; 721 - Esmere; 722 - Esmere; 723 - Esmere; 724 - Esmere; 725 - Esmere; 726 - Esmere; 727 - Esmere; 728 - Esmere; 729 - Esmere; 730 - Esmere; 731 - Esmere; 732 - Esmere; 733 - Esmere; 734 - Esmere; 735 - Esmere; 736 - Esmere; 737 - Esmere; 738 - Esmere; 739 - Esmere; 740 - Esmere; 741 - Esmere; 742 - Esmere; 743 - Esmere; 744 - Esmere; 745 - Esmere; 746 - Esmere; 747 - Esmere; 748 - Esmere; 749 - Esmere; 750 - Esmere; 751 - Esmere; 752 - Esmere; 753 - Esmere; 754 - Esmere; 755 - Esmere; 756 - Esmere; 757 - Esmere; 758 - Esmere; 759 - Esmere; 760 - Esmere; 761 - Esmere; 762 - Esmere; 763 - Esmere; 764 - Esmere; 765 - Esmere; 766 - Esmere; 767 - Esmere; 768 - Esmere; 769 - Esmere; 770 - Esmere; 771 - Esmere; 772 - Esmere; 773 - Esmere; 774 - Esmere; 775 - Esmere; 776 - Esmere; 777 - Esmere; 778 - Esmere; 779 - Esmere; 780 - Esmere; 781 - Esmere; 782 - Esmere; 783 - Esmere; 784 - Esmere; 785 - Esmere; 786 - Esmere; 787 - Esmere; 788 - Esmere; 789 - Esmere; 790 - Esmere; 791 - Esmere; 792 - Esmere; 793 - Esmere; 794 - Esmere; 795 - Esmere; 796 - Esmere; 797 - Esmere; 798 - Esmere; 799 - Esmere; 800 - Esmere; 801 - Esmere; 802 - Esmere; 803 - Esmere; 804 - Esmere; 805 - Esmere; 806 - Esmere; 807 - Esmere; 808 - Esmere; 809 - Esmere; 810 - Esmere; 811 - Esmere; 812 - Esmere; 813 - Esmere; 814 - Esmere; 815 - Esmere; 816 - Esmere; 817 - Esmere; 818 - Esmere; 819 - Esmere; 820 - Esmere; 821 - Esmere; 822 - Esmere; 823 - Esmere; 824 - Esmere; 825 - Esmere; 826 - Esmere; 827 - Esmere; 828 - Esmere; 829 - Esmere; 830 - Esmere; 831 - Esmere; 832 - Esmere; 833 - Esmere; 834 - Esmere; 835 - Esmere; 836 - Esmere; 837 - Esmere; 838 - Esmere; 839 - Esmere; 840 - Esmere; 841 - Esmere; 842 - Esmere; 843 - Esmere; 844 - Esmere; 845 - Esmere; 846 - Esmere; 847 - Esmere; 848 - Esmere; 849 - Esmere; 850 - Esmere; 851 - Esmere; 852 - Esmere; 853 - Esmere; 854 - Esmere; 855 - Esmere; 856 - Esmere; 857 - Esmere; 858 - Esmere; 859 - Esmere; 860 - Esmere; 861 - Esmere; 862 - Esmere; 863 - Esmere; 864 - Esmere; 865 - Esmere; 866 - Esmere; 867 - Esmere; 868 - Esmere; 869 - Esmere; 870 - Esmere; 871 - Esmere; 872 - Esmere; 873 - Esmere; 874 - Esmere; 875 - Esmere; 876 - Esmere; 877 - Esmere; 878 - Esmere; 879 - Esmere; 880 - Esmere; 881 - Esmere; 882 - Esmere; 883 - Esmere; 884 - Esmere; 885 - Esmere; 886 - Esmere; 887 - Esmere; 888 - Esmere; 889 - Esmere; 890 - Esmere; 891 - Esmere; 892 - Esmere; 893 - Esmere; 894 - Esmere; 895 - Esmere; 896 - Esmere; 897 - Esmere; 898 - Esmere; 899 - Esmere; 900 - Esmere; 901 - Esmere; 902 - Esmere; 903 - Esmere; 904 - Esmere; 905 - Esmere; 906 - Esmere; 907 - Esmere; 908 - Esmere; 909 - Esmere; 910 - Esmere; 911 - Esmere; 912 - Esmere; 913 - Esmere; 914 - Esmere; 915 - Esmere; 916 - Esmere; 917 - Esmere; 918 - Esmere; 919 - Esmere; 920 - Esmere; 921 - Esmere; 922 - Esmere; 923 - Esmere; 924 - Esmere; 925 - Esmere; 926 - Esmere; 927 - Esmere; 928 - Esmere; 929 - Esmere; 930 - Esmere; 931 - Esmere; 932 - Esmere; 933 - Esmere; 934 - Esmere; 935 - Esmere; 936 - Esmere; 937 - Esmere; 938 - Esmere; 939 - Esmere; 940 - Esmere; 941 - Esmere; 942 - Esmere; 943 - Esmere; 944 - Esmere; 945 - Esmere; 946 - Esmere; 947 - Esmere; 948 - Esmere; 949 - Esmere; 950 - Esmere; 951 - Esmere; 952 - Esmere; 953 - Esmere; 954 - Esmere; 955 - Esmere; 956 - Esmere; 957 - Esmere; 958 - Esmere; 959 - Esmere; 960 - Esmere; 961 - Esmere; 962 - Esmere; 963 - Esmere; 964 - Esmere; 965 - Esmere; 966 - Esmere; 967 - Esmere; 968 - Esmere; 969 - Esmere; 970 - Esmere; 971 - Esmere; 972 - Esmere; 973 - Esmere; 974 - Esmere; 975 - Esmere; 976 - Esmere; 977 - Esmere; 978 - Esmere; 979 - Esmere; 980 - Esmere; 981 - Esmere; 982 - Esmere; 983 - Esmere; 984 - Esmere; 985 - Esmere; 986 - Esmere; 987 - Esmere; 988 - Esmere; 989 - Esmere; 990 - Esmere; 991 - Esmere; 992 - Esmere; 993 - Esmere; 994 - Esmere; 995 - Esmere; 996 - Esmere; 997 - Esmere; 998 - Esmere; 999 - Esmere; 1000 - Esmere.

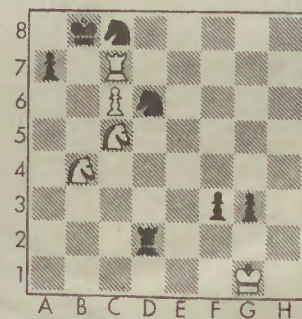
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



Xadrez

DCLIX - 6 DE JULHO DE 2000
PROPOSIÇÃO N.º 2000X26

Por: Philipp Stomma
«Traité sur le Jeu des Échecs», 1737
Pr.: [7]: Ps. a7, B, g3 - Cs. c8, d6 - Td2 - Rb8
Br.: [5]: Pc6 - Cs. b4, c5 - Tc7 - Rg1



Mate em 5 [cinco] lances

SOLUÇÃO DO N.º 2000X26

1. Tb7+ Ra8; 2. Tb3+ Rb8; 3. Chg+g6; Ra8; 4. Cc7+ Rb8; 5. C5a6 #

1. ... Cb7; 2. Chg+; Ra8; 3. Cb7 #

A. de M. M.

Damas

DCLIX - 6 DE JULHO DE 2000
PROPOSIÇÃO N.º 2000D26

Por: Jan H. H. Scheijen
[NL] - 1948
Pr.: [6]: 3-9-12-21-22

Carlos Carvalhas nos Açores na próxima semana

O Secretário-geral do PCP desloca-se aos Açores de 11 a 13 de Julho, com um programa de trabalho que inclui uma visita à Ilha Terceira - na terça-feira, 11 - com uma visita à Federação Agrícola dos Açores e um almoço CDU em Angra do Heroísmo. Também promovido pela CDU, realiza-se nesse mesmo dia um jantar-convívio na Cidade da Horta, no Faial.

O dia 12 foi reservado para uma deslocação ao concelho de Lajes das Flores, onde às 20h30 tem lugar em Santa Cruz das Flores uma sessão pública.

Ainda nas Flores, Carlos Carvalhas visita na manhã do dia 13 o concelho de Santa Cruz.

Pobreza e exclusão social

- contributos para o relatório

«Construir uma Europa Inclusiva», a cargo de **Ilda Figueiredo** (enquanto membro da Comissão do Emprego e dos Assuntos Sociais do PE)

Junta de Freguesia de Sto. Ildefonso, dia 13 às 21h30

Jantar-convívio em Carnaxide

No Centro de Trabalho do PCP, sábado, 8, às 19h30

Amadora

Sector de Empresas da Amadora - Plenário de militantes do sector sobre as conclusões da reunião do CC, com a participação da camarada **Luísa Araújo**: no Centro de Trabalho, hoje (quinta-feira) às 18h30

Lisboa

Plenário de militantes da **célula da CML** sobre as conclusões da última reunião do CC, com a participação de **Francisco Lopes**: quinta-feira, dia 6, às 19h no CT Vitória.

Sector de Empresas de Lisboa - Plenário de militantes do sector sobre as conclusões da reunião do CC de 16 e 17 de Junho: sexta-feira, 7, às 19h30, no Centro de Trabalho Vitória, com a participação de **Manuela Bernardino**.

Organização dos Bancários de Lisboa - Plenário de militantes sobre as conclusões da reunião do CC de 16/17 de Junho e o XVI Congresso: terça-feira, dia 11, às 17h30, no Centro de Trabalho Vitória, com a participação de **Domingos Abrantes**.

Organização dos Seguros de Lisboa - Plenário de militantes sobre as conclusões da última reunião do CC e o XVI Congresso e sobre a situação social no sector: quinta-feira, dia 13, às 18h, no Centro de Trabalho Vitória

Palmela

Plenário da célula dos **trabalhadores da Câmara Municipal** para discussão do Comunicado da reunião do Comité Central de 16/17 Junho e das tarefas do Partido: terça-feira, 11, às 18h, no Centro de Trabalho local

Paço d'Arcos

Plenário de militantes da **Freguesia** sobre a situação política e o XVI Congresso: no Centro de Trabalho (a garagem), sábado, 8 às 16h

Porto Salvo

Plenário de **Activistas da CDU** sobre questões da Freguesia, a actividade da CDU e as próximas eleições autárquicas: sexta-feira, dia 7, às 21h no Centro de Trabalho de Porto Salvo.

Plenário de **Reformados da freguesia de Porto Salvo**: dia 8 às 16h no CT de Porto Salvo

Sintra

Plenário dos **eleitos CDU nas autarquias do concelho de Sintra** sobre a situação autárquica no Concelho e as propostas de trabalho da CDU para o 2.º semestre do ano corrente: sexta-feira, 7, às 21h30, no Centro de Trabalho do Cacém

Tudo sobre o programa da Festa da Alegria na página 5

Sábado, 8, às 21h

Comício com a participação de Carlos Carvalhas, Secretário-geral do PCP

Excursões

8 e 9 de Julho

• De Sta. Iria de Azóia

A Organização de Santa Iria de Azóia promove uma excursão de autocarro com saída de Sta. Iria às 6h de dia 8 e regresso de Braga na tarde de 9, com chegada a Sta. Iria prevista para as 20h30. O preço de 11 000\$00 inclui transporte, dormida, pequeno-almoço e entrada na Festa. Informações e inscrições: tel. 219590010.

• De Grândola

A Comissão Concelhia de Grândola promove uma excursão de autocarro com saída de Grândola às 6h de dia 8 e regresso de Braga dia 9 ao fim da tarde. O preço é de 5500\$00, incluindo a entrada na Festa. Informações e inscrições: tel. 269442399.

• Do Seixal

A Comissão de Freguesia de Amora organiza uma excursão de autocarro à Festa da Alegria, com partida da freguesia, nos dias 8-9 de Julho. Informações e inscrições: tel. 212212222, cam. Sebastião Pinheiro.



a Braga

• De Almada

Dias 8 e 9 de Julho, com saída de Almada no dia 8, sábado, às 6h30 e regresso após o comício de domingo. Transporte, entrada na Festa, dormida e pequeno-almoço incluídos. Informações e inscrições: CT de Almada (cam. Adriano), tel. 21 2752121.

A Comissão de Freguesia de Feijó organiza uma outra excursão, com partida a 8 e regresso a 9. Informações pelos tels. 212590820 - 212106486.

• Da Ajuda/Lisboa

A Comissão de Freguesia da Ajuda promove uma excursão de autocarro com saída de Lisboa às 7h do dia 8 e regresso de Braga dia 9 ao fim da tarde. O preço é de 8600\$00 e inclui, além da viagem, dormida e pequeno-almoço em hotel. Informações e inscrições: tels: 213636552 - 213645566 - 213638512 - 213307000.

• De Cascais

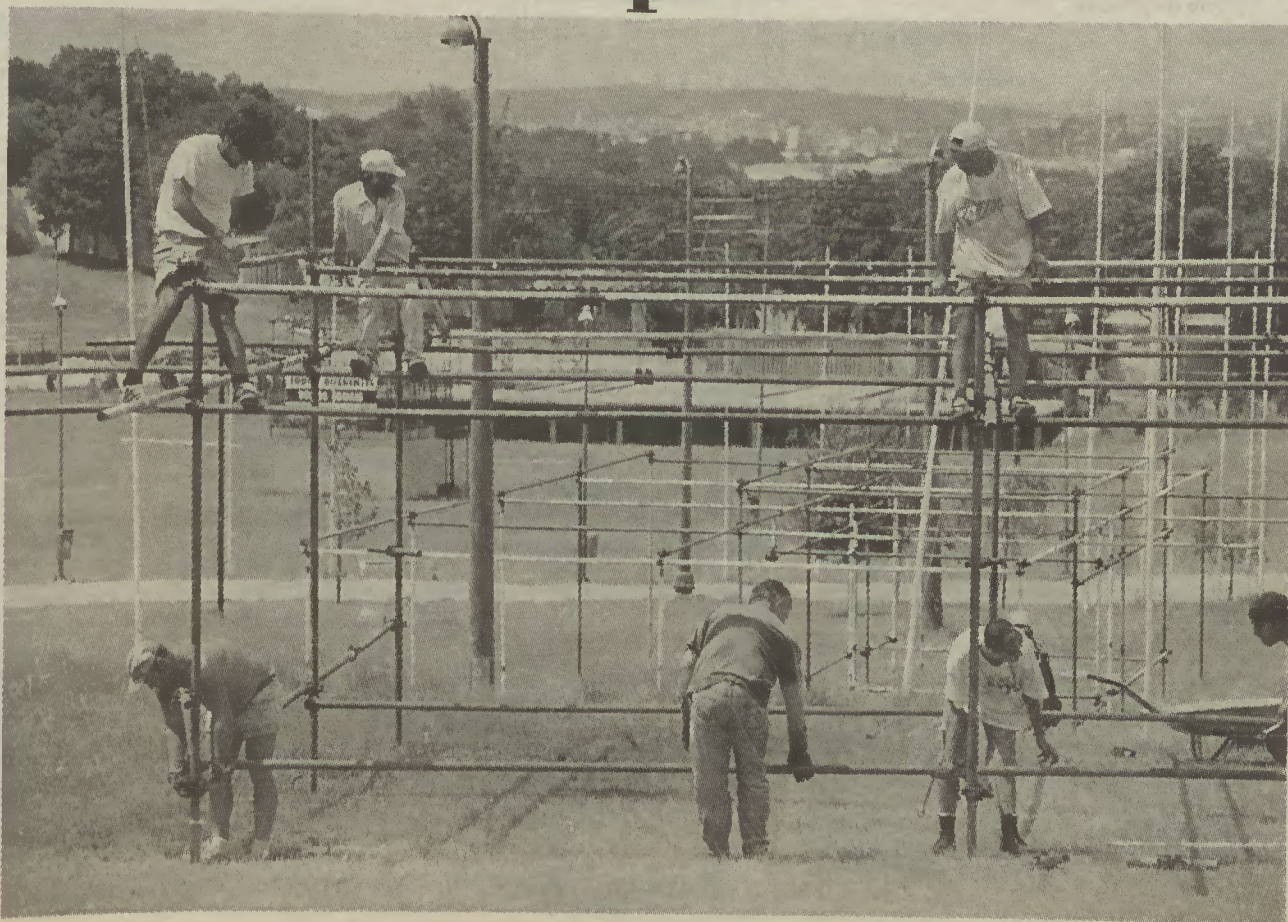
Dias 8 e 9 de Julho, com saída de Tires no dia 8 às 7h. Almoço em Braga e dormida em Guimarães. O preço de 7500\$00 viagem e dormida. Informações e inscrições: tels. 214442253, 214561122, 214866991 (Tires, Paredes e Cascais, respectivamente).

Participa!

FESTADO Avante! 2000

1 2 3 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

Nos fins-de-semana há trabalho para todos!



Palmela
Concurso de Pesca na Barragem de Pegões Domingo, dia 9, com partida em autocarro às 9 horas do Cine-Teatro São João

Coimbra
Concurso de Bandas para apuramento da que actuará no palco «Novos Valores» da Festa do Avante! Final nos dias 12 e 14 de Julho no Bar Le Som

ATVer

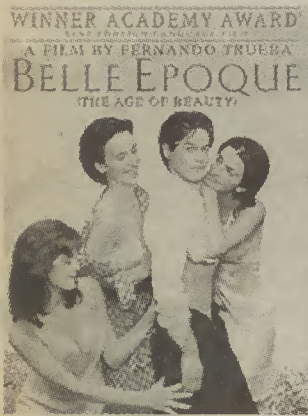
O Testamento do Sr. Napumoceno (Quinta, 00.30, RTP 2)

Adaptada do romance homónimo do escritor cabo-verdiano **Germano Almeida**, esta história conta-nos o percurso de um contrabandista analfabeto cujo testamento, aberto depois da sua morte, desvenda uma insólita vida privada... Exemplo curioso do que poderia ser uma estratégia de co-produção lusófona estável, *O Testamento* é a primeira longa-metragem de **Francisco Manso**, influenciada pela escrita eficaz das telenovelas e com bons intérpretes, na sua maioria brasileiros, como é o caso do protagonista principal **Nelson Xavier** (o conhecido *Taveirinha*). Prémios em festivais no Brasil e no Paraguai.

Entre Primos

(Sexta, 00.10, TVI)

O título bilingue original (*Cousins*) deixa adivinhar algo de francês na origem deste filme. De facto, trata-se de um *remake* de um outro filme (*Cousin, Cousine*, 1975) que obteve um surpreendente êxito nos EUA. A realização desta nova versão devidamente americanizada esteve a cargo do competente **Joel Schumacher** e conta com a interpretação adequada de **Ted Danson** e **Isabella Rossellini** no papel de dois primos que se encontram durante um casamento que une duas grandes famílias e se envolvem amorosa e



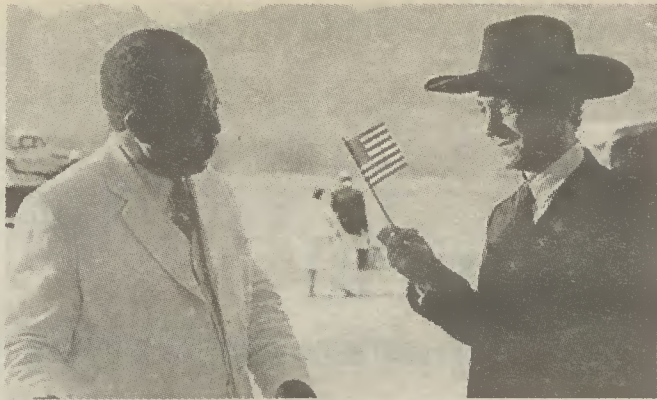
Cartaz de «A Bela Époque», filme de Fernando Trueba

ardentemente, com todas as consequências que daí advêm...

Mulheres Giras

(Domingo, 00.20, SIC)

Na véspera do casamento, um rapaz jovem é sujeito a enormes hesitações... e resolve regressar à cidade natal onde reencontra colegas do liceu com os quais revive paixões sentimentais e aventuras sexuais como se o tempo não tivesse passado, mas saindo desta experiência bem mais maduro para dar o passo decisivo. Comédia romântica, admiravelmente interpretada por jovens vedetas como **Matt Dillon**, **Tim Hutton**, **Rosie O'Donnell**, **Uma Thurman** ou **Mira Sorvino** e realizada com sensibilidade por **Ted Demme**.



Um fotograma de «O Testamento do Sr. Napumoceno», de Francisco Manso

A Bela Époque

(Segunda, 02.05, SIC)

«Óscar para o Melhor Filme Estrangeiro», esta obra de **Fernando Trueba** (uma co-produção luso-espanhola) é uma delirante comédia cuja história se situa em Espanha nas vésperas da vitória eleitoral dos Republicanos e nos conta as aventuras de um jovem desertor das fileiras do exército que se refugia na quinta de um tal *D. Manolo* e nos braços das suas quatro deliciosas filhas... Uma

particular, a sua convulsiva ligação amorosa a um marginal, seu modelo, realizada com segurança por **John Maybury** e com uma espantosa interpretação de **Derek Jacobi**.

... e ainda

Enquanto Dormias, de Jon Turteltaub, (Sexta, 00.30, RTP 1)
O Arremesso, de Billy Bob Thornton (Sábado, 01.40, RTP 1)



«Enquanto Dormias», com Sandra Bullock e Jack Warden

excelente reconstituição de época e uma estreia auspiciosa de **Penelope Cruz**.

Love is The Devil

(Segunda, 04.05, SIC)

Eis uma crua e fortíssima obra cinematográfica, desperdiçada num horário criminoso, que traça a biografia do grande pintor britânico **Francis Bacon** e, em

Debaixo de Olho, de John Badham (Domingo, 15.00, TVI)

Blue, de Derek Jarman (Terça, 03.55, SIC)

Quatro Quartos, de Allison Anders, Alexander Rockwell, Robert Rodriguez, Quentin Tarantino (Quarta, 00.10, SIC)

Miss Firecracker, de Thomas Sclamme (Quarta, 00.05, TVI)

Cabo e Satélite

Jogos Olímpicos

Em ano olímpico, o canal **La Cinquième** dá início no próximo sábado à transmissão de uma série intitulada «**L'Engeu Olympique**» que tem a originalidade de abordar as várias olimpíadas (a partir de 1936) enquadradas pelos acontecimentos políticos e sociais das respectivas épocas.

(*La Cinquième*, sábado, às 17 horas)

A antiguidade egípcia

É sempre fascinante a descoberta dos segredos da civilização egípcia e, mais uma vez (agora na série **Mistérios da Antiguidade**), o canal **História** vai debruçar-se sobre o fascínio das pirâmides e das

múmias dos faraós aproveitando para nos revelar as técnicas de embalsamamento utilizadas pelos antigos egípcios. (*História*, quarta, às 20 horas)



Quinta, 6

▶ RTP 1

07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
12.20 Concurso: Só Números
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 18.50 Ciclismo: G.P. Joaquim Agostinho)
19.00 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Remate
21.25 Concurso: Só Números
21.55 Música do Contra
23.05 «O Treinador» (de Burt Reynolds, EUA/1993, com Burt Reynolds, Reba McEntire. Drama)
01.15 24 Horas
01.40 1.ª Página
02.05 «Noite de Fogo» (de Mike Sedam, EUA/1994, com Shannon Tweed, John Laughlin. *Erotico*)

▶ RTP 2

07.00 Euronews
07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 15.00 Ciclismo: Volta à França; às 16.30 Informação Gestual)
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
20.00 Brigada Submarina
21.00 Além Mar
22.00 Jornal 2
22.55 Acontece
23.15 «Manhã de Páscoa» (de Alessandro Blasetti, It./Fr./1950, com Aldo Fabrizi, Gaby Morlay. Comédia)
00.30 «O Testamento do Sr. Napumoceno» (de Francisco Manso, Port./Brasil/Cabo Verde/1997, com Nelson Xavier, Maria Ceíça, Camacho Costa. *Ver Destaque*)

▶ SIC

08.00 Buêrére
12.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Malhação
15.00 Ponto de Encontro
16.00 Médico de Família
17.00 Rex, O Cão-Polícia
18.00 Vila Madalena
19.00 Esplendor
20.00 Jornal da Noite
21.00 Terra Nostra
22.30 Esta Semana
23.45 Sai de Baixo
00.25 «O Jantar dos Palermas» (de Francis Weber, Fr./1998, com Jacques Villaret, Thierry Lhermite. Comédia)
02.25 Último Jornal
03.00 Noites Longas: «Shakespeare Silencioso»; «Shylock»

▶ TVI

09.00 Animação
12.10 O Direito de Nascer
13.30 TVI Jornal
14.30 Louca Paixão
15.45 Batatoon
19.00 Olhó Vídeo
19.30 Directo XXI
20.00 Marés Vivas no Havai
21.00 Entre Marido e Mulher
21.40 Corrida de Touros
01.05 «Experiência Para Além da Morte» (de Piers Haggard, EUA/1993, com Donald Sutherland, Curin Nemeç. «Thriller»)



O tenor **Jose Cura**, principal voz masculina na ópera «Aida», de Verdi (domingo, RTP 2)

Sexta, 7

▶ RTP 1

07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
12.20 Concurso: Só Números
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 18.50 Ciclismo: G.P. Joaquim Agostinho)
19.00 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Remate
21.25 Concurso: Só Números
22.55 João Nicolau Breyner
23.45 24 Horas
00.10 1.ª Página
00.30 «Enquanto Dormias» (de Jon Turteltaub, EUA/1995, com Sandra Bullock, Bill Pullman. Comédia)
02.25 «Laços Secretos» (de Dennis Potter, Gr.Br./EUA/1992, com Alan Bates, Gina Bellman. Drama)

▶ RTP 2

07.00 Euronews
07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 15.00 Ciclismo: Volta à França; às 16.30 Informação Gestual)
18.05 Informação Religiosa
18.45 Desporto: Algarve Classic Cars
21.00 Jornal d'África
21.30 Dinheiro Vivo
22.00 Jornal 2
22.45 Aqui Europa
23.10 Acontece
23.30 «Manobras de Amor» (de Alessandro Blasetti, It./1966, com Crazziella Granata, Antonio Casagrande. *Melodrama*)
01.20 Andamentos
01.50 Departamento de Homicídios

▶ SIC

08.00 Buêrére
12.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Malhação
15.00 Ponto de Encontro
16.00 Médico de Família
17.00 Rex, O Cão-Polícia
18.00 Vila Madalena
19.00 Esplendor
20.00 Jornal da Noite
21.00 Ponto de Encontro
21.30 Terra Nostra
22.30 Sai de Baixo
23.30 «Esquadrão de Elite» (de Julian Grant, EUA/1998, com Steve Guttenberg, Kim Coates. *Ação*)
01.30 Último Jornal

▶ TVI

09.00 Animação
12.10 O Direito de Nascer
13.30 TVI Jornal
14.30 Louca Paixão
15.45 Batatoon
19.00 Olhó Vídeo
19.30 Directo XXI
20.00 Marés Vivas no Havai
21.00 Pupilas do Sr. Doutor
21.40 Reis da Música Nacional
00.10 «Entre Primos» (Cousins, de Joel Schumacher, EUA/1989, com Isabella Rossellini, Ted Danson. *Ver Destaque*)

Sábado, 8

▶ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
12.10 Jet Set
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Top +
15.15 Destinos de Sofia
16.00 «Ernest Caça-Fantasma» (de John Cherry, EUA/1991, com Jim Varney, Eartha Kitt. *Comédia Fantástica*)
17.50 «Tom e Huck» 19.35
Ciclismo: G.P. Joaquim Agostinho
19.45 Aqui Europa
20.00 Telejornal
21.10 Santa Casa
22.00 XXXVI Corrida TV (Praça de Touros de Coruche)
00.15 Máquinas
01.00 24 Horas
01.20 «Festa de Julho» (de Christopher Menaul, Gr.Br./EUA/1995, com Enbeth Davidtz, Ben Chaplin. *Melodrama*)

▶ RTP 2

07.00 Enronews
09.00 Universidade Aberta
12.00 Iniciativa
14.00 Desporto
19.25 Fortunas Fabulosas
20.15 A Outra Face da Lua
22.00 Jornal 2
22.45 Magazine 2001



«Estrelas do Mar», outra estreia (a desconfiar) na RTP 1

23.15 Sim, Sr. Ministro
23.45 Valha-me Deus
00.15 Grande Combolo
00.45 A Vida é Assim
01.40 «O Arremesso» (*Sling Blade*, de Billy Bob Thornton, EUA/1987, com Billy Bob Thornton, Dwight Yoakama. *Drama*)

▶ SIC

07.30 Zip Zap
12.00 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Big Show Sic
18.00 Vila Madalena
19.00 Esplendor
20.00 Jornal da Noite
21.00 Mundo VIP
22.00 Gala Internacional dos Pequenos Cantores
23.30 O Sexo e a Cidade
00.20 «O Enigma da Múmia» (de Russell Mulcahy, EUA/1998, com Jason Scott Lee, Louise Lombard. *Aventuras*)
02.50 Último Jornal

▶ TVI

09.00 Animação
10.30 O Sótão do Pedro
11.00 Top Rock
12.00 Caras Lindas
13.30 Contra-Ataque
15.00 4.ª A Fundo
15.30 «A Criatura» (mini-série)
18.30 Olhó Vídeo
19.30 Directo XXI
20.00 «Tempo Debaixo de Fogo» (de Scott Levy, EUA/1996, com Jeff Fahey, Richard Tyson. *Aventuras*)
22.00 Jardins Proibidos
23.10 Lux
23.50 «Uma Família Diferente» (de Nell Cox, EUA/1999, com Jane Krakowski, Polly Draper. *Drama*)
01.50 «O Assassino das Duas Armas» (de Greg Yaitanes, EUA/1997, com Stephen Rea, Heather Locklear. *Ação*)

Domingo, 8

▼ RTP 1

07.00 Infantil / Juvenil
12.30 3ª. Calhan a Contar do Sol
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Made in Portugal
15.15 Animais em Grande Plano
16.05 «Não Digam à Mãe Que a Babysitter Morreu» (de Stephen Herek, EUA/1991, com Christina Applegate, Joanna Cassidy. *Comédia*)
18.00 «Tarzan e a Cidade Perdida» (*Tarzan and the Lost City*, de Carl Schenkel, EUA/1997, com Casper Van Dien, Jane Marsh. *Aventura*)
19.50 Ciclismo: G.P. Joaquim Agostinho
20.00 Telejornal
21.15 Agora é que são Elas
22.35 «Mulher Mortífera» (de Jim Wynorski, EUA/1995, com Shannon Weed, Larry Pindexter. *Thriller* / *Érotico*)
00.20 Prazeres
01.35 24 Horas
01.55 «Estrada de Meca» (*The Road to Mecca*) - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil

▼ RTP 2

07.00 Euronews
09.00 Programa Religioso
10.30 Missa
11.30 Arquivos do Entendimento
12.30 O Século das Descobertas
13.30 Quem Sai aos Seus
13.55 Desporto
19.00 A Rapariga Mais Rica do Mundo
19.50 Onda Curta: «Vidas no Nevoeiro» (de Bahman Ghobadi, Irão/1998)
20.30 Artes e Letras: «Planet Albert Kahn»
21.30 Horizontes da Memória
22.00 Jornal 2
22.45 Travessa do Cotovelo
23.45 Faenas
00.15 Ópera: «Aida» (de Giuseppe Verdi, com Jose Cura, Leo Nucci, Sylvie Valaire. Direção de Daniel Oren. Gravação ao vivo na Arena de Verona)

▼ SIC

07.30 Zip Zap
12.00 BBC Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Muita Lóca
15.30 Walker, O Ranger do Texas
17.30 «007, Operação Relâmpago» (de Terence Young, Gr.Br./1965, com Sean Connery, Claudine Auger. *Aventura* / *Espionagem*)
20.00 Jornal da Noite
21.10 Herman SIC Especial
00.20 «Mulheres Giras» (*Beautiful Girls*, de Ted Demme, EUA/1996, com Timothy Hutton, Matt Dillon, Uma Thurman. *Ver Destaque*)
02.30 Último Jornal

▼ TVI

09.00 Animação
11.00 Espaço Religioso
11.10 Missa
13.00 Portugal Português (Região de Turismo de S. Mamede)
13.45 Caras Lindas
15.00 «Debaixo de Olho» (*Stakeout*, de John Badham, EUA/1987, com Richard Dreyfuss, Emilio Estevez. *Comédia*)
17.00 Cocktail Nacional
19.00 Directo XXI
20.00 «Fugitivo Acidental» (de Addam Rifkin, EUA/1994, com Charlie Sheen, Kristy Swanson. *Comédia Policial*)
22.00 Jardins Proibidos
23.10 «A Confissão» (de David Jones, EUA/1999, com Kelly McGillis, Jason Gedrick. *Drama*)
01.10 «Confronto no Oeste» (EUA/1998, com Linda Kozlowski, Matthew Settle. *Drama*)



«Mãos à Obra», uma nova «sitcom» portuguesa na RTP 1 (terças)



A Volta à França tem resumos diários das etapas na RTP

Segunda, 10

▼ RTP 1

07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
12.20 Concurso: Só Números
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 18.50, Ciclismo: G.P. Joaquim Agostinho)
19.00 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Remate
21.25 Só Números
21.55 A Senhora Ministra
22.30 «Hackers-Piratas Cibernéticos» (*Hackers*, de Iain Softley, EUA/1995, com Johnny Lee Miller, Angelina Jolie. *Thriller*)
00.20 24 Horas
00.45 1ª. Página
01.05 «Quem é Pat?» (de Adam Bernstein, EUA/1994, com Julia Sweeney, David Foley. *Comédia*)

▼ RTP 2

07.00 Euronews
17.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 15.00 Ciclismo: Volta à França; às 16.30 Informação Gestual)
18.30 Informação Religiosa
19.10 Universidade Aberta
19.40 Austrália Selvagem (Estreia)
21.00 Rotações
21.30 Bomhorlo
22.00 Jornal 2
22.55 Acontece
23.15 «Amor Marginal» (de Serge Gainsbourg, Fr./1975, com Jane Birkin, Joe Dallesandro. *Drama*)
01.15 O Cupido

▼ SIC

08.00 Buééré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Médico de Família
15.00 Você Decide
16.00 Rex, O Cão-Polícia
17.00 Malhação
18.00 Vila Madalena
19.00 Esplendor
20.00 Jornal da Noite
21.00 Terra Nostra / Laços de Família
22.30 Roda dos Milhões
00.40 Sai de Baixo
01.20 Último Jornal
02.05 «A Bela Época» (*Belle Époque*, de Fernando Trueba, Esp./Port./1992, com Fernando Fernán-Gómez, Jorge Sanz, Penelope Cruz. *Ver Destaque*)
04.05 «Love is the Devil» (de John Maybury, Gr.Br./1998, com Derek Jacobi, Daniel Craig, Tilda Swinton. *Ver Destaque*)

▼ TVI

09.00 Animação
12.10 O Direito de Nascer
13.30 TVI Jornal
14.30 Louca Paixão
15.45 Batatoon
19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie (série)
19.30 Directo XXI
20.00 Marés Vivas no Havai
21.00 Crianças S.O.S.
22.10 «Bora Lá, Marina!»
22.50 «Votos Mortais» (de Alan Metzger, EUA/1994, com Gerald McRaney, Peggy Lipton. *Drama*)
00.55 «O Justiceiro de Los Angeles» (de Michael Mann, EUA/1989, com Scott Plank, Michael Rooker. *Drama*)

Quarta, 12

▼ RTP 1

07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
12.20 Concurso: Só Números
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.30 Espaço Infantil-Juvenil
19.00 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Remate
21.30 Concurso: Só Números
22.00 As Lições do Tonceas
22.30 Estrelas do Mar (Estreia)
00.15 24 Horas
00.40 1ª. Página
01.10 «Felizes Juntos» (de Wong Kar-Wai, Hong-Kong/1997, com Leslie Cheung, Tony Leung. *Melodrama*)

▼ RTP 2

07.00 Euronews (às 15.00 Ténis: Roland Garros)
07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 16.30 Informação Gestual)
18.20 Informação Religiosa
19.00 Desporto: DTM - Campeonato Alemão de Turismo
20.00 Brigada Submarina
21.00 Sinais do Tempo / Zoon
22.00 Jornal 2
22.55 Acontece
23.15 Independência de S. Tomé
00.15 «Bambola» (de Bigas Luna, It./Esp./1996, com Valeria Marini, Stefano Dionisi. *Érotico*)

▼ SIC

08.00 Buééré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Médico de Família

Terça, 11

▼ RTP 1

07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
12.20 Concurso: Só Números
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.30 Espaço Infantil-Juvenil
19.00 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Remate
21.30 Concurso: Só Números
21.55 Mãos à Obra
22.30 Grande Entrevista
24.00 24 Horas
00.25 1ª. Página
00.45 Os Hughleys
01.40 «Puppet Masters - Extraterrestres» (de Stuart Orme, EUA/1994, com Donald Sutherland, Eric Thal, Julie Warner. *Ficção Científica*)

▼ RTP 2

07.00 Euronews
07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 15.00 Ciclismo: Volta à Itália; às 16.30 Informação Gestual)



«Departamento de Homicídios», uma das melhores séries dramáticas na RTP 2

18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
19.10 Mito Eternos
20.00 Brigada Submarina
21.00 O Lugar da História
22.00 Jornal 2
22.55 Acontece
23.15 «Coleções Privadas» (de Just Jaeckin, Sluzji Terayama, Walerian Borowczyk, Fr./Japão/1979, com Roland Blanche, Laura Gemser. *Érotico*)
01.05 Ponto de Mutação: China de Hoje

▼ SIC

08.00 Buééré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Médico de Família
15.00 Você Decide
16.00 Rex, O Cão-Polícia
17.00 Malhação
18.00 Vila Madalena
19.00 Esplendor
20.00 Jornal da Noite
21.00 Médico de Família
22.10 Terra Nostra / Laços de Família
23.45 Sai de Baixo
00.30 «Amor Atribulado» (de Robert Greenwald, EUA/1997, com Salma Hayek, Russell Crowe. *Comédia Sentimental*)
02.30 Último Jornal
02.55 Toda a Verdade: Jesus 2000
03.55 «Blue» (de Derek Jarman, Gr.Br./1993, com as vozes de Derek Jannan, Tilda Swinton, Nigel Terry. *Experimental*)

▼ TVI

09.00 Animação
12.10 O Direito de Nascer
13.30 TVI Jornal
14.30 Louca Paixão
15.45 Batatoon
19.00 Futebol (nenhuma indicação em tempo útil)
21.00 Directo XXI
21.30 Olho Vídeo
22.30 «Uma Invenção dos Diabos» (de John Bradshaw, EUA/1998, com Robert Carradine, J. Evan Bonifant. *Aventura*)
00.35 «No Limite da Traição» (de Serge Rodninsky, EUA/1999, com Brad Dourif, Rod Steiger. *Drama*)

Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

TVisto

Correia da Fonseca

Uma ária de ópera

Como decerto se sabe, na festa de encerramento do Euro 2000 participaram o muito mediatizado Andrea Bocelli, tenor que a cegueira terá ajudado a popularizar, e a soprano Renée Fleming. Tornou-se tradicional, de resto, que cantores e música de ópera estejam presentes nos espectáculos que marcam o final de grandes competições internacionais de futebol, o que parece seguro sinal de reconhecimento não só da qualidade musical do género como da sua capacidade para ser apreciado por multidões. A RTP é que não é nada desta opinião, de tal modo que só transmite óperas lá para as madrugadas, quando as multidões dormem o sono indispensável de quem trabalha. Por sinal faz o mesmo com o teatro,

contexto humano e efervescente que o rodeia nos estádios. Guardadas as devidas distâncias, direi que a ópera tem com isto pontos de semelhança, e decerto que o seu fascínio não está só nos chamados «highlights». Também por isso é que tantos jovens acorrem a ouvi-la e não apenas velhotes de bengala, ao contrário do que a RTP faz de conta que supõe.

O conselho de D. Basílio

Pois, como eu ia dizendo, deparei com o tal programa de trechos de ópera, que depois vim a saber que integrava uma homenagem ao já falecido tenor catalão Alfredo Kraus, e fiquei. Cantavam a soprano Milagros Poblador, o tenor Achilles Machado e o baixo Simón Orfila, mas confesso que foi este último quem quase arrebatou o telespectador que sou, primeiro com Machado num dueto de «O Elixir do Amor», depois a solo na justamente famosa Ária da Calúnia de «O Barbeiro de Sevilha». Além de excelente cantor, Orfila é um actor convincente (o que aliás é uma situação cada vez mais frequente nos cantores líricos) e não acredito que aquelas suas intervenções, apesar de ocorridas numa sala de concertos e não num palco com vestuário a condizer, não tivessem convencido e divertido qualquer telespectador.

Contudo, no que diz respeito à Calúnia, houve um certo aspecto que desta vez me provocou um efeito diferente do que é costume. Como se sabe, a ária é cantada por D. Basílio, padre que para defender as ambições do seu amigo D. Bártolo vem sugerir um remédio «santo» para afastar Almaviva, enamorado de Rosina. E o remédio é, exactamente, a calúnia. Por isso ele explica, cantando um texto de notável perspicácia com cerca de duzentos anos: «A calúnia é um ventozinho, / um reflexo muito ténue, / que insensível, subtil, levemente, docemente, / se levanta a murmurar. / Pouco a pouco, / rente à terra, / em voz baixa sussurrando, / vai, / vai correndo, vai correndo, / vai rondando: / nos ouvidos das pessoas / vai infiltrar-se habilmente / e as cabeças e os cérebros / atordoa e faz inchar. / Saindo pela boca fora / vai crescendo o alvoroço / ganha força a pouco e pouco, / voa de um lugar para outro; / fica trovão, tempestade / que silva no meio dos bosques / capaz de gelar de horror. / Por fim transborda e rebenta, / propaga-se, rodopia, / e produz uma explosão / como um tiro de canhão, um terramoto, um temporal / que faz estremecer o ar.»

Perdoem-me a longa transcrição os que já conheciam o texto, de resto servido por Rossini com música que lhe sublinha e potencia o sentido. O caso é que, desta vez, ao ouvir a Ária da Calúnia, descobri como ele assenta lindamente em muita coisa que de sempre vem sendo dita acerca dos comunistas e do PCP. E não resisti à tentação de vir partilhar a descoberta.



o que permite uma tentativa de graça amarga, paráfrase tosca de uma frase tristemente célebre: quando ouve falar de cultura, a RTP puxa logo das madrugadas. Aconteceu, porém, que por feliz acaso ia eu a passear-me ao longo dos canais da TV Cabo, exactamente no mesmo sábado em que a festa do Euro 2000 aconteceu, quando esbarrei com um recital de árias de ópera, daquelas que apetece mesmo ficar a ouvir. Fiquei. A propósito, convém talvez discorrer um pouco acerca da opinião corrente segundo a qual isto de óperas são coisa a que só vale a pena assistir por causa dos momentos que de longe em longe surgem e são os pedaços mais conhecidos: árias, aberturas, duetos, coros. Na verdade, é um bocadinho assim, mas não tanto quanto se julga porque é óptimo acompanhar uma ópera de uma ponta a outra. De qualquer modo, repare-se que o mesmo pode ser dito acerca do futebol: os grandes momentos que apetece ver e rever são os golos, os excelentes dribbling, talvez alguns lances duvidosos, e muitas vezes todo o resto se torna pouco mais que um enfiado. Contudo, o futebol é um espectáculo fascinante, mesmo (ou talvez sobretudo, não sei) quando olhado na TV, embora desligado do

A talhe de foice

• Henrique Custódio

A metáfora

Em rigor, Paulo Portas não é um líder mas um personagem atrás de si próprio. A liderança do PP não constitui um meio para afirmar as suas melhores ideias, mas a melhor ideia que lhe ocorreu para se afirmar. Por isso não argumenta, «trava combates», não exprime sentimentos, encena emoções, não acusa, faz denúncias, não analisa o conjunto, chacina o pormenor, não apresenta ideias sustentadas, sustenta-se em ideias feitas, não produz remates políticos, arremessa metáforas de feira, não discute realidades, espanca ficções, não discursa para analisar factos, constrói factos com a matéria do discurso.

Quando, de olho traquina, saca de números, datas ou preços trazidos de casa e com que julga confundir os adversários ou maravilhar os jornalistas, toma a parte pelo todo e extrai daí o seu pensamento político, banhado de gozo como um puto marrão à espera da melhor nota do ponto. Neste debate sobre «o estado da Nação» até confessou que «fez os trabalhos de casa». No dia-a-dia público o seu afã parece consistir no objectivo supremo de encabeçar o quadro de honra da escola. E, nesse quadro, o seu maior pânico é descer no ranking, falhar-lhe a adulação da turma e da escola, dos professores e da família.

Atrás deste líder não se reconhece um trajecto de lutador, cintila uma caderneta de estudante.

À frente deste líder não se vislumbra um país a construir, perfila-se um anfiteatro a deslumbrar.

Como afirmava a Za Za Gabor - uma mamalhuda de Hollywood oxigenada e sem talento -, pior que dizerem mal dela era não dizerem nada. Paulo Portas tem talento, não é mamalhudo e de tão careca nem se pode oxigenar, mas não anda longe de pensar o mesmo.

Daí as suas ideias políticas serem um digest de manuais bolorentos servido em megafone de queima-das-fitas a berrar por feiras e mercados.

Não lhe importa ser ridículo, o que é preciso é ser qualquer coisa no alinhamento das notícias.

Ágil e criativo a jogar com as palavras, faz de cada pobreza de ideias um bouquet de metáforas, enfeita a ignorância com leituras de badana, disfarça a ausência de estudo com perguntas de algibeira e sorri imenso por saber o preço da bilha de gás na caça ao voto dos reformados, embora se esteja nas tintas para os pormenores do trabalho e exploração humanos que lhe acendem o esquentador.

A este líder, o que interessa não são os problemas dos cidadãos mas as frustrações dos eleitores, na exacta medida em que o seu projecto político não é combater as injustiças mas servir-se delas para combaterem pelas suas ambições.

Ambições que estão em alta nas sondagens, de tanto beijar velhinhos nos hortos do desespero.

Só que, no caso de Portas, os 30 dinheiros andam tão à vista que nem um Judas a sério consegue ser.

Quanto muito, será uma metáfora do Iscariotes.

Reabilitação urbana no Cacém

Plano prevê mais 800 fogos

O PCP e os eleitos da CDU em Sintra vão votar contra qualquer plano de pormenor que viabilize a nova urbanização da Quinta do Mota no Cacém.

Em conferência de imprensa na terça-feira, a concelhia de Sintra do PCP manifestou a sua oposição ao Plano de Pormenor que vai sustentar a intervenção do Polis, o qual aponta para a construção de mais de 800 fogos.

Para o PCP trata-se de um projecto inadmissível «numa zona completamente saturada de betão, em ruptura total de acessibilidades, equipamentos e espaços verdes». E mesmo a nova rede viária proposta no plano «nascerá já saturada se tiver o contrapeso

dos novos fogos», afirmam os comunistas.

O cenário futuro será uma espécie de «muralha» colada ao IC-19, que anulará qualquer tentativa de «centralidade de qualidade».

Ainda relativamente ao Polis para a Baixa do Cacém, o PCP manifesta-se contra a «expulsão» dos seus habitantes actuais, condenando «a ideia de que a cidade custa dinheiro e é para quem a possa pagar», tanto mais que as transformações previstas serão fei-

tas com dinheiros públicos. Neste sentido exige que a população seja esclarecida e lhe seja dada a garantia de que todos os desalojados - habitações e actividades comerciais - serão realojados na área do Plano, exceptuando-se aqueles que pretendam outra solução.

O Polis prevê a demolição de cerca de 400 fogos, dezenas de estabelecimentos comerciais, uma fábrica, escolas e creches, transformações que pelo volume suscitam naturais dúvidas quanto à sua necessidade.

Os comunistas afirmam que o programa Polis vai agravar a situação do Cacém

O programa Polis teve o voto contra do PCP na Assembleia da República por constituir, na opinião dos comunistas, uma «clara transferência de competências da

Administração Pública para empresas de direito privado», as chamadas sociedades gestoras do programa.

De facto, as verbas assim destinadas para a requalificação urbana e ambiental são retiradas aos programas operacionais regionais (mais de 42 milhões de contos), que deveriam ser geridos pelas autarquias.

Setúbal Contra co-incineração na Arrábida

O Largo da Misericórdia, em Setúbal, foi na passada sexta-feira palco de mais uma iniciativa da DORS do PCP contra a co-incineração de resíduos industriais tóxicos e perigosos na serra da Arrábida.

Ao fim da tarde, aproveitando a passagem de muitos transeuntes, foi distribuído um comunicado à população e recolhido um número significativo de assinaturas. Após um curto momento musical de Toni da Costa, Nuno Dias, da JCP, Regina Marques, vereadora da Câmara Municipal de Setúbal, Odete Santos, deputada (ambas membros da DORS) e João Bárbara, médico inde-

pendente e membro Grupo de Cidadãos pela Arrábida, mas falando a título pessoal, intervieram no sentido da população do concelho manter-se atenta e mobilizada para próximas batalhas contra os desígnios do governo nesta matéria.

Entretanto, a Câmara Municipal de Setúbal, por proposta da CDU, rejeitou a co-incineração na Sécil fazendo valer os pressupostos do próprio PDM, enquanto na Assembleia Municipal a CDU viu igualmente aprovada uma proposta de saudação ao executivo camarário pela deliberação tomada. Em ambos os órgãos, como é sabido, o PS detém a maioria.

Inauguração do MARL Maus acessos geram protesto

Uma concentração de protesto, promovida pela Comissão Concelhia de Vila Franca de Xira do PCP, marcou, na segunda-feira, a inauguração do MARL.

Em carta pessoalmente entregue ao primeiro-ministro, os comunistas, certos de traduzir o sentimento da população, dizem não estar contra o MARL, que consideram uma estrutura necessária e que fica bem no concelho de Loures, apenas contestam o facto de se inaugurar a obra sem que tivessem sido construídos os acessos da Estrada Nacional 10 ao A1 nos Caniços e no Sobralinho.

É que uma boa parte dos milhares de veículos pesados que diariamente se vão dirigir ao MARL vão ter de usar as rotundas de Alverca, congestionando ainda mais este Nó e agravar ainda mais a já complicada vida de milhares de automobilistas que diariamente utilizam a Estrada Nacional 10.

Esta é uma reivindicação antiga, sobre a qual, em Setembro de 1997, o Governo assumiu compromissos concretos que não cumpriu, tendo a população, em 1999, entregue ao primeiro-ministro um abaixo-assinado com cerca de 7 mil assinaturas reivindicando a construção do Nó do Sobralinho. Na segunda-feira, à carta da Concelhia do PCP, António Guterres limitou-se a dizer que o Governo tinha uma posição diferente, entrando apressadamente num carro que o aguardava.

Manuel da Silva é nome de rua

A Câmara Municipal de Lisboa atribuiu a uma nova rua da cidade o nome de

Manuel Luís da Silva Jr., destacado resistente antifascista e militante do PCP que, tendo

dedicado toda a sua vida à causa da liberdade e da democracia, foi, após o 25 de Abril, condecorado com a Medalha da Liberdade.

No acto de inauguração da nova artéria, encontravam-se vários dirigentes comunistas, numerosos camaradas e amigos que quiseram associar-se à homenagem a Manuel da Silva, ali representado pela sua companheira de vida e de luta, Maria Gertrudes Paulino.

Coube a António Dias Lourenço, dirigente histórico do PCP e seu camarada de sempre, proferir algumas palavras sobre o homenageado. Emocionado, Dias Lourenço lembrou a luta heróica e o percurso político de Manuel da Silva que, em 1932, adere ao PCP.

Presos por duas vezes, em 1945 consegue fugir da sua residência assaltada pela PIDE e entrega-se totalmente ao combate na clandestinidade, «levando ao coração das massas, como mensageiro da

libertação, a mensagem da esperança e da confiança em melhores dias».

Ao longo desses anos teve a seu cargo tarefas de grande responsabilidade: tipografias clandestinas, o aparelho de agitação e propaganda, a coordenação temporária do aparelho fronteiriço que, em Abril de 1974, iria transferir para outro companheiro.

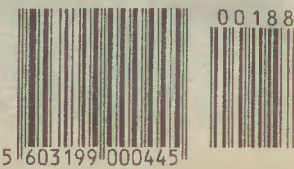
Manuel da Silva, como disse Dias Lourenço, dedicou a sua vida «à luta heróica e dura do seu Povo e do seu País, pela Liberdade, a Democracia e o progresso social, por um futuro independente, promissor e livre». Agora, para que as gerações mais novas o não esqueçam, Lisboa usa-lhe o nome.



Encontro entre PCE e PCP

Uma delegação do PCE, dirigida pelo seu secretário-geral, Paco Frutos, e integrando Pedro Marsset e José Luiz Nuñez, encontrou-se, na terça-feira, no Centro de Trabalho Soeiro Pereira Gomes, com uma delegação do PCP composta pelo seu secretário-geral, Carlos Carvalhas, e, ainda, Domingos Abrantes, da Comissão Política, Albano Nunes, do Secretariado, e Domingos Lopes, da Secção Internacional.

As duas delegações trocaram opiniões sobre a situação nos dois países e sobre a actividade dos seus partidos.



00188